

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

FERNANDO FONSECA DE MELO

**CAPITAL PARANAENSE DO FOLCLORE: MEMÓRIAS E CULTURA
POPULAR NO COTIDIANO DA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR**

**CAMPO MOURÃO – PR
2023**

FERNANDO FONSECA DE MELO

**CAPITAL PARANAENSE DO FOLCLORE: MEMÓRIAS E CULTURA
POPULAR NO COTIDIANO DA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR**

Trabalho de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História Pública
Orientador(a): Dr(a). Jorge Pagliarini Junior.

**CAMPO MOURÃO – PR
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fonseca de Melo, Fernando

Capital Paranaense do Folclore: Memórias e Cultura Popular no cotidiano da cidade de Quinta do Sol/PR / Fernando Fonseca de Melo. -- Campo Mourão-PR, 2023.

173 f.: il.

Orientador: Jorge Pagliarini Junior.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2023.

1. Cultura Popular. 2. Folclore. 3. História Pública. 4. Memória. I - Pagliarini Junior, Jorge (orient). II - Título.

FERNANDO FONSECA DE MELO

**CAPITAL PARANAENSE DO FOLCLORE: MEMÓRIAS E CULTURA POPULAR
NO COTIDIANO DA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Jorge Pagliarini Junior (orientador) – Programa de Pós-Graduação em História Pública/Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Documento assinado digitalmente

gov.br

FABIO ANDRE HAHN

Data: 01/09/2023 10:42:47-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Fábio André Hahn – Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Documento assinado digitalmente

gov.br

JANAINA CARDOSO DE MELLO

Data: 31/08/2023 09:52:31-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Janáina Cardoso de Mello – Universidade Federal de Sergipe – UFS

Data de Aprovação

23/06/2023

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que vivem, trabalham, lutam e propagam o folclore e a cultura popular por todo o Brasil. Aqueles que resguardam, estudam, ensaiam, viajam para todos os cantos do país levando um pouco da sua terra, da sua gente, dos seus costumes e tradições.

Em especial, dedico ao Grupo Parafolclórico Pôr do Sol que, na pessoa do professor Lucinei Carneiro, possibilitou a cidade de Quinta do Sol viver essa realidade cultural tão diversa e ampla, como é a cultura nacional.

E para todos aqueles que colaboram com a realização do Festival de Folclore de Quinta do Sol, tornando um sucesso na cidade e região, garantindo reconhecimento a nível nacional e internacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, à minha família, por sempre me apoiar em todos os projetos que resolvi levar adiante. Obrigado minha mãe Sudária, meu pai Raimundo e meu irmão Ricardo, por estarem sempre ao meu lado.

Um obrigado a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada, desde as primeiras palavras até a vivência desse programa de mestrado. Em especial, ao professor Jorge, pela paciência, pela dedicação e pelas correções e puxões de orelha na escrita dessa dissertação. Às professoras Ivone, Solange, Izabel e Ângela que idealizaram o Projeto Click Paraná e, ao lado do professor Lucinei, possibilitaram a criação do Grupo Pôr do Sol, todos eles foram meus professores no Colégio Estadual São Judas Tadeu, anos antes de empreenderem esse projeto. Boas recordações que tenho dos ensinamentos de cada um.

A todos os entrevistados, pela colaboração e atenção, ao responderem as perguntas e contarem suas experiências com o grupo e o festival, compartilhando histórias, sentimentos e vivências.

Aos colegas de mestrado Diogo, Letícia, Silvio e Talita, proletários que se uniram e compartilharam cada momento, nas aulas virtuais devido à pandemia, as reuniões online ou conversas por aplicativo. Sempre ajudando nas dúvidas, nas leituras, até mesmo se encontrar nas datas das entregas de atividades.

*“O motivo do Folclore é o Humano, o normal,
o diário, o comum”*

Luís da Câmara Cascudo

RESUMO

MELO, Fernando Fonseca de. **Capital Paranaense do Folclore: Memórias e Cultura Popular no cotidiano da cidade de Quinta do Sol/PR**. 173f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2023.

O objetivo desta pesquisa é, a partir da preocupação com as audiências e a História Pública, compreender historicamente e processualmente o impacto do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol no âmbito público da referida cidade, entendido tanto pelo discurso oficial do município quanto pelas memórias dos seus moradores. Afinal, quais fatores históricos, culturais e sociais, levaram uma cidade do interior, sem tradição nativa da cultura popular, a ser elevada ao título de Capital Paranaense do Folclore? Por meio de entrevistas com moradores, representantes do grupo e do poder público, bem como, análise de materiais de divulgação e matérias jornalísticas, tenta-se compreender esse fenômeno cultural e perceber como os moradores entendem e/ou ressignificam esta tradição recente. Em 2002, surgiu de um projeto escolar que deu origem à Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol, um grupo de danças folclóricas com a participação de professores, alunos e membros da comunidade, que já se apresentou em festivais na América do Sul e Europa. A partir de 2005, foi criado o Festival de Folclore de Quinta do Sol - FEFOSOL, atividade que se consolidou como um evento à nível nacional e internacional, com a participação de grupos de todas as regiões do Brasil e de outros países. O evento é aberto ao público e tem entrada gratuita, atraindo espectadores da cidade e região, sendo um polo de democratização da cultura popular. Assim, a pesquisa procura valorizar o folclore, aqui entendido pelo significado das práticas, apropriações e ressignificações populares a partir das dinâmicas histórico-culturais em Quinta do Sol, por meio de entrevistas ressaltando a História Oral e pesquisa documental e imagética sobre esse período. Como resultado propositivo, o projeto visou a criação-teste de um Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol, para salvaguardar e difundir as memórias sobre esse fenômeno histórico e cultural.

Palavras-chave: Cultura Popular. Folclore. História Pública. Memória.

ABSTRACT

MELO, Fernando Fonseca de. **Paraná's Folklore Capital: Everyday Memories and Popular Culture in the city of Quinta do Sol, Paraná, Brazil.** 173 pages. Dissertation. Post-Graduate Program in Public History - Master's degree. Paraná State University, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2023.

The objective of this research is to understand, from the perspective of public history and the people, the historical and procedural impact of the contemporary folkloric group "Pôr do Sol" and the Quinta do Sol's Folklore Festival within the aforementioned town's public sphere, as perceived through both the official municipal discourse as well as the memories of its residents. After all, what historical, cultural and social factors led a suburban city with no native traditions of popular culture, to be elevated to the title of Paraná's Folklore Capital? Through interviews with residents and public representatives, along with the analysis of publicity materials and news stories, it is attempted to comprehend this cultural phenomenon and to acknowledge how the residents understand and/or add new meaning to this recent tradition. In 2002, a school project gave rise to the "Por do Sol Folklore Research and Projection Association", a group of folkloric dance performances featuring the participation of teachers, students, and community members. The group has since performed in festivals across South America and Europe. From 2005 onwards, the "Quinta do Sol's Folklore Festival - FEFOSOL" was created, and through time, it has entrenched itself as a national and international event, with groups from all regions of Brazil as well as from other countries attending. The event is open to the public and it is also free, attracting viewers from the city and the region, being a center of the democratization of popular culture. Thus, this research aims to value folklore, understood here as the meaning of popular practices, appropriations and re-significations arising from the historical-cultural dynamics in Quinta do Sol, through interviews that highlight the oral history as well as the documentary and imagery research of this period. As a proposed result, the project envisioned the test-creation of a Quinta do Sol Folklore Virtual Memorial, to safeguard and disseminate the memories regarding this historical and cultural phenomenon.

Keywords: Popular Culture. Folklore. Public History. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Logotipo do site do Projeto Click Paraná.....	31
Imagem 2: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre o lançamento do site Click Paraná com os professores idealizadores do projeto	32
Imagem 3: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre a primeira apresentação do projeto Click Paraná	34
Imagem 4: Certificado de participação no FEFOCAMO – Festival Folclórico de Campo Mourão em 2003.....	37
Imagem 5: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre a vitória no Festival de Dança de Cascavel.....	38
Imagem 6: Matéria do Jornal Gazeta Regional, da cidade de Olímpia (SP) sobre a presença do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol no FEFOL	40
Imagem 7: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre a recepção do Grupo Pôr do Sol após a participação no Festival de Folclore de Olímpia (SP).....	40
Imagem 8: Matéria do Jornal Enfoque Regional sobre a apresentação ao Príncipe Naruhito	42
Imagem 9: Folder de divulgação da programação do 64º Mezinárodní Folklorní Festival em Cervený Kostelec, na República Tcheca	45
Imagem 10: Cartaz do I FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol.....	47
Imagem 11: Cartaz do II FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol.....	48
Imagem 12: Cartaz do V FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol	49
Imagem 13: Capa do Jornal Enfoque Regional, referente ao VI FEFOSOL	52
Imagem 14: Apresentação de Samba do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol no encerramento do VII FEFOSOL	53
Imagem 15: Cartaz do VIII FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol	54
Imagem 16: Atividade de interação e almoço no Lar dos Velinhos São Judas Tadeu (2014)	56
Imagem 17: Cartaz do X FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol	57
Imagem 18: Novo figurino do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol para as apresentações de fandango caíçara	59
Imagem 19: Ballet Folklorico Tlaneci, do México, no palco do XIII FEFOSOL.....	61
Imagem 20: Apresentação da Companhia Folklorica Brisa Austral (Chile).....	62

Imagem 21: Cartaz do XV Festival de Folclore de Quinta do Sol.....	64
Imagem 22: Tabela de participações no FEFOSOL, por ano e por grupo, entre 2008 e 2022	67
Imagem 23: Tabela de municípios da Região de Campo Mourão nas áreas vizinhas às terras da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.....	87
Imagem 24: Localização do município de Quinta do Sol no mapa do Estado do Paraná..	89
Imagem 25: Caminhão do Senhor Aloísio Soares Fonseca, carregado com hortelã, em 1959, estacionado na Rua Travessa Netuno, lado esquerdo Igreja Católica, lado direito, terreno onde foi construído o Colégio Estadual São Judas Tadeu.....	90
Imagem 26: Brasão do Município de Quinta do Sol.....	96
Imagem 27: Bandeira de Quinta do Sol	96
Imagem 28: Planta da área urbana do Município de Quinta do Sol.....	100
Imagem 29: Vista aérea da zona urbana do Município de Quinta do Sol.....	100
Imagem 30: Lei Municipal nº 024/78 – que altera os nomes das vias públicas de Quinta do Sol.....	102
Imagem 31: Lei Municipal nº 427/2009 – que declara Utilidade Pública à Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol	105
Imagem 32: Lei Estadual nº 19.662/2018 – concede o Título de Capital Paranaense do Folclore ao Município de Quinta do Sol	106
Imagem 33: Capa do Jornal Enfoque Regional, referente ao IV FEFOSOL	107
Imagem 34: Matéria do Jornal Enfoque Regional, de Engenheiro Beltrão, referente ao VII FEFOSOL.....	108
Imagem 35: Ônibus do Transporte Escolar da Prefeitura de Quinta do Sol	111
Imagem 36: Ponto de Ônibus localizado na Avenida Cruzeiro do Sul, esquina com Rua Lira	112
Imagem 37: Portal de Entrada do Município de Quinta do Sol	112
Imagem 38: Perfil do Projeto “Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol” no Instagram	131
Imagem 39: Modelo do folder distribuído no Festival de Folclore de Quinta do Sol.....	132
Imagem 40: Visualização da home do protótipo de site do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol.....	138
Imagem 41: Visualização da Aba “Capital Paranaense do Folclore” do protótipo de site do Memorial Virtual.....	139

Imagem 42: Visualização da aba “O FEFOSOL” do protótipo de site do Memorial Virtual	140
Imagem 43: Visualização da aba “As Culturas Representadas” do protótipo de site do Memorial Virtual	140
Imagem 44: Visualização da aba “Grupos Participantes - 2022” na página do Festival de Folclore de Quinta do Sol	141
Imagem 45: Visualização da aba “O Grupo Pôr do Sol e suas viagens” do protótipo de site do Memorial Virtual	141
Imagem 46: Visualização da aba “Repertório” na página do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol	142
Imagem 47: Visualização da aba “Convivência da Terceira Idade” do protótipo de site do Memorial Virtual	142
Imagem 48: Visualização da aba “Tarde Escolar” do protótipo de site do Memorial Virtual	143
Imagem 49: Visualização da aba “Fale Conosco” do protótipo de site do Memorial Virtual	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALEP – Assembleia Legislativa do Estado do Paraná
CE – Ceará
CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
COPEL – Companhia Paranaense de Energia Elétrica
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
DGTC – Departamento de Geografia, Terras e Colonização
E.F.M. – Ensino Fundamental e Médio
FEFOCAMO – Festival Folclórico de Campo Mourão
FEFOL – Festival de Folclore de Olímpia (São Paulo)
FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol (Paraná)
HP – História Pública
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JUNIFEST – Festa Junina das Escolas de Quinta do Sol
MA – Maranhão
MT – Mato Grosso
PA – Pará
PB – Paraíba
PR – Paraná
PROFICE – Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná
RJ – Rio de Janeiro
RPC – Rede Paranaense de Comunicação
RN – Rio Grande do Norte
RS – Rio Grande do Sul
SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná
SE – Sergipe
SINOP – Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Limitada
SP – São Paulo
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná
VHS – Video Home System

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: VOLTO PRA CASA, NAS ASAS DE UM ROUXINOL: memórias da transformação de um projeto escolar em um fenômeno histórico-cultural na cidade de Quinta do Sol	27
1.1 Do Click Paraná ao Festival de Olímpia	30
1.2 Pelo Brasil e ganhando o mundo	42
1.3 FEFOSOL, o encontro da cultura popular	46
CAPÍTULO 2: Ô DE CASA: folclore e cultura popular	69
2.1 Fandango Caiçara, a cultura popular do litoral paranaense	70
2.2 Patrimônio Cultural	76
2.3 Folclore e Parafolclore	79
CAPÍTULO 3: VEM VER, VEM CONHECER MINHA CIDADE-SORRISO: a trajetória pública do discurso do pioneirismo ao do Folclore	86
3.1 A terra dos pioneiros, da hortelã e café à soja e o milho	91
3.2 Cidade dos Astros	99
3.3 Capital Paranaense do Folclore	104
3.4 O patrimônio e o turismo cultural	114
CAPÍTULO 4: MARINHEIRO, ME LEVA!: uma proposta de divulgação histórica	122
4.1 História Pública e História Pública Digital	123
4.2 A memória na era da informática	127
4.3 Memorial Virtual do Folclore: concepção e teste online	130
4.4 Protótipo de site do Memorial Virtual	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
FONTES	149

REFERÊNCIAS	152
APÊNDICES	159
ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

“Outra igual no mundo não há”, com esse verso, o hino do município de Quinta do Sol reflete a singularidade deste pequeno lugar do centro-noroeste do estado do Paraná, à época da composição do hino municipal, essa afirmativa foi pensada num contexto de ode ao pioneirismo. Todo lugar é singular, mas nem sempre esse processo é harmônico, há divergências ideológicas, de visão sobre os papéis desempenhados pelos diversos agentes históricos. Hoje a cidade se reestrutura, em relação à sua imagem pública, com o Festival de Folclore de Quinta do Sol.

A cidade de aproximadamente 5.006 habitantes (IBGE, 2022a), segundo a prévia do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é reconhecida como “Capital Paranaense do Folclore”, título recente dentro da história de quase seis décadas desde a chegada daqueles considerados pelos discursos oficiais locais como seus primeiros pioneiros. Esses sujeitos ocuparam a região a partir de políticas públicas do Governo do Paraná, a fim de aumentar de forma considerável sua influência na região com a criação de vilas e cidades sob sua tutela, naquilo que chamavam de “vazio demográfico”¹. Entretanto, a região era já habitada por povos originários e outros pequenos povoamentos tradicionais às margens dos rios, no meio da mata subtropical que predominava na região, de forma esparsa, sem formar aglomerados urbanos.

Este trabalho visa abordar as ações de pesquisa, de projeção e de preservação de cultura popular presentes no processo que levaram a cidade de Quinta do Sol, a ser elevada ao posto de referência estadual e nacional no âmbito do folclore. Também procura compreender como as atividades de projeção folclórica, desenvolvidas por meio da performance da dança, da cultura popular e da divulgação do folclore, construíram uma nova realidade histórico-cultural do município ao longo do século XXI. Esse estudo se dá por meio do entendimento das percepções e impactos do festival, entendido aqui enquanto um processo sobre os

¹ “Vazio demográfico” foi um termo cunhado por estudiosos da construção social do Paraná, como Temístocles Linhares (autor de *Paraná Vivo: sua vida, sua gente, sua cultura*, publicado em 1953) e Wilson Martins (autor de *Um Brasil Diferente: ensaio sobre os fenômenos de aculturação no Paraná*, publicado em 1955), pelos quais o território paranaense era visto como um local com grandes espaços vazios entre as cidades existentes, que ficavam distantes umas das outras e necessitava habitar esses locais “desabitados”, para facilitar o transporte, a comunicação. Em seus escritos, há um apagamento da população indígena, que era vista como inapta para essa colonização do vazio demográfico, geralmente, os enfrentamentos destes com os imigrantes brasileiros e estrangeiros são apagados, não constam essas disputas de terra não são destacados na literatura sobre esse período.

públicos e seu contato com essa forma de expressão cultural, a partir das diferentes audiências, especificamente divididas em: audiências do grupo, do município e dos órgãos públicos municipais.

Embora seja um fenômeno concretizado, o festival não se trata de um acontecimento homogêneo: faz parte da história da cidade, mas possui conflitos e divergências. Assim, tenta-se responder a seguinte pergunta: quais fatores históricos, culturais e sociais, levaram uma cidade do interior, sem tradição nativa da cultura popular, sem ser o berço do fandango caiçara (principal expressão folclórica do Paraná) a ser considerada oficialmente como capital da dança folclórica do Paraná? Essa questão se estende para outras duas, quais sejam: como os moradores entendem e interagem com o festival? Quais práticas culturais e suas implicações públicas definem esse processo de apropriação e ressignificação do folclore paranaense? Essa abordagem histórica envolve, conforme será analisado nos capítulos seguintes, diferentes expectativas e temporalidades de um fenômeno social recente e em desenvolvimento.

A cidade de Quinta do Sol foi reconhecida com o título de “Capital Paranaense do Folclore” a partir da assinatura da Lei Estadual nº 19.662, de 20 de setembro de 2018. Contudo, o percurso para chegar a essa titulação começou em 10 de outubro de 2002, com a primeira apresentação do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, que nasceu de um projeto escolar com objetivo de difundir na cidade do interior do estado as danças folclóricas paranaenses oriundas do litoral, sobretudo, o fandango caiçara. Assim, a data da primeira apresentação do grupo é considerada a data oficial de sua fundação (GRUPO PÔR DO SOL, 2022). Nasce, nesse momento, a Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol, que cresceu ao passar de vinte anos, elevando-se ao patamar de um dos principais grupos parafolclóricos do país, participando de festivais nacionais e internacionais e, sendo responsável pela organização do Festival de Folclore de Quinta do Sol - FEFOSOL, que anualmente recebe milhares de visitantes para acompanhar grupos de danças de cultura popular de todo o Brasil.

Faz-se importante analisar esse processo histórico-cultural em uma cidade do interior do Paraná de pequeno porte como é o caso de Quinta do Sol. Com isso, estudar sobre o impacto da cultura popular, da tradição e dos saberes e linguagens como resultantes de um processo de estudo (realizado pelo grupo) e projeção cultural que conquistou reconhecimento e importância para se estabelecer entre os principais redutos de preservação do folclore no estado e no país. Portanto, se faz necessário reconhecer os diversos públicos e o ente público local – no caso, a Prefeitura e sua relação com o grupo e o festival – que são atingidos por

esse fenômeno histórico-cultural e, analisar como os povos do litoral foram incluídos ou não nesse processo e quais os contatos realizados durante esse período.

A pesquisa, a partir da crítica de Michel de Certeau, em “A Cultura no Plural” (1995), está atenta aos limites de uma noção de cultura popular apresentada pelo autor a partir da metáfora da “beleza do morto”, uma crítica a um tipo de noção de cultura popular autorizada *a priori* e vigiada pelo rigor científico/erudito da época estudada pelo autor, a França do século XVI ao XVIII. Afinal, segundo o autor a cultura popular foi primeiro criticada para depois ser estudada, foi necessário que ela perdesse sua aura de perigo à nação para ser naturalizada. Sendo assim, foi morta para então ser cultuada. Há uma constância desse elemento mórbido na construção do conceito de cultura popular não somente nas análises dos folcloristas, como entre os historiadores e outros estudiosos da cultura popular.

A realização dessa pesquisa implica uma análise multifacetada ao discutir História Pública, História Oral e Patrimônio Cultural, com a análise de depoimentos e de uma revisão bibliográfica que contribuam para o debate sobre linguagens culturais e o processo de valorização da cultura popular. Tendo em vista que, o processo de oficialização da cidade de Quinta do Sol ao título de “Capital Paranaense do Folclore” é um fenômeno recente ocorrido entre os anos de 2017 e 2018, assim há possibilidade de se ter acesso aos dados e documentos que fizeram parte do dossiê para tramitação do projeto de lei e realizar entrevistas com pessoas que participaram direta ou indiretamente na construção deste processo. Bem como, analisar o impacto e as percepções dos munícipes e dos entes públicos sobre esse reconhecimento num processo histórico-cultural.

A partir desse modelo de construção histórica e social que justificam a escolha de tal perspectiva de pesquisa para abordar o tema proposto, apresento também a proposição da construção de um Memorial Virtual, para salvaguardar e difundir os itens que foram levantados durante a pesquisa e estar aberto para inclusões e manutenções futuras. Afinal, é possível perceber a necessidade de se criar um espaço digital de difusão da memória, tendo em vista que na cidade de Quinta do Sol não existem museus ou outros espaços físicos de memória. Então, sugerir a criação de um “memorial digital” se mostra uma alternativa mais viável para a manutenção de um espaço de memória como resultado propositivo da pesquisa. Inicialmente, foi desenvolvido um perfil-teste, em uma página na rede social Instagram para se obter uma análise de como esse produto histórico-cultural pode ser trabalhado e a potencial interação com os diversos públicos. Para divulgação durante o FEFOSOL realizado em 2022 foi disponibilizado um folder com *QR Code* do perfil no Instagram e de acesso a um formulário online para que pudessem responder perguntas sobre o festival. O passo seguinte

foi a criação de um protótipo de site para o memorial na plataforma Google Sites com elementos que serão descritos no decorrer deste trabalho.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é o de, a partir da preocupação com as audiências e a História Pública (HP), compreender historicamente o impacto do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol, ou seja, problematizar como uma cidade do interior veio a receber o título de “Capital Paranaense do Folclore”. Para isso, são apresentados outros objetivos e ações, como: analisar as audiências entre o grupo, usos dos órgãos públicos municipais e o significado do festival e do grupo para os moradores da cidade; problematizar os impactos desse evento no cotidiano do município e para a história local/regional; compreender o papel do Festival de Folclore de Quinta do Sol na construção de uma nova realidade cultural da cidade, e assim relacionar processualmente esse fenômeno com discursos e práticas anteriores do município; estabelecer relações entre título de “Capital Paranaense do Folclore” e a manutenção do patrimônio cultural imaterial do Paraná sob o viés da História Pública, acerca das percepções de munícipes; apresentar um material propositivo focado na construção de um memorial virtual do festival o qual poderá ser disponibilizado para os sites do Festival de Folclore e da Prefeitura Municipal de Quinta do Sol, contribuindo com isso para o estudo e divulgação histórica da Capital Paranaense do Folclore, se eles considerarem a utilidade desse material para seus usos. Com isso, analisar se a História Pública pode contribuir com uma política de memórias e produção de conhecimento histórico a partir do estudo das diferentes audiências do Festival de Folclore de Quinta do Sol. Isso é uma vivência bem particular, pois já acompanhei o grupo e o festival por diversos anos, desempenhando diversas funções, como fotógrafo, ajudando nos bastidores, na divulgação pela assessoria de comunicação da Prefeitura.

A base metodológica da pesquisa divide-se entre a História Oral e o estudo de material jornalístico e outros materiais, como fotografias e vídeos de arquivos pessoais e institucionais que retratam a passagem do tempo desta manifestação da cultura popular, além de um levantamento bibliográfico sobre temas afins. A pesquisa de campo a partir da História Oral contou com entrevistas com membros atuais e antigos do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e de moradores de Quinta do Sol, com a intenção de conhecer e analisar as percepções e o impacto do Festival de Folclore e do grupo no cotidiano das pessoas da cidade.

Desde a instalação do festival, as apresentações ganharam uma proporção em larga escala, com a presença de grupos de diversos estados brasileiros e até de outros países. Além

da transmissão ao vivo pela internet², alcançando um público ainda maior. Com tais contatos, foi possível encontrar alguns itens como fotos, vídeos, vestimentas, instrumentos, crachás, *souvenirs* e outros elementos que possam ser ligados à memória do grupo e do festival. Desse modo, para que pudessem ser realizadas as entrevistas, foi necessário submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESPAR, com um rol de informações constantes nos anexos do mesmo e cadastrado na Plataforma Brasil³. Com o parecer de aprovação pelo CEP⁴, deu-se início o trabalho de campo e realização das entrevistas, com gravações de áudio. A minha formação em Jornalismo proporcionou ferramentas para que pudesse realizar as entrevistas, adotando métodos de radiojornalismo para abordagem dos entrevistados e condução do diálogo.

Houve a realização de pesquisa em jornais, revistas, sites e outras fontes de mídia jornalística que produziram conteúdos sobre o objeto de estudo ao longo dos anos de edições do festival. Devido meu contato com o grupo e o festival, tendo participado dos bastidores de eventos e até viajado com grupo para festivais fora do Paraná, utilizei a experiência no jornalismo com clipagem de mídias para traçar um paralelo sobre como o folclore de Quinta do Sol era visto pela imprensa. A clipagem ou *clipping* é um “serviço de apuração, coleção e fornecimento de recortes de jornais e revistas sobre determinado assunto, sobre as atividades de uma empresa ou instituição, sobre determinada pessoa, etc.” (RABAÇA; BARBOSA, 1998, p.138). Neste caso, foi possível encontrar os usos iniciais da nomenclatura de “Capital Paranaense do Folclore”, demonstrando que foi uma construção dos meios de comunicação da qual se valeu para dar justificativa ao projeto de lei estadual. Também houve pesquisa em documentos da Prefeitura e Câmara Municipal no intuito de localizar documentos que contribuíssem com o estudo das transformações que envolveram a cidade a partir de seus discursos oficiais e políticos.

Nesse ponto, cabe informar que a metodologia pensada na elaboração da pesquisa sofreu alterações no decorrer da sua realização, encontrando sustentação nos temas abordados nesta disciplina ao abraçar o viés da História Pública (MAUAD; ALMEIDA; SANTHIAGO, 2016; CAUVIN, 2019; ASHTON; KEAN, 2009; KELLEY, 1978) aliada ao trabalho de História Oral (ALBERTI, 2018; MEIHY; HOLANDA, 2011; SANTHIAGO, 2019) e, para a parte de pesquisa, mas também para a abordagem propositiva do trabalho, a História Pública

² Link do canal de transmissão do FEFOSOL no YouTube: <https://www.youtube.com/@FEFOSOL5244>

³ Sob o processo de nº 56000222.7.0000.9247.

⁴ Parecer Consubstanciado do CEP nº 5.410.364 constante nos anexos deste trabalho.

Digital (LUCCHESI, 2014; NOIRET, 2015). Dessa maneira a pesquisa se aproxima de um conjunto de abordagens e procedimentos que, no Brasil, segundo Santhiago (2019, p. 153) tem sido corriqueira a “História Pública com a prática engajada da História Oral – que impulsiona a imersão do pesquisador em uma vivência participativa na realidade do grupo que estuda e com o qual trabalha”⁵.

Para o trabalho fiz uma pesquisa bibliográfica em fontes específicas sobre temas relacionados ao objeto: Fandango Paranaense e Folclore; Cultura Popular; Patrimônio Cultural Imaterial; Identidade Cultural; História Oral; História Local; Turismo Cultural; Memória e identidade; e História Publica Digital. Esse procedimento visa a construção de um referencial teórico coeso e com informações importantes para o desenvolvimento da pesquisa, para tal utilizei livros acerca dos temas, pesquisa na internet em sites como o Google Acadêmico.

Dentre as expressões utilizadas na ferramenta de busca do Google Acadêmico, utilizei o termo “História Pública” entre aspas para filtrar a mineração dos dados referentes à HP e “Folclore” na mesma ação de busca. Essa busca resultou em 346 respostas, com livros, artigos, teses, dissertações, trechos de publicações e outros materiais acadêmicos, sendo que refinando para língua portuguesa, ficando com 285 resultados e, utilizando a pesquisa avançada e colocando os termos obrigatoriamente no título, foi encontrado apenas um artigo que atendia à demanda sobre HP e Folclore⁶. Alterando a busca para “História Pública” e “Cultura Popular” foram encontradas em língua portuguesa 512 trabalhos. No entanto, nem sempre esses resultados satisfaziam aos interesses da pesquisa aqui realizada, demonstrando que a relação entre História Pública e Folclore ainda é incipiente dentro do ambiente acadêmico. No site Sacie-lo Brasil, famoso repositório de trabalho acadêmico, não foi encontrado nenhum resultado que atendesse aos termos História Pública e Folclore, mesmo sem o filtro das aspas.

⁵ Em outra obra, Santhiago (2018) robustece a aliança da História Oral com a História Pública a fim de que a primeira reforce o caráter da segunda não como produto, mas como um processo em movimento contínuo e, até mesmo, a integração entre ambos.

⁶ Buscas realizadas durante a pesquisa, sendo as últimas em julho de 2023 durante a correção pós-banca de defesa, assim, o resultado apresentado é referente ao mês de julho/2023, que devido à publicação de materiais durante o período, é o que apresentou maior número de resultados encontrados. Destaco assim, três trabalhos que possuem maior aproximação entre História Pública e Folclore: “O Boi-Bumbá de Parintins como Arte e História Pública: do Folguedo de Terreiro ao Espetáculo de Arena e além”, de Silveira e Nakanome (2021); “A História Pública e a construção do ‘Popular’ no acervo de cordéis da Fundação Casa de Rui Barbosa (1961-2012)”, de Brandão (2017); e, “Uma Experiência de História Pública: Folclore e Cidadania no Ensino de História”, de Santos, Santos e Santos (2015).

Ao comparar os resultados das buscas, destacando os poucos trabalhos que envolvem diretamente História Pública e Folclore – a maioria dos textos trazem apenas relações vagas entre os termos, não há uma correlação direta, geralmente, o trabalho aborda HP e outra situação e o Folclore aparece como pano de fundo, ou apenas para exemplificar algo pontualmente, sem aprofundar no tema – temos três trabalhos que fazem essa abordagem mais direta: Silveira e Nakanome (2021), Brandão (2017) e Santos, Santos e Santos (2015). Este último trabalho é o único que apresenta um estudo de caso, com uma atividade de campo com entrevistas, pesquisas e a proposição de divulgar os resultados para a comunidade, porém sem propor um produto fruto da pesquisa, tal qual é proposto no presente trabalho, a qual proponho a construção de um memorial virtual para os públicos e com os públicos. Os outros textos citados acima são mais teóricos, direcionados a analisar como a HP é incorporada dentro da atuação rotineira dos objetos pesquisados.

Um autor proeminente nos estudos sobre HP e Folclore/Cultura Popular é o analista de relação entre história e memória, David Glassberg, que reforça o entendimento de que a interação entre história e audiências e o estudo destas memórias ainda é recente, ao afirmar que “apenas alguns poucos casos examinaram as relações complexas entre História Pública e cultura política, cultura popular e a cultura de fazer-lugar em tempo e espaços específicos” (GLASSBERG, 1996, p. 20). Esse reconhecimento de ser uma área nova e pouco explorada age como incentivo para que novos estudos sejam feitos, sobretudo, para historiadores que trabalham com a gestão de recursos histórico-culturais por meio do estudo das memórias individuais e coletivas, “ajudando comunidades a definir e proteger seus ‘lugares especiais’ e ‘características’ através de estratégias de preservação histórica” (GLASSBERG, 1996, p. 18).

Desse modo, as entrevistas foram realizadas com um grupo de pessoas que tiveram contato ou fizeram parte do grupo ou participaram do festival e moradores de Quinta do Sol. A divisão proposta foi: dois membros da Coordenação/Fundadores do Grupo Pôr do Sol/FEFOSOL; quatro representantes (dançarinos, músicos, etc.) do Grupo Pôr do Sol, atuais ou antigos participantes; dois moradores de Quinta do Sol, sendo um representante da Prefeitura Municipal; três membros de outros grupos que participaram do FEFOSOL. Para a entrevista com pessoas que residem em Quinta do Sol, elas foram realizadas presencialmente, com gravação de áudio. Para as entrevistas com membros de outros grupos, oriundos de outras localidades, dois membros foram entrevistados presencialmente durante a realização da 15ª edição do Festival de Folclore de Quinta do Sol, que aconteceu de 2 a 5 de agosto de 2022; uma entrevista foi realizada por meio virtual, por áudio em aplicativo de mensagens.

As entrevistas seguiram um roteiro inicial de perguntas básicas – semiestruturada – que visavam conhecer e estabelecer caminhos metodológicos para o melhor contato das pessoas com o Grupo Pôr do Sol, com o festival, com o impacto que tais atividades exerceram na sua vida e na sua percepção sobre cultura de modo individual e no coletivo, como o entrevistado percebe a recepção desses elementos de cultura popular no cotidiano ou no período do festival. Por exemplo, as perguntas do roteiro buscaram conhecer qual a motivação para a realização do projeto Vale Saber? Por que foi escolhido o trabalho com folclore? Por que escolher o fandango caiçara? O que o folclore representa na sua vida antes e depois da participação no grupo? Analisar a percepção do público referente a alguma mudança na cidade após a criação do grupo e do festival, afinal o FEFOSOL faz alguma mudança perceptível na rotina de Quinta do Sol? Para membros de outros grupos, uma das questões foi: Em quais aspectos a participação no FEFOSOL foi importante para sua visão sobre a resistência e difusão da cultura popular?

Esse roteiro básico de questões, apresentado nos apêndices desta pesquisa, foi o ponto de partida para as entrevistas. Conforme a receptividade do entrevistado, foram realizadas outras questões e foi dado um espaço, para que pudessem falar o que quisessem acerca do festival, do grupo, de Quinta do Sol. Essa liberdade suscitou novos desdobramentos, por meio de memórias afetivas ou afastadas, sobre o objeto da pesquisa. Todo esse material, entrevistas, documentos oficiais e material jornalístico, colaborou para constituir um acervo do festival disponível em suporte online no perfil-teste nas redes sociais e para a ilustração de fatos narrados neste trabalho.

Nestes tempos recentes vividos de pandemia, isolamento e distanciamento social, a criação de uma espécie de “museu digital” é uma alternativa bastante promissora⁷. O Grupo Parafolclórico Pôr do Sol não possui uma sede física, utiliza duas salas do Colégio Estadual São Judas Tadeu, como local de ensaio e almoxarifado para guardar instrumentos, indumentárias e demais materiais. Durante as entrevistas, conheci o novo local do guarda-roupas do grupo, um quarto na residência de um casal de dançarinos, Ana Paula e Pablo. Assim, o grupo não dispõe de espaço para criar um museu físico em suas dependências e a

⁷ Durante a pandemia de Covid-19 houve ações de isolamento social, distanciamento, a fim de evitar a proliferação do vírus que era altamente contagioso a partir da interação humana. Muitas atividades foram interrompidas, outras mudaram para o modo *home office*, trabalhando de casa, a partir do computador e acesso à internet. Museus físicos foram afetados, sendo fechados ao público. Assim, para se ter acesso à essa atividade de visitação, alguns institutos promoveram a digitalização de seus acervos, proporcionando a experiência da visitação virtual. Como vivemos num mundo cada vez mais digital, essa atividade facilita o acesso para que os museus possam ser visitados por pessoas de outras localidades, que não teriam a oportunidade de fazer o passeio de modo presencial, por diversas questões, como distância, falta de recursos financeiros, entre outros.

utilização do espaço digital se torna uma opção mais viável. A criação e manutenção de um projeto de memorial virtual, utilizando sites, redes sociais e outras ferramentas, pode ser uma solução tecnologicamente produtiva, economicamente viável, saudável diante de um tempo marcado por uma pandemia e que possa proporcionar um alcance de público e engajamento.

Além desse trabalho de historicização de memória coletiva a partir de entrevistas e depoimentos baseados em História Oral, o trabalho conta com uma pesquisa de imagens, vídeos e objetos como vestimentas e instrumentos utilizados nas apresentações. As imagens e sons captados poderão se tornar dentro das plataformas do projeto um vasto acervo digital para que pessoas do mundo inteiro possam ter acesso e conhecer mais sobre o grupo e o festival.

Dessa forma, as plataformas digitais que mais se adequam à ideia inicial do projeto são as redes sociais que possibilitam um contato direto com o público e serve de ponte de divulgação do site a ser criado, além de ser espaço para a realização de lives, entrevistas e outras ações que poderão ser propostas, sendo escolhido o Instagram para a página-teste, que em sua essência é um local de postagem de fotos e vídeos.

Para o período do Festival de Folclore de Quinta do Sol realizado no ano de 2022, foi elaborado um folder de divulgação da página-teste, distribuído durante o festival com um *QR Code* que direcionou o público ao perfil do memorial virtual. Entretanto, durante a realização de algumas postagens de teste, percebeu-se que a interação no Instagram não foi a esperada, assim, decidiu-se replicar o conteúdo no Facebook, a fim de analisar como seria a resposta de engajamento nesta outra rede social. Por fim, para melhor visualização de futuros desdobramentos do projeto, foi elaborado um protótipo de site para o Memorial Virtual por meio da plataforma Google Sites, por ser uma ferramenta gratuita e de fácil manuseio, apresentando elementos necessários para construção de um modelo que atendesse às necessidades básicas do projeto.

Assim sendo, como desfecho primário, temos a produção de conhecimento histórico ancorado no estudo de memórias dos moradores envolvidos no festival; problematização das audiências do festival e dos usos públicos do festival pela prefeitura municipal de Quinta do Sol; contribuição com uma política de memória significativa para os moradores do município estudado. Como desfecho secundário, há a possibilidade de produção de site destinado para divulgação dos resultados da pesquisa e manutenção de memórias e outros dados, que durante a pesquisa teve como página-teste um perfil em redes sociais.

Concluindo, a presente pesquisa está dividida em quatro capítulos, aos quais achei interessante nomear com versos de músicas do folclore paranaense e presentes no repertório

do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, que tivessem ligação com os temas a serem tratados em cada parte. Os capítulos estão divididos em subcapítulos, descritos pela temática apresentada em seu conteúdo, a fim de dar uma dinâmica mais objetiva à leitura deste trabalho.

No Capítulo 1 **“VOLTO PRA CASA, NAS ASAS DE UM ROUXINOL: memórias da transformação de um projeto escolar em um fenômeno histórico-cultural na cidade de Quinta do Sol”**, a temática perpassa a narrativa para Quinta do Sol, sobretudo sobre o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol. Subdividido em três partes, este primeiro capítulo apresenta detalhes, curiosidades e fatos do projeto que deu origem ao grupo, as vivências em festivais e do próprio festival quintassolense. A primeira parte discorre sobre o período inicial, de encubação do projeto, “Do Click Paraná ao Festival de Olímpia”, quando o grupo alça seu primeiro voo para fora do estado. Em seguida, “Pelo Brasil e ganhando o mundo” o reconhecimento do trabalho que levou o grupo a se apresentar em outras regiões e países representando Quinta do Sol e o Paraná. No subcapítulo “FEFOSOL, o encontro da cultura popular”, a realização de um projeto que foi se tornando mais ambicioso com o passar do tempo, a luta de manter o folclore nos palcos quintassolenses com a presença de grupos do Brasil e do mundo, alcançando novas audiências e atraindo o público de Quinta do Sol e região para acompanhar de perto as apresentações. As três partes são permeadas por aspectos historiográficos como a História Pública e a História Oral, que serviram de base para as entrevistas.

O segundo capítulo **“Ô DE CASA: folclore e cultura popular”**, com uma expressão utilizada para marcar a cantoria das rodas de fandango caiçara, possibilita aos leitores conhecer sobre essa cultura popular oriunda do litoral paranaense – e também paulista. O capítulo 2, assim como o primeiro, está dividido em três partes: “Fandango Caiçara, a cultura popular do litoral paranaense”, apresentando detalhes sobre a estrutura do fandango, músicas, instrumentos, a dança, focos de existência e resistência; “Patrimônio Cultural”, sobre a importância de se manter os patrimônios culturais imateriais, como o Fandango Caiçara, que é salvaguardado como patrimônio pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio e Histórico Artístico Nacional; “Folclore e Parafolclore”, subcapítulo que aponta conceitos sobre folclore, apresenta o termo “parafolclore”, o qual é utilizado para denominar o grupo de danças de Quinta do Sol e como a cultura popular se faz necessária para manutenção da história do povo, do homem-comum, com suas tradições, crenças e festejos.

O terceiro capítulo **“VEM VER, VEM CONHECER MINHA CIDADE-SORRISO: a trajetória pública do discurso do pioneirismo ao do Folclore”** é um trecho de reflexão acerca do espaço da cidade de Quinta do Sol e suas temporalidades. O

povoamento do noroeste do Paraná é um fenômeno tardio da expansão populacional no Brasil, ocorrendo somente a partir das décadas de 1940 e 1950 (WACHOWICZ, 2016). Assim, seus três subcapítulos iniciais apresentam uma linha temporal que vai desde a chegada dos primeiros pioneiros desse processo de expansão territorial impulsionado pelo Governo do Paraná até a atualidade. Em “A terra dos pioneiros, da hortelã e café à soja e o milho”, é apresentado um relato sobre a abertura da mata, a construção da vila, a fundação da igreja, os primeiros detentores do título de pioneiros. Tipo de narrativa que é bem comum aos municípios da região, com moradores de outras regiões que vieram para cá em busca de oportunidades e ajudaram a fundar vilas e cidades. A parte seguinte nomeada de “Cidade dos Astros”, aponta como, após a emancipação do município de Quinta do Sol, os órgãos públicos tentaram criar uma identidade própria para o quintassolense, valendo-se do seu nome, da planta urbana da cidade, da nomeação das ruas e a criação de lemas e apelidos que davam essa sensação de unidade, pertença e singularidade do local e, como essas ações foram sendo consolidadas. A terceira parte deste capítulo remete aos fatos que, durante o século XXI, nortearam uma nova concepção histórico-cultural em Quinta do Sol, culminando com a oficialização, por conta do Governo do Paraná, do título de “Capital Paranaense do Folclore”, que acaba dando o nome deste subcapítulo. Estas três partes do Capítulo 3 são complementares e demonstram a linha temporal da identidade histórica e cultural do município de Quinta do Sol e seus usos pelas instituições públicas e pela sua população. No capítulo esforço-me para tratar dessas camadas de discursos e práticas que se intercalam no presente estudado. Por fim, o capítulo é finalizado com a quarta parte denominada “O patrimônio e o turismo cultural”, traçando um paralelo sobre a importância da historicidade de Quinta do Sol dentro do ambiente do folclore, enquanto patrimônio cultural para o município e seus usos e implicações no âmbito do desenvolvimento do turismo cultural, a fim de fomentar ações de manutenção do patrimônio cultural e geração de renda, numa análise da realidade atual e as perspectivas para evolução destes campos dentro da cidade em relação ao festival e à cultura popular.

O último capítulo “**MARINHEIRO, ME LEVA!: uma proposta de divulgação histórica**” é uma viagem sobre as ações de proposição de criação do Memorial Virtual com elementos técnicos do processo realizado na pesquisa. A primeira parte, “História Pública e História Pública Digital” traz definições, conceitos e a base bibliográfica que deu sustentação para a construção do projeto. No segundo subcapítulo “A memória na era da informática”, os usos e abusos das tecnologias de comunicação e informação para mediar, captar e difundir a memória e a História Pública nos meios digitais, sobretudo, nas redes sociais. Em “Memorial

Virtual do Folclore: concepção e teste online”, apresento os dados do teste, sua criação, dificuldades, êxitos, parcerias, interação com os diversos públicos e o resultado que pôde ser aferido durante o tempo da pesquisa e as projeções sobre o que pode ser realizado no futuro. Por último, “Protótipo do site do Memorial Virtual” tem a explanação da proposição de estrutura de um site, com suas abas e elementos, bem como explicação sobre o uso da ferramenta Google Sites para criação da página.

Com tais desdobramentos nesses capítulos e elementos anexos, creio que podemos chegar a um panorama multifacetado e profícuo sobre a pesquisa. Assim, posso compartilhar com os públicos, histórias que se entrelaçam, se encontram pelos palcos, pelas ruas e constroem a realidade histórico-cultural de Quinta do Sol, do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e do FEFOSOL.

CAPÍTULO 1
VOLTO PRA CASA, NAS ASAS DE UM ROUXINOL:
memórias da transformação de um projeto escolar em um fenômeno histórico-cultural
na cidade de Quinta do Sol

“...E vou pousar em Quinta do Sol!”. A música de encerramento de cada apresentação do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol traz em seus versos adaptados para se despedir dos palcos do mundo e retornar para casa em um voo aconchegante ao som do rouxinol, o pássaro conhecido por seu belo canto. A música e a dança são os alicerces do Festival de Folclore de Quinta do Sol, mas a história da cultura popular na cidade não começou nos palcos, mas na internet por meio de um projeto escolar.

O presente capítulo conta a trajetória, por meio de fotos, depoimentos e a repercussão na comunidade e na mídia, a evolução do folclore em Quinta do Sol desde 2002. Nesse ano, professores do Colégio Estadual São Judas Tadeu iniciaram um projeto de estudos com alunos sobre o fandango caiçara e folclore paranaense para criar o site “Click Paraná”, que atualmente não se encontra mais disponível na internet. O projeto culminou, após as pesquisas, em uma apresentação de fandango feita por alunos, com professores e pessoas da comunidade compondo a banda. Esta apresentação chamou atenção de mais pessoas e assim, se consolidou aquela que viria ser conhecida como Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol.

Os depoimentos que compõem o capítulo foram coletados em entrevistas que seguem um roteiro básico de perguntas, conforme o público: membros do grupo de Quinta do Sol, municipais e representantes de outros grupos. Algumas entrevistas foram realizadas presencialmente com gravação de áudio e, outras realizadas por meio virtual, com gravação dos áudios do diálogo. Essas técnicas se aproximam daquelas debatidas no enfoque da oralidade histórica. A História Oral é uma metodologia significativa para o projeto, pois é uma ferramenta de pesquisa histórica que mais se aproxima das necessidades deste projeto, pois os atores desse processo de construção histórica e social, geralmente têm em suas memórias e vivências o principal material para revelar fatos e acontecimentos que marcaram esse período da história recente. A História Oral pode ser conceituada como “uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX (...) consiste na realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”

(ALBERTI, 2010, p. 155), enquanto a História Pública se apresenta como um campo de práticas historiográficas focadas na centralidade e importância das audiências. De acordo com Santhiago, “a História Pública canaliza e amplifica debates sobre a relevância e o papel social da história, do historiador, do ensino e das instituições de história, memória e patrimônio” (SANTHIAGO, 2019 p. 154). Assim, a pesquisa em História Pública colabora para ampliar as possibilidades de debates e discussões sobre História Oral e o fazer da história no cotidiano das pessoas comuns. Diante da particularidade da metodologia e da força da temática do festival a opção para produção de entrevistas foi a da produção de uma História Oral temática (ALBERTI, 2018; MEIHY, HOLANDA, 2011).

Em seguida, trago a caminhada das pesquisas sobre cultura popular e a evolução do grupo de danças folclóricas que, com diversas apresentações ganharam destaque no cenário cultural do estado do Paraná. A receptividade do público e dos especialistas em cultura popular foi tamanha que veio o convite para participar do Festival de Folclore de Olímpia (SP), conhecido como FEFOL, na cidade que é intitulada a “Capital Nacional do Folclore” em 2007. A apresentação do grupo quintassolense no estado de São Paulo abriu caminho para novos convites e a possibilidade de levar o nome de Quinta do Sol para outros países da América do Sul e da Europa. O Festival de Folclore de Quinta do Sol iniciado em 2005 como um festival escolar também seguiu a mesma projeção e foi evoluindo com o passar dos anos, recebendo seu primeiro grupo de outro estado em 2008 e, dez anos depois, a primeira participação de um grupo de outro país, nos palcos quintassolenses.

A análise das entrevistas sobre o festival possibilitou o exercício de retomada do significado de memórias numa perspectiva que considera a força das temporalidades para a memória. O aporte para tal análise foi pautado nas contribuições de Gonçalves sobre o suposto “mal estar do patrimônio” (Gonçalves, 2015) e de Huyssen (2004), com seus “passados presentes”. Afinal, “não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória” (HUYSSSEN, 2004, p. 20-21). Assim, tendo por base os textos citados, pretendo analisar essas memórias do festival, mais do que sinônimo de um passado exemplar, ou mesmo de um futuro seguro e aguardado, podem ser identificadas justamente pelos desafios do presente, aqui representado pelas memórias que gravitam em torno da realização do festival.

Há de se lembrar o que alerta Paul Ashton e Hilda Kean (2009), “historiadores não possuem a história”. Eles não são detentores da verdade, das ferramentas, das narrativas. Apenas devem ser meros colaboradores, sobretudo em história baseadas em comunidades.

Estas narrativas são pertencentes a estas comunidades e o historiador deve ajudar na sua preservação e comunicação. Como reitera, Thomas Cauvin (2019, p. 22), “a História Pública representa uma forma pela qual os historiadores acadêmicos podem demonstrar seu compromisso com a comunidade e o alcance de sua divulgação”. Abordagem próxima é indicada por Fagundes:

O movimento da História Pública nos anos 2000, como no Brasil, desenvolveu-se do questionamento do papel da função social da História e do historiador, uma vez que, no país, o tema da função do historiador já está posta na agenda da discussão desde os anos 1990 – pelo menos. Nos anos 2000, as discussões dos historiadores avançaram sobre o tema, que se desdobrou em discussões sobre mercado de trabalho, usos do passado, públicos, formas e espaços de atuação, lugares dos historiadores. Fazendo, às vezes, cogitar de movimentos pragmáticos por procura de espaços de atuação, e de trabalho, para além da academia. A História Pública obriga ao reconhecimento de que ninguém tem o monopólio do conhecimento histórico certo. E que há histórias e histórias. A que se chega com várias abordagens. (FAGUNDES, 2019, p. 45).

As memórias são elementos importantes para o trabalho do historiador que tem como base a História Oral e História Local, pois são fontes informais, não documentais, que dialogam com a realidade local, com a comunidade que está inserida. David Glassberg (1996), disserta que é benéfico indagar como as memórias individuais do passado são estabelecidas e confirmadas pela comparação com outras. Para o autor, a memória individual faz parte da memória coletiva da comunidade pois é o fruto de uma comunicação de grupo.

Dentro do próprio Grupo Pôr do Sol, várias histórias foram impactadas pela participação no mesmo. Então as memórias individuais de cada membro que dançou, tocou ou cantou no grupo estão permeadas por essa vivência coletiva e refletidas em suas vidas. Conforme aponta o professor Lucinei Carneiro, ao ser questionado durante a entrevista qual a percepção dele sobre a vida dos participantes do grupo nesses vinte anos de história:

Isso é uma questão que sempre me acomete assim. Porque como você me fez aquela pergunta lá atrás: de que forma que o grupo impactou a minha vida e eu disse que se eu não tivesse participado desse projeto lá em 2002, hoje eu não faço nem ideia de como eu estaria hoje, não consigo. Então eu sempre fico me perguntando também, como estariam essas pessoas, esses dançarinos, dançarinas, esses alunos, se não tivessem passado pelo grupo. Muitos se tornaram professores, inclusive de áreas afins: educação física, artes, fizeram cursos de teatro, dança, por aí. Então não sei te dizer. Eu acredito que, não dá pra afirmar, só que é visível que o grupo teve uma influência legal na vida deles. Essas pessoas são pessoas hoje que estão ligadas a essas atividades, alguns ainda continuam com a gente ou, de vez em quando, aparecem aqui, retornam momentaneamente para um evento. Eu quero acreditar que o grupo teve uma influência boa na vida deles né, eu acredito que sim (CARNEIRO, 2022).

Dentre as discussões sobre o papel do historiador, da História Pública, tem-se também a análise sobre a função da História Oral dentro da pesquisa histórica. Afinal, para acessar a base de dados das comunidades, das memórias individual e coletiva, as metodologias de História Oral são fundamentais e o historiador serve de ponte, de mediador para captar, organizar e divulgar essas memórias. Cauvin (2019, p. 11-2), reforça esta perspectiva ao abordar as visões de Hamilton e Shopes, pela qual os “historiadores orais consideram que o passado é mediado pela percepção íntima do próprio narrador e pela permanência das memórias coletivas”.

Todo o capítulo esteve fundamentado nas dimensões da História Pública, seja numa perspectiva que considera a relação do pesquisador com os públicos, ancoragem da História Pública pensada com os públicos e para os públicos (CAUVIN, 2019; FAGUNDES, 2019), bem como na análise da memória que se estabelece para além dos enquadramentos da memória coletiva, como aponta Pollak (p. 4, 1989), “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a História Oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional”. A História Oral ocupa um posto importante para o processo de pesquisa de História Pública e das construções de memórias coletivas. Assim, fica latente que esta pesquisa é feita para o público e com o público, a partir de suas audiências.

1.1 Do Click Paraná ao Festival de Olímpia

Em 1995, o Governo do Paraná por meio do Decreto nº 736, de 16 de maio do referido ano, criou o Projeto Vale Saber, no âmbito da Secretaria de Estado da Educação, dirigido aos professores do Quadro Próprio do Magistério e do Quadro Único de Pessoal que atuam como docentes em sala de aula, em qualquer nível e modalidade de ensino, como forma de estimular o esforço pessoal na busca da excelência na educação, mediante o aperfeiçoamento do processo ensino aprendizagem. Ao professor que obtivesse a aprovação de seu projeto de estudos, era ofertada uma bolsa mensal, durante um período de 12 (doze) meses.

No ano de 2002, o projeto ganhou uma atualização por meio do Decreto nº 5.586, do dia 24 de abril, ofertando um total de 15 mil bolsas a professores da rede estadual de educação básica, atuando como regentes em sala de aula, em qualquer nível (fundamental e médio) e modalidade de ensino (regular, especial e de jovens e adultos), tanto estatutário (Quadro Próprio do Magistério e Quadro Único de Pessoal), quanto contratados pelo regime CLT, inclusive pelo Paraná Educação. Com esse incentivo, um grupo de professores do Colégio

Estadual São Judas Tadeu de Quinta do Sol desenharam um projeto que envolvia cultura popular, lendas e folclore paranaenses e tecnologia da informação para divulgação com a participação de alunos, com a criação de um site para divulgar essas informações sobre cultura paranaense intitulado “Click Paraná” (Imagem 1).

Imagem 1: Logotipo do site do Projeto Click Paraná



Fonte: Lucinei Carneiro

Os professores Ivone Kozielski Carneiro, Ângela Lourenço Menechini, Solange Rodrigues, Maria Izabel Rodrigues e Lucinei Carneiro encabeçaram o projeto que chegou a movimentar mais de cem alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio do Colégio Estadual São Judas, o único que oferta essas turmas no município de Quinta do Sol e também o único colégio estadual da cidade. As professoras Ivone e Ângela são da área de Geografia, a Solange é professora de Artes, a professora Maria Izabel formada em Letras Português/Inglês e o professor Lucinei na área de Matemática, com vasta experiência em informática, sendo este responsável pela criação do site. O grupo de professores no projeto mantinham relações de parentesco: Solange e Izabel são primas e, Ivone e Lucinei são casados. Os laços familiares se tornaram uma tônica importante na dinâmica do grupo através dos anos, no caso do professor Lucinei, sua filha Nicolle virou dançarina e seu filho Nicollas entrou para a banda, e a sua mãe, Luiza Carneiro, desde o início é a costureira de figurinos do grupo.

Na entrevista realizada para esta pesquisa com o professor Lucinei Carneiro contou um pouco sobre o que era e como foi o trabalho no projeto Vale Saber ao ser questionado o porquê trabalhar com folclore e, especificamente, o fandangó caiçara:

Esse projeto foi um programa de governo lá em 2002, e na época um grupo de professores se reuniu entre eles, acabaram me chamando pra fazer parte, e foi definido. Não existia esse foco principal em fandango ou em cultura paranaense, era um projeto aberto, poderia se pesquisar qualquer coisa com relação a cultura. Mas essa equipe fez a opção por pesquisar as danças e a cultura do povo paranaense (CARNEIRO, 2022).

Nas matérias de jornais (Imagem 2) à época do lançamento do site, que ocorreu no segundo semestre de 2002, os professores envolvidos no projeto contaram que o Click Paraná abordaria contos, causos, anedotas, lendas e outros elementos do folclore.

O projeto que era chamado de Click Paraná, exatamente Click porque era o foco, o objetivo principal do projeto era um site na internet para falar da cultura do Paraná. E aí dentro desse projeto, a gente trabalhou lendas, trabalhamos as comidas típicas, e entre essas coisas, as danças paranaenses (CARNEIRO, 2022).

Imagem 2: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre o lançamento do site Click Paraná com os professores idealizadores do projeto



Fonte: Lucinei Carneiro

A dança folclórica entrou como elemento secundário e seria utilizado na comemoração de finalização do projeto e lançamento da página, conforme ocorreu na noite de 10 de outubro de 2002. Entretanto, esta parte do projeto ganhou uma alta adesão entre os alunos e, a partir daí deu-se continuidade às atividades de pesquisa da dança folclórica do litoral do Paraná. Atualmente, o site Click Paraná não está mais no ar, mas conforme matérias jornalísticas sobre o projeto, o site foi lançado na primeira quinzena de setembro de 2002.

Conforme relato do professor Lucinei Carneiro esse interesse dos alunos pela dança folclórica durante a realização do projeto serviu como incentivo para a continuidade dos estudos voltados para esse campo da cultura popular. Além disso, para a composição da banda que tocava e cantava as músicas do fandango paranaense, o projeto uniu professores e músicos da comunidade, geralmente, senhores aposentados, gerando um local de convivência entre gerações: jovens alunos do colégio estadual, adultos e idosos. A escolha por senhores aposentados, com experiência musical, que sabiam tocar diversos instrumentos se deu pela facilidade que os mesmos teriam para viajar para as apresentações do grupo. Reiterando o que foi apontado anteriormente neste capítulo, Pollak (1989) a História Oral se opõe à ‘memória oficial’ e ressalta a importância dessas memórias de culturas minoritárias que estão escondidas, marginalizadas, são memórias de grupos pouco afeitos à política, ao destaque econômico ou à historiografia. Assim, esse local de convivência que se tornou o grupo e os festivais por onde passou também se tornam palco de construção de memórias coletivas e individuais para seus integrantes.

Na primeira apresentação do projeto, na noite do dia 10 de outubro de 2002, ainda não existia oficialmente o nome “Grupo Parafolclórico Pôr do Sol”, a imprensa e o público teve esse primeiro contato ainda sobre o nome do projeto “Click Paraná”. Cabe ressaltar que esta data é considerada a data de fundação do grupo. Conforme pode ser visto na Imagem 3 (próxima página), havia um público considerável de populares da cidade de Quinta do Sol prestigiando a primeira apresentação do grupo, que foi realizada durante a Feira do Produtor Rural de Quinta do Sol, que acontece semanalmente no município. À época, a feira era realizada no estacionamento do Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes, que atualmente é o Centro de Evento Osvaldo Silva, que tem recebido o palco do Festival de Folclore de Quinta do Sol desde 2018.

Imagem 3: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre a primeira apresentação do projeto Click Paraná



Fonte: Lucinei Carneiro

Conforme aponta Piau e Muriel (2012, p. 105), “cabe ao Estado criar condições, estimular, garantir a participação popular e a autogestão dos processos artísticos”. No caso do projeto do Click Paraná, o Governo do Estado por meio da Secretaria de Educação e do Programa “Vale Saber”, proporcionou as condições para que os professores pudessem realizar um trabalho de pesquisa sobre cultura e história paranaense, inicialmente voltado para a construção de um site para difundir esse conhecimento popular. Entretanto, nos desdobramentos da execução do projeto, a dança folclórica com ênfase no fandango caiçara se tornou o elemento principal, isso devido a repercussão que teve dentre o público-alvo, conforme conta o professor Lucinei:

A dança acabou chamando muito a atenção, a quantidade de alunos que queriam participar daquele segmento da dança nos assustou. Naquele momento eram mais de cem alunos que queriam participar e acabaram participando. Então a gente tinha mais de cem pessoas participando só deste segmento, fora os outros como eu disse, das lendas, da questão da comida típica, dos causos. E aí nós vimos nesse segmento da dança a oportunidade de dar sequência a esse projeto com aquele objetivo de fazer com que as coisas não parassem (CARNEIRO, 2022).

Assim, a partir de novembro de 2002 o projeto tomou um novo rumo, sendo definida a continuidade das atividades somente com o trabalho de pesquisa e projeção folclórica por meio da dança. Alguns membros que continuam até hoje no grupo, como o dançarino e coreógrafo Dionathan Nayte dos Santos, que entrou no grupo após a primeira apresentação. Em entrevista para esta pesquisa, ele disse que sua primeira apresentação ocorreu em 11 de novembro de 2002, à época era estudante da 8ª série do ensino fundamental (atual 9º ano). Nayte, como é conhecido, falou que sempre acompanhava os ensaios e as atividades na escola, “daí um dia faltou um menino e eu cheguei e falei pro professor que eu sabia a dança, ele me deixou ensaiar. Como ainda era atividade da escola, me deixou ensaiar e foi...” (SANTOS, 2022). Esse contato direto com os alunos no ambiente escolar, fez com que muitos alunos se interessassem pelo projeto e deram material humano para que pudessem continuar a desenvolver as pesquisas com as danças folclóricas.

A escola era o local das pesquisas, dos ensaios, a “casa” do grupo, onde todas as suas ações se concentravam. Por isso, ir além do projeto inicial e ultrapassar os muros do Colégio Estadual São Judas Tadeu se tornou um objetivo que motivou à continuidade do projeto, conforme relata o professor Lucinei Carneiro:

Nós temos... eu vejo assim, desde o início, isso é uma coisa bem clara, assim na minha cabeça. Desde o início, a gente teve como objetivo fazer com que a cidade de Quinta do Sol virasse uma página que era muito comum nos municípios pequenos, que eram trabalhados, que eram realizados nas escolas, esse projeto finalizava e aquilo era esquecido. Então a gente sempre teve isso em foco, continuar um trabalho para mostrar que as coisas podem sobreviver ao tempo e estamos há vinte anos sobrevivendo a isso (CARNEIRO, 2022).

Em 2003, se estabelece a continuação do projeto com as próprias pernas, tendo em vista que o Programa Vale Saber do Governo do Paraná tinha vigência restrita ao ano de 2002. Então, conforme consta na entrevista do Professor Lucinei Carneiro (2022), definiram o trabalho com dança folclórica no ano seguinte ao projeto do site Click Paraná e ainda em 2003, realizaram uma viagem de pesquisa e intercâmbio para Paranaguá a fim de ter contato com grupos tradicionais de fandango paranaense.

Nesta viagem, uma aluna do Colégio Estadual São Judas Tadeu que não fazia parte do grupo foi na viagem, o motorista era seu padrasto, e despertou o interesse na estudante Kellen Sales da Silva Ananias, conforme ela relatou em entrevista para essa pesquisa ao ser questionada pelo motivo que a levou a fazer parte do Grupo Pôr do Sol. Cabe ressaltar que, os que foram na viagem de intercâmbio para Paranaguá entenderam a importância de conhecer o

fandango caíçara em seu local de origem, seus mestres, seus costumes, suas vestimentas e suas tradições nativas do litoral paranaense.

Kellen: Eu quis porque eu gostava de dançar desde criança assim. Mesmo, eu entrei porque eu gostava de dançar. E eu lembro que eu fiz uma viagem com o grupo, mas não participando do grupo. Foi uma viagem para Paranaguá. O Zezinho [padrasto de Kellen] foi dirigindo e eu me interessei. Mas, era mais porque eu queria dançar.

Fernando: Por que fizeram essa viagem a Paranaguá?

Kellen: Foram conhecer o Mestre Romão, ele ainda era vivo. Porque o Fandango nasce em Paranaguá e um dos principais grupos era do Mestre Romão e eles foram conhecer. E foi assim, mais pelo gosto de dançar. Depois que o interesse pelo folclore foi acontecendo (ANANIAS, 2022).

Desse modo teve início a estruturação do grupo de dança, do repertório, da banda e passou a ser chamado de Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, como se tornou conhecido. O Grupo Parafolclórico Pôr do Sol recebe o nome de “parafolclórico” por ser caracterizado pelo estudo regular de uma cultura pré-existente, neste caso a cultura do litoral paranaense. A partir de 2005, devido ao contato com grupos de outras regiões, decidi expandir o repertório de apresentações do grupo ao incluir danças e folguedos de outros estados, ampliando a noção de ser uma atividade de pesquisa e projeção folclórica baseada no trabalho parafolclórico (GRUPO PÔR DO SOL, 2022).

Assim, foi implementada uma rotina de ensaios dos dançarinos e dos músicos, a fim de compor um conjunto harmônico e que pudesse se apresentar em festivais e ocasiões especiais, tendo uma dedicação particular com o estudo do folclore. Como afirma Schechner (2006, p. 28), as “performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são ‘comportamentos restaurados’, ‘comportamentos duas vezes experienciados’, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam. Assim, fica claro que, para realizar arte, isto envolve treino e ensaio”. Assim, para performar uma cultura nos palcos por meio da dança necessitava estudo, ensaio e repetição de comportamentos e movimentos. Schechner (2006, p. 28) reitera que, no mundo das artes, o ato de “realizar performance” pressupõe produzir com excelência um show, uma peça, uma dança, sobretudo, neste século XXI, onde as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes, seja ela artística, ritual ou da vida cotidiana.

Os palcos de escolas e cidades da região foram os primeiros locais que o grupo marcou presença e começou a atrair a atenção do público e de profissionais da arte e entidades públicas com suas performances. No segundo semestre de 2003, no Dia do Folclore (22 de agosto) o grupo foi convidado para participar do FEFOCAMO – Festival Folclórico de Campo Mourão: Mostra de Danças (Imagem 4).

Imagem 4: Certificado de participação no FEFOCAMO – Festival Folclórico de Campo Mourão em 2003



Fonte: Lucinei Carneiro

Em 14 de dezembro de 2003, o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol foi escolhido para representar a Regional 12 da Secretaria de Estado da Cultura no evento comemorativo dos 150 anos de Emancipação do Estado do Paraná na cidade de Ponta Grossa. Com isso, o grupo passava a transitar nas diversas regiões do estado levando suas apresentações em eventos oficiais das Secretarias de Educação e de Cultura, abrindo portas para convites em festivais no Paraná.

Com apresentações em escolas da região, o grupo passou a ganhar destaque, chegando a ser uma das atrações do FERA – Festival de Arte da Rede Estudantil, projeto da Secretaria de Estado da Educação, que desenvolveu apresentações e intercâmbios culturais entre colégios estaduais do Paraná em 2004. O Grupo Pôr do Sol conquistou seu primeiro prêmio: 1º lugar na modalidade “Danças Populares” da categoria “Juvenil Avançado” do 16º Festival de Dança de Cascavel, no sudoeste do estado, realizado de 19 a 28 de agosto de 2005 (Imagem 5, próxima página).

Ainda no ano de 2005, as atividades do grupo ganharam destaque na imprensa local com a veiculação de matérias sobre o projeto “Fandango no Interior”, que segundo o coordenador Lucinei Carneiro consistia na realização de oficinas de fandango caiçara nas escolas da região de Campo Mourão, onde está situado o município de Quinta do Sol, no âmbito do Núcleo Regional de Educação de Campo Mourão.

Imagem 5: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre a vitória no Festival de Dança de Cascavel



Fonte: Lucinei Carneiro

Neste ponto, é interessante recordar o que disse Diana Taylor (2013, p. 9) acerca da visão sobre performance para a antropologia: “As performances funcionam como atos de transferências vitais, transmitindo conhecimento social, memória e senso de identidade por meio de comportamentos reiterados”. A realização das apresentações, dos ensaios e de oficinas para projetar a cultura popular em outros ambientes possuem esse caráter de transmissão de conhecimento social e de memória, construindo ou revelando traços da identidade cultural que estavam estancados ou esquecidos. Com o desenvolvimento das atividades de pesquisa e projeção, participação em eventos e apresentações pelo estado do Paraná, no ano de 2007 o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol ganhou destaque a nível nacional, quando participou pela primeira vez do FEFOL, o Festival de Folclore de Olímpia, no interior

de São Paulo. Olímpia detém o título de “Capital Nacional do Folclore” devido à tradição de seu festival e às políticas de preservação e divulgação da cultura popular.

O grupo parafolclórico de Quinta do Sol passa a ter reconhecimento sobre suas performances. Para Schechner (2006, p. 47) existem sete funções vitais para a performance: 1. Entreter; 2. construir algo belo; 3. formar ou modificar uma identidade; 4. construir ou educar uma comunidade; 5. Curar; 6. ensinar, persuadir e/ou convencer; 7. lidar com o sagrado e/ou profano. Analisando o trabalho de pesquisa, de exposição e de integração entre membros e comunidade, percebe-se que diversas funções da performance estão contidas dentro do projeto realizado pelo Grupo Pôr do Sol e, pela excelência apresentada, consegue atingir essas funções de forma exitosa.

A presença do Grupo Pôr do Sol na 43ª edição do FEFOL (Imagem 6) foi um marco na história da associação cultural. O evento realizado entre 4 e 12 de agosto de 2007 projetou os quintassolenses para o cenário nacional, sendo ele o único representante do Estado do Paraná no festival daquele ano. O impacto na cidade de Quinta do Sol também foi visível: recepcionados com festa (Imagem 7) e recebendo moção de aplausos da Câmara de Vereadores do município, tornando-se notícia em jornais da região.

A primeira vez que a gente saiu do Paraná para participar de um festival foi marcante. Porque nós fomos pra Olímpia... inclusive o nosso título foi inspirado nisso lá também, que Olímpia é a “Capital Nacional do Folclore”. Um festival que reúne grupos do Brasil todo, cinquenta, sessenta grupos. É uma loucura aquilo! E a gente tava meio que engatinhando ainda e a gente entrou... a gente entrou nesse festival em 2007 e foi uma sensação... eu me lembro até hoje a nossa primeira apresentação lá em Olímpia no palco principal, a gente ali na coxia, já prestes a entrar e eu conversando com o pessoal, dizendo que aquilo era um sonho realizado. Porque até então, a gente conhecia esses festivais só por vídeo (CARNEIRO, 2022).

O professor Lucinei descreve o momento como uma “loucura”, devido ao fato de o grupo ainda estar em seus primeiros passos, pois era o primeiro festival de folclore de grande porte que o grupo participou e demonstra a importância de Olímpia para o cenário nacional da cultura popular. Para a cantora e musicista Paulla Braz Neves (2022) foi um evento marcado por abraçar a responsabilidade de comandar a banda do grupo e também, conhecer as histórias lá contadas por tantos grupos – o que acabou inspirando a adolescente à época a cursar a licenciatura em História e, posteriormente em Música.

Imagem 6: Matéria do Jornal Gazeta Regional, da cidade de Olímpia (SP) sobre a presença do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol no FEFOL



Fonte: Lucinei Carneiro

Imagem 7: Matéria do Jornal Tribuna do Interior sobre a recepção do Grupo Pôr do Sol após a participação no Festival de Folclore de Olímpia (SP)



Fonte: Lucinei Carneiro

A primeira participação em um festival de nível nacional abriu as portas para que a Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol recebesse convites para outros festivais pelo país. As viagens serviram de incentivo para que mais jovens se interessassem para participar do grupo e a população do município passou a reconhecer a importância da cultura popular para o desenvolvimento da cidade. Entretanto, houve contrapontos, conforme aponta a ex-dançarina Kellen Sales da Silva Ananias, que sentiu uma valorização maior quando se apresentou fora de Quinta do Sol do que na própria cidade. Ao ser questionada na entrevista sobre a sensação de dançar nos festivais em outros locais e no FEFOSOL, ressaltou:

São diferentes! Porque, na verdade, eu vi mais valorização do grupo fora da cidade do que dentro da cidade. Vi muita diferença. Parecia que era só mais um grupo dançando na cidade, em compensação quando a gente ia pra fora, a gente lotava um lugar para as pessoas verem a gente dançando e aqui não. Ou mesmo estando lotado aqui no festival, parece que só era mais um ‘grupinho’ dançando e a valorização era pro grupo que vinha de fora! (ANANIAS, 2022).

Essa diferença de nível de valorização, entre performar em casa e fora, remete ao velho ditado popular “santo de casa não faz milagre” e corrobora com uma análise de Diana Taylor ao analisar a visão de antropólogos sobre performance décadas atrás: “Para Turner, assim como para outros antropólogos dos anos 1960 e 1970, as performances revelam o caráter mais profundo, verdadeiro e individual da cultura” (TAYLOR, 2013, p. 10). Por mais que o Grupo Pôr do Sol tenha apreço da população devido à proximidade, ter parentes e amigos que fazem parte das apresentações, as performances de grupos de outros locais atraem mais a atenção do público por ser ‘estranho’, diferente, exótico. Aquilo que está ao alcance em qualquer época do ano, não traz o mesmo encanto do que as performances de artistas que vêm de longe, com sotaques, gestos, tradições diferentes.

Ainda em 2007, o Grupo Pôr do Sol se apresentou no Parque de Exposições Getúlio Ferrari, no dia 10 de outubro pelas festividades do aniversário de Campo Mourão, ocasião que marcou o aniversário de cinco anos de fundação do grupo parafolclórico. E também, dançou no Ginásio de Esportes de Peabiru no final do mês de outubro, no evento alusivo ao Dia Nacional da Juventude, promovido pela Pastoral da Juventude e Diocese de Campo Mourão. Essas duas apresentações serviram de base para um trabalho de fotojornalismo, durante a minha graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Maringá. O fotodocumentário gerou um vídeo com cenas das danças e dos bastidores, sendo inserido o áudio da gravação de uma música interpretada pela banda do Grupo Pôr do Sol⁸.

⁸ Atualmente, este vídeo está disponível no YouTube pelo endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=GN9XBvMYUZs>.

1.2 Pelo Brasil e ganhando o mundo

Em 2008, o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol retornou aos palcos do FEFOL em Olímpia, dando continuidade ao projeto de dar visibilidade à cultura popular e levar o nome do Estado do Paraná e da cidade de Quinta do Sol aos palcos do país. Neste mesmo ano, diante das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa, se apresentaram para o Príncipe Naruhito, em Rolândia (Imagem 8). A apresentação foi feita a convite da Academia de Dança Daísa Poltronieri, de Maringá, que também convidou capoeiristas e bailarinas, para montar um espetáculo sobre a cultura brasileira. Ao Grupo Pôr do Sol coube representar o folclore paranaense no evento ao representante da Monarquia do Japão, com a presença de 50 mil pessoas, conforme destaca um jornal da época. A cidade de Quinta do Sol também é marcada por uma representativa colônia japonesa que se assentou nas fazendas do município.

Imagem 8: Matéria do Jornal Enfoque Regional sobre a apresentação ao Príncipe Naruhito

Grupo Pôr do Sol fez apresentação especial para o príncipe japonês

O Grupo Parafolclórico Pôr do Sol fez no último dia 22, uma de suas apresentações mais importantes. O grupo foi convidado pela Academia de Dança Daísa Poltronieri de Maringá, para fazer parte de uma coreografia que foi apresentada ao Príncipe Naruhito, herdeiro do trono do Japão que esteve na cidade de Rolândia, participando das comemorações do centenário da Imigração Japonesa no Brasil.

A performance contou com 10 bailarinas da Academia, 12 integrantes do Grupo Pôr do Sol além de alguns capoeiristas. A apresentação mostrou aspectos da cultura brasileira e coube ao grupo quintassolense representar o folclore paranaense.

Mais de 50 mil pessoas estiveram presentes ao evento, que teve como ponto alto, o lançamento da pedra fundamental do parque Yumê.

Várias autoridades estaduais e nacionais estiveram prestigiando a passagem do príncipe pelo Paraná.

SABARÁKCOOL **UM GRUPO COMPROMETIDO COM O FUTURO.**

A Sabarákool - Unidade Matriz (Engenheiro Beltrão - PR) oferece as seguintes oportunidades de trabalho

- * Auxiliar de Escritório
- * Médico do Trabalho
- * Supervisor Contábil
- * Supervisor Financeiro
- * Operador de Turbo Gerador
- * Pedreiro
- * Fiscal Agrícola
- * Fiscal Tributário

Fonte: Lucinei Carneiro

Em fevereiro de 2008, o grupo se apresentou no Teatro Reviver em Maringá (PR) dentro do projeto “Convite à Dança” realizado pela Secretaria de Cultura de Maringá, com entrada franca. O Grupo Pôr do Sol levou o espetáculo “Brasil de Todas as Danças”,

composto por danças do Paraná e das demais regiões do Brasil e lançado pelo grupo em setembro de 2006 no Teatro Municipal de Campo Mourão.

No ano seguinte, dois novos estados entraram no currículo do grupo: Piauí, em junho no XXIII Encontro Nacional de Folguedos em Teresina, sendo a única vez que se apresentou no Nordeste e foi o único representante das regiões Sul e Sudeste no festival; e, Rio Grande do Sul, em agosto, no 37º Festival Internacional de Folclore de Nova Petrópolis, repetindo a participação em 2010 e em outras oportunidades.

O ano de 2012 marcou a história do grupo ao contar com a primeira presença em um festival em país estrangeiro. No mês de agosto, após participarem do FEFOSOL (Quinta do Sol/PR) e do Festival Internacional de Folclore de Nova Petrópolis (RS), os integrantes embarcaram para o XXX Festidanza na cidade de Arequipa, no Peru. O coordenador do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, em entrevista para esta pesquisa, contou como tem sido as experiências de viajar para outros países levando o nome de Quinta do Sol e do Brasil para outros locais:

A experiência de ir pra fora do país é sempre muito interessante, primeiro porque você vai conhecer outras culturas, você vai ficar uns dias lá, vai experimentar uma comida diferente, você vai conhecer pessoas. Geralmente, esses festivais tem gente de vários países, você acaba entrando em contato com pessoas de vários lugares do mundo. Mas o mais interessante é você perceber como as pessoas vivem. O festival ele traz um pouco dessa vivência, porque você não vai pra turismo né. Então a gente vai, conhece um pouco da realidade, em alguns espaços mais populares, fica alojado não é em hotel de luxo, muitas vezes em alojamentos preparados em escolas assim como é aqui, em outros países também acontece isso. Mas o meu entendimento particular, o que mais me chama a atenção é conhecer mesmo como que as coisas funcionam em outros países, o que as pessoas comem, como que elas vivem, com relação a educação, eu sou professor e sempre tenho curiosidade em saber como é que funciona nos outros países. E sem contar também que, é uma coisa assim espetacular você estar levando jovens, às vezes, até alguns menores de idade, pra conhecer a cultura de outros povos (CARNEIRO, 2022).

O primeiro evento fora do Brasil abriu as portas para que o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol recebesse convites para outros festivais e colocasse em destaque também o evento que organiza: o Festival de Folclore de Quinta do Sol. Levar o nome da cidade e do Paraná ao redor do mundo se tornou uma atividade recorrente. Para as turnês fora do Brasil, desde 2012, foi incluída uma sequência de samba ao repertório do grupo, que já contava com danças das regiões Sul, Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

Em 2014, ocorreu a primeira turnê para a Europa com apresentações na Bélgica e França. O evento principal foi o 31º Festival Mondial de Folklore de Saint Ghislain (Bélgica), com duração de 10 dias. Tendo se apresentado ainda no 23º International Folkfestival

Meiboom em Bruxelas, a capital belga e, no 22º Festival Mondial Dances et Musiques Folkloriques, na cidade de Anor (França).

O Chile foi destino da terceira viagem internacional do Grupo Pôr do Sol, com duração de 22 dias, percorreu diversas cidades do país sul-americano. De 19 a 30 de janeiro de 2016, participou do IX Festival Internacional de Cultura y Danza Latinoamericana de Calera de Tango, que é um festival itinerante que percorreu as cidades de San Ramón, San Bernardo, Cerro Navia, El Monte, Buin, Limache e Valparaíso, a terceira maior cidade do Chile. De 2 a 6 de fevereiro, seguiram para o norte, na região do Deserto do Atacama para se apresentar no XVI Encuentro Folklorico Internacional "Danzamerica" em Iquique (QUINTA DO SOL, 2022). Para a turnê chilena, o grupo também recebeu incentivo do Ministério da Cultura por meio do Edital de Intercâmbio e, como contrapartida, fez oficinas de dança e apresentações em escolas de Quinta do Sol e Engenheiro Beltrão.

Entre 20 de novembro e 08 de dezembro de 2017, o grupo foi um dos contemplados pelo Prêmio Arte Paraná, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura e realizou a turnê "Fandangando pelo Paraná", um espetáculo de danças típicas paranaenses, realizando apresentações no Câmpus da UTFPR em Londrina, na Escola Municipal Hildegard Burjan em Guarapuava, no Colégio Estadual Novo Horizonte em Campo Mourão, no Teatro Municipal de Fazenda Rio Grande e na Rua da Cidadania do Bairro Boqueirão em Curitiba. O espetáculo conhecido como "Fandangando pelo Paraná" foi montado pela primeira vez em 2007 em homenagem ao folclorista paranaense Inami Custódio Pinto (GARBIM JÚNIOR, 2017).

A segunda turnê na Europa começou com um passeio na Turquia em agosto de 2018, devido à escala dos voos, para seguir à República Tcheca e Polônia. A primeira parada foi no 64º Mezinárodní Folklorní Festival em Cervený Kostelec, na República Tcheca (Imagem 9). Em seguida, foram para a Polônia onde participaram do WorldWide International Folklore Festival em Pulawy e do VII Vistula Folk Festival em Plock, uma das cidades mais antigas do país do leste europeu.

Imagem 9: Folder de divulgação da programação do 64º Mezinárodní Folklorní Festival em Cervený Kostelec, na República Tcheca



Fonte: Lucinei Carneiro

Segue trecho de matéria divulgada pela assessoria de comunicação da Prefeitura de Quinta do Sol sobre a segunda turnê do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol na Europa e há uma fala do professor Lucinei Carneiro, em entrevista dada nos dias que antecederam à viagem:

A primeira parada do Grupo Pôr do Sol é a cidade de Cervený Kostelec, situada no norte da República Tcheca, distante 160km de Praga, a capital tcheca. De 15 a 19 de agosto acontece o IFF Mezinárodní Folklorní Festival e, além do grupo quintassolense que representará o Brasil e cinco grupos tchecos, contará com a participação de grupos da Itália, Espanha, Rússia, Costa Rica, Eslováquia, Índia, Argélia e Hungria.

De 21 a 27 de agosto, o Grupo Pôr do Sol participará do International Folklore Vistula Festival na cidade Plock, na Polônia. Situada na região central, a cidade de Plock tem 126 mil habitantes e foi capital da Polônia no século XII, sendo uma das cidades mais antigas e importantes do país. O Festival da cidade de Plock contará com a presença de grupos da África do Sul, Ucrânia, Polônia e Hungria.

O intercâmbio cultural é um dos mais importantes legados das turnês para o exterior, segundo Lucinei, pois abre a possibilidade de conhecer novas culturas, músicas, danças, línguas e comidas de outros povos. “Para todos nós do grupo, as turnês abrem possibilidades de conhecer novos países e pessoas que, se não fosse pelo folclore, seria bem mais difícil de conhecermos”, frisou o coordenador (QUINTA DO SOL, 2018).

A turnê na Europa em 2018 foi a última viagem de longa duração do grupo antes da pandemia de Coronavírus, que atingiu o Brasil em 2020. De acordo com o coordenador

Lucinei Carneiro, devido ao contexto da pandemia de Coronavírus as viagens internacionais agendadas foram desmarcadas, mas que agora com o retorno dos festivais de modo presencial, está em estudo a possibilidade de participar de festivais fora do Brasil novamente. O primeiro festival fora do Paraná que o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol participou após a pandemia foi o Festival de Folclore de Olímpia (SP) em agosto de 2022.

1.3 FEFOSOL, o encontro da cultura popular

Uma vez apresentada a criação do grupo, segue com a apresentação da idealização e concretização do Festival de Folclore de Quinta do Sol. Tem-se um processo iniciado em uma atividade escolar e chega até a consolidação do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol. A sequência do capítulo apresenta o crescimento do grupo e do festival na cidade e para a cidade, com atenção aos engajamentos públicos que esse processo movimentou. Nesse sentido, é possível considerar um tipo de História Pública feita pelo grupo e pela administração municipal para o público (CAUVIN, 2019; FAGUNDES, 2019) ou para a cidade.

Com três anos de existência do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, os participantes viram a necessidade de demonstrar esse trabalho para a comunidade de Quinta do Sol, aos familiares e também, proporcionar um espaço para que outras escolas da região que possuíam trabalhos voltados à cultura popular, à dança e à música pudessem ser prestigiadas. Assim, teve-se a ideia para a realização do I Festival de Folclore de Quinta do Sol – FEFOSOL.

A primeira edição foi realizada em 18 de agosto de 2005, em parceria com o Colégio Estadual São Judas Tadeu – E.F.M. e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Quinta do Sol. O cartaz (Imagem 10) representa um homem e uma mulher dançando à frente de um meio sol, ainda não havia uma identidade definida, a ideia era fazer uma alusão ao fandango, ao Grupo Pôr do Sol e à cidade de Quinta do Sol.

Durante a entrevista, o professor Lucinei Carneiro conta como foi o processo de criação do FEFOSOL:

Eu sempre gosto de dizer, porque hoje eu estou aí na coordenação geral do festival e também do grupo, mas as ideias, elas não saíram de mim, elas não brotaram da minha cabeça. A gente tinha... temos... na época tínhamos os professores que iniciaram esse projeto a minha esposa Ivone, a professora Ângela Lourenço, a professora Solange Rodrigues, a professora Izabel [Rodrigues], e depois que o grupo, que a gente andou um pouquinho, em 2002, 2003, com o grupo, em 2004 ali. Pessoal falou assim “poxa vida, a gente tá com um grupo de dança, pessoal tá viajando”, a gente já tava viajando aqui pela região, um pouquinho, mas já saía. E o pessoal falou assim: “poxa, a gente podia fazer um festival de folclore”. Só que a ideia inicial, era um festival pro grupo poder se apresentar nesse festival e também pra atrair outros alunos. Então o festival, a ideia inicial do festival era um

festival escolar, cada sala, cada turma faria uma dança no festival. E nos primeiros anos foi assim, vinham algumas escolas de fora, de outros municípios. Mas a ideia inicial, o embrião do FEFOSOL foi esse. Inclusive, desde o início foi chamado de FEFOSOL também, que tem esse detalhe (CARNEIRO, 2022).

Imagem 10: Cartaz do I FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Lucinei Carneiro

A segunda edição do FEFOSOL foi realizada em 15 de agosto de 2006 (Imagem 11), novamente no Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes. A estrutura e convidados seguiu ao que havia sido feito na primeira edição, com apresentações escolares e tendo destaque para o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol. O cartaz era composto por uma imagem desfocada de uma roda de fandango, com destaque para a saia da dançarina que ocupava a parte central da imagem, com um dançarino lhe fazendo par no canto esquerdo e, ao fundo, manchas/sombras de outros dançarinos fandanguieiros.

Imagem 11: Cartaz do II FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Lucinei Carneiro

Em 2007, o III FEFOSOL teve destaque, ganhando repercussão na imprensa regional. Novamente realizado no Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes, contou com um Grupo de Capoeira de Engenheiro Beltrão, além das tradicionais apresentações escolares. Na ocasião, o evento atingiu cerca de 1.500 espectadores e recebeu 10 grupos escolares, que se apresentaram nas modalidades de danças folclóricas e dramatizações.

Após ter participado do Festival de Folclore de Olímpia, no estado de São Paulo, no ano de 2007, os integrantes do Grupo Pôr do Sol iniciaram conversas para que algum grupo de fora do Paraná viesse ao festival quintassolense. O intercâmbio e os contatos feitos em Olímpia proporcionaram novos horizontes para o FEFOSOL. Desse modo, no IV FEFOSOL, que também foi realizado no Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes, houve a primeira participação de um grupo folclórico de fora do Paraná, reconhecido nacionalmente, o GODAP – Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas Cidade Menina-Moça (Olímpia/SP). O público pôde ter contato com um grupo de outro estado e conhecer novas formas de cultura popular. A edição de 2008 foi marcada por uma decoração do ginásio de esportes em homenagem aos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil, pois a cidade de Quinta do Sol também é marcada etnicamente por diversos descendentes nipônicos.

Em 2008, a gente estava participando de um festival no estado de São Paulo, na cidade de Olímpia, e a gente retornaria pra cá já na véspera pra organização deste nosso festival. E em contato com os grupos lá, um grupo lá da cidade de Olímpia se interessou porque ele estaria em turnê aqui pela região e acabou passando aqui por Quinta do Sol participando do nosso festival. E foi a primeira participação de grupos de outros estados, de outras

regiões do Brasil. E aí bateu aquele, aquele... acendeu aquela lâmpada né. Poxa vida, se eles vieram, outros grupos também podem vir. E aí a gente começou a trabalhar com esse objetivo e estamos aí hoje até com outros países participando do festival (CARNEIRO, 2022).

Devido à pandemia de Gripe A (H1N1), no ano de 2009 não houve festival. Em 2010 a volta se deu em novo local: a quadra poliesportiva da Praça Gentil José Soares, que seguiu como casa do FEFOSOL até 2013. O V Festival de Folclore de Quinta do Sol trouxe pela primeira vez um grupo da Região Norte: o Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, representantes da cidade de Belém. Além dos artistas paraenses, que trouxeram a cultura marajoara para Quinta do Sol, quatro grupos do Paraná marcaram presença no evento que ocorreu em 17 e 18 de agosto: Bumba Meu Boi Anjos da Guarda (Maringá/PR), Boi-Bumbá Maracá (Campo Mourão/PR), Grupo de Taiko Wakadaiko (Maringá/PR), Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt (Maringá/PR). O cartaz do evento (Imagem 12) trouxe uma foto de apresentação do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol realizada em 2009 no XXIII Encontro Nacional de Folguedos na cidade de Teresina, capital do Piauí. A diagramação do nome do evento e do estilo do cartaz apresentada em 2010 se manteve como modelo-padrão de divulgação até a edição realizada em 2012. Além disso, o cartaz trouxe em destaque, uma imagem do Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, ressaltando sua participação no festival.

Imagem 12: Cartaz do V FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Lucinei Carneiro

À época, trabalhando para a Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Quinta do Sol entrevistei o coordenador do Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, Paulo Sérgio Oliveira. Ele que é professor universitário e músico afirmou que “é maravilhoso ver uma cidade pequena como essa, tentando resgatar os costumes e folclore do Brasil. É uma honra participar de um evento com um público tão animado e acolhedor”. O coordenador do festival, professor Lucinei Carneiro havia dito, em entrevista para a Prefeitura de Quinta do Sol, que foi surpreendente a presença do público e sua interação com os grupos, dando mais ânimo para que continuem trabalhando. Tais entrevistas não constam no acervo do site da Prefeitura de Quinta do Sol, pois as notícias da assessoria de imprensa do órgão municipal passaram a ser alimentadas a partir de 2013. As matérias feitas pela Prefeitura à época foram encaminhadas para jornais da região: Enfoque Regional de Engenheiro Beltrão, Tribuna do Interior de Campo Mourão e O Diário do Norte do Paraná de Maringá, este último já extinto. Em busca pela internet, consegui encontrar o link da versão virtual do Jornal Enfoque Regional, que segue nas referências.

Durante algumas edições do FEFOSOL, cheguei a gravar vídeos com pessoas ligadas ao Festival para anúncio nas redes do mesmo⁹, além de conviver com os grupos visitantes durante os dias do festival, dando suporte em alguns momentos. Manter a distância afetiva do objeto no intuito de obter um resultado mais imparcial, foi um desafio, e a partir dele procuro colaborar com os demais atores envolvidos nessas memórias. Neste ponto, cabe lembrar o que disse Glassberg (1997, p. 70):

Reconhecer os usos pessoais do passado pode ser especialmente difícil para historiadores profissionais, porque como parte de formação pós-graduada nós fomos ensinados a deixar de lado nosso vínculo a uma versão particular do passado de um modo a tornar profissionais, assim como nós fomos ensinados quando entrar no mercado de emprego nacional a desprezar nosso vínculo a um lugar particular. Nós somos treinados a deixar de lado a comunicação dos aspectos emocionais de história que vêm cuidadosamente tratados por romancistas e *filmmakers* com passados e lugares particulares, e deixar de lado a análise de sentimentos de orgulho, raiva e perda que acompanha reflexões de psicólogos sobre o passado pessoal. Apesar de nossas reivindicações de relevância, a tradição de destaque intelectual entre historiadores tem funcionado como uma verificação para manter o passado a distância mais do que alertar-nos para pensar duro sobre os “naufrágios” entre passado e presente que Jo Blatti descreve. Necessariamente, enquanto historiadores públicos, nosso foco está na criação de uma História Pública que é largamente intersubjetiva e que fala para uma variedade de audiências. Nós precisamos entender os significados individuais encontrados no passado e seus artefatos, o que eles estão procurando no passado. Enquanto

⁹ Outra tentativa de divulgação foi em uma edição com a realização de entrevistas ao vivo. Eu fui chamado para ser o repórter pela organização do festival, mas o link da internet não deu conectividade e cancelamos a ação durante o evento.

os profissionais historiadores estão falando sobre ter uma interpretação de história, o público fala sobre ter um senso de história, uma perspectiva sobre o passado como cerne de quem eles são e os lugares que importam a eles.

Em 2011, o VI FEFOSOL ganhou um dia a mais, passando a ter três dias de evento, com isso teve espaço para que mais atrações pudessem se fazer presentes, contando com cinco grupos do Paraná, um do Pará e um da Paraíba, além dos anfitriões: Grupo Fogaça (Maringá/PR), Grupo Parafolclórico Frutos do Pará (Belém/PA), Grupo Jacoca (Conde/PB); Grupo de Capoeira Capoetiva (Quinta do Sol/PR), Grupo de Danças Portuguesas Os Lusíadas (Maringá/PR), Grupo de Cultura Alemã Suábio-Brasileiro (Guarapuava/PR), Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR). Destes, os grupos Fogaça, Frutos do Pará e Jacoca eram reconhecidos por participarem de diversos festivais pelo país. O festival foi realizado de 02 a 04 de agosto, incluiu também estrutura de praça de alimentação e artesanato local. O grupo paraibano foi o primeiro representante do Nordeste a se apresentar no FEFOSOL.

A edição do festival ganhou capa do Jornal Enfoque Regional na edição de 31 de julho a 06 de agosto de 2011 com o título “6º FEFOSOL eleva Quinta do Sol a Polo Folclórico no Paraná” (Imagem 13) com uma foto do Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, que foi um dos grandes destaques. Em entrevista para o periódico, Nazaré Azevedo, 48, formada em Dança, coreógrafa e diretora do Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, da cidade de Belém, tradicional grupo que tem trinta anos de estrada, disse que para aquele ano o grupo levou ao palco um novo espetáculo com lendas e as danças típicas do Pará, como lundu, siriá, carimbó e os integrantes paraenses aproveitaram para matar saudades dos amigos que fizeram no sul do país. Em 2022, conversei com Nazaré durante o XV FEFOSOL e ela reiterou sua percepção sobre o sentimento de cuidado, amizade e carinho que existe no festival em Quinta do Sol, tanto em relação ao contato com a organização, quanto com o público:

Eu acho super positivo. Hoje também comentei sobre isso lá com o prefeito. Além de agradecer todo o apoio que ele dá, eu acho que o povo nos acolhe muito bem. A gente vai numa farmácia, numa padaria, numa doceria e a pessoa fica perguntando qual é o nosso repertório do dia. Então isso eu acho que também é uma troca com o público, com a comunidade da cidade, sabe?! É esse carinho de perguntar pra gente qual vai ser o repertório do dia. “Ah, olha hoje eu vou lá”. Então eu acho assim, eles nos acolhem muito bem e eu acho que esse ano foi um ano muito positivo de presença. Depois que a gente vem de uma pandemia, de toda uma necessidade que o país passa, eles corresponderam, eles estão lá, estão nos aplaudindo. Porque você sabe, o que o artista quer é escutar que aplaudam. Então é muito gratificante. Eu acho que isso é uma das coisas que nos empolga a vir aqui. É o carinho que as pessoas tem, a cada esquina da cidade com a gente (AZEVEDO, 2022).

Imagem 13: Capa do Jornal Enfoque Regional, referente ao VI FEFOSOL



Fonte: Lucinei Carneiro

Desde as primeiras participações dos grupos de outros estados foi possível verificar que essa relação com o público, de certa cumplicidade, fez com que os grupos se sentissem acolhidos, seguros. Como consequência, mais grupos foram se exibindo ao longo do tempo e o público foi crescendo a cada ano, chegando ao formato atual do FEFOSOL com mais apresentações diárias.

Mais um ano, um dia a mais de festival, de 01 a 04 de agosto de 2012, o VII FEFOSOL trouxe representantes do Mato Grosso, Ceará, Rio Grande do Sul e do Paraná. À época, a matéria realizada pela RPC (Rede Paranaense de Comunicação, afiliada da Rede Globo) causou um burburinho ao mostrar a diversidade cultural e como as pessoas de diferentes regiões se encontraram no interior do Paraná e reagiram de formas diferentes ao clima quintassolense, frio para os cearenses, calor para os gaúchos. Os grupos participantes do festival foram: Grupo Vitória-Régia (Cáceres/MT), Grupo Terra da Luz (Fortaleza/CE), CTG João Sobrinho (Capão da Canoa/RS), Grupo Parafolclórico Frutos da Terra (Olimpia/SP), Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt (Maringá/PR), Grupo de Danças Portuguesas Os Lusíadas (Maringá/PR), Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR). Com a participação do grupo mato-grossense, na sétima edição do festival desde sua origem, todas as regiões do Brasil já haviam sido representadas no palco quintassolense.

A edição de 2012 também marcou os preparativos do Grupo Pôr do Sol para sua primeira turnê internacional ao Peru: no FEFOSOL lançaram a coreografia de samba e

carnaval, com passistas, mestre-sala, porta-bandeira e sambistas à caráter (Imagem 14). A inclusão do samba se deu porque o Brasil é reconhecido mundialmente por esta manifestação artística e o grupo quintassolense estaria representando o país no festival peruano.

Imagem 14: Apresentação de Samba do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol no encerramento do VII FEFOSOL



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

A oitava edição do Festival de Folclore de Quinta do Sol foi realizada de 30 de julho a 02 de agosto de 2013, marcando a despedida da quadra poliesportiva da Praça Gentil José Soares como palco do evento. Com grupos inéditos vindos de outros estados e a presença de velhos conhecidos representantes do Paraná: Associação Cultural Maria Bonita (Umari/CE), Balé Folclórico da Amazônia (Belém/PA), CTG Querência do Imbé (Imbé/RS), Grupo Fogaça (Maringá/PR), Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt (Maringá/PR), Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR), Grupo de Danças Portuguesas Os Lusíadas (Maringá/PR), Grupo Teatral Vivarte (São João do Ivaí/PR).

Outro fato marcante do FEFOSOL em 2013 foi a criação do símbolo do festival, uma representação para ser a marca do festival e assim, representá-lo graficamente e estar presente nos materiais de divulgação, crachás da organização, peças publicitárias e afins, até mesmo copos e outros souvenirs. O professor Lucinei Carneiro narrou como foi a concepção do símbolo do festival que estampou o cartaz do FEFOSOL (Imagem 15):

Nós precisávamos de uma identidade visual pro festival, até por conta dos outros eventos que acontecia no país já terem isso, por conta de serem eventos mais antigos e nós reunimos... nos reunimos e falamos “vamos criar uma identidade também pro nosso festival” e uma integrante do grupo, a

Kellen, que já fazia faculdade de artes, já trabalhava na área também, desenvolvia alguma coisa, a gente discutiu a ideia e aí chegamos àquela, aquilo que nós temos hoje que é o logo do festival. Ele traz um círculo representando o sol, por conta de a cidade ser chamada de Quinta do Sol, e a gente tem toda uma história ligada aos astros e os dois arcos, azul e verde, remetendo ao estado do Paraná e lá no centro desse círculo, tem uma estrelinha branca que complementa as cores do estado, mas que também nós nos remetemos a nossa pequena cidadezinha de Quinta do Sol, brilhando um pouquinho lá no meio desse sol todo (CARNEIRO, 2022).

Imagem 15: Cartaz do VIII FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Lucinei Carneiro

Desde que houve uma padronização gráfica dos materiais publicitários do festival, o cartaz do VIII FEFOSOL foi o único a ser confeccionado como o formato padronizado na horizontal, conhecida como orientação de página em “paisagem”.

A partir deste ano, o site da Prefeitura de Quinta do Sol começou a funcionar regularmente na internet e passou a divulgar o Festival de Folclore, com a publicação de notícias realizadas pela assessoria de imprensa do Poder Público Municipal. Na matéria que publicaram sobre o evento, há uma nota sobre o prefeito João Claudio Romero, que participou das solenidades de abertura e encerramento do FEFOSOL, com o discurso do Executivo Municipal sobre a parceria com o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol: “a Prefeitura Municipal continuará apoiando o FEFOSOL para tentar melhorar a cada ano e receber novos grupos e o público de toda a região para prestigiar esse evento único em todo o Estado do Paraná” (QUINTA DO SOL, 2013).

Na mesma matéria, Francisco Luís Teixeira dos Santos, então coordenador da Associação Cultural Maria Bonita, da cidade de Umari (Ceará), disse que, a participação no FEFOSOL é de grande importância para o currículo do grupo. Ele ressaltou que, apesar de ser uma cidade pequena, o público foi bem receptivo e demonstrou o reconhecimento do trabalho do grupo. Por fim, citou que para participar do festival tiveram que vencer diversos obstáculos, sobretudo, por conta da viagem longa para atravessar o país e chegar ao sul do Brasil (QUINTA DO SOL, 2013). No final de 2022, entrevistei Luís Teixeira, como é conhecido, de modo online. O grupo Maria Bonita também se apresentou no FEFOSOL nas edições de 2015 e 2016. Atualmente, ele é apenas dançarino e fez uma referência ao problema do deslocamento para participar do festival:

Uma crítica construtiva para o festival. Eu sei também que não depende da comissão organizadora, depende de parceiros, de patrocínio e tudo o mais. Mas, fica difícil pra nós que somos de grupo de longe né, do outro lado do país, chegar até aí quando as datas e os resultados são anunciados bem próximo da data do festival. Mas bem próximo como? Pra nós, três meses é bem próximo, três meses é muito próximo. Quanto antes anunciar os nomes dos grupos que vão participar, a programação, fica melhor pra gente se organizar, que é de longe (SANTOS, 2022).

Além disso, Luis Teixeira comentou que nunca presenciou nenhum contratempo com ele ou com o pessoal do grupo Maria Bonita em relação à organização e ao contato com a população. Disse que chegar em Quinta do Sol é como chegar em casa (Umari) que é uma cidade pequena do interior do Ceará. “Chegando em Quinta do Sol, nós nos sentimos um pouco em casa, a recepção, o acolhimento das pessoas, por se tratar também de uma cidade que tem muitos nordestinos, cearenses, isso faz com que a gente se sinta bem” (SANTOS, 2022). O dançarino salientou que o local é aconchegante e esse é o diferencial de Quinta do Sol para os outros festivais, chegar na cidade e participar do FEFOSOL, andar pelas ruas e ter esse reconhecimento da população.

O IX FEFOSOL marcou o retorno das apresentações ao Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes. A edição de 2014 teve apenas o grupo Maracatu Ingazeiro (Maringá/PR) como atração inédita, tendo em vista que, uma atração do Rio Grande do Norte, o Balé Popular Terras Potiguaras da cidade de Passa-e-Fica, não conseguiu participar devido a problemas na viagem durante a turnê no Rio Grande do Sul dias antes da estreia no festival em Quinta do Sol. Os demais grupos que subiram ao palco nos quatro dias de festival já haviam se apresentado em anos anteriores: CTG Querência do Imbé (Imbé/RS), Grupo Parafolclórico Vitória Régia (Cáceres/MT), Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt (Maringá/PR), Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR). O festival sempre teve apoio da Prefeitura de Quinta do Sol

tanto na parte financeira, quanto estrutural e, neste ano contou com o primeiro apoio cultural e institucional de outra entidade estatal, a SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná.

O evento em 2014 teve uma inovação na programação do FEFOSOL, a inclusão de mais uma faixa de apresentações durante o dia, a “Tarde Escolar”, realizada no penúltimo dia de festival, alunos de Quinta do Sol, Engenheiro Beltrão, Campo Mourão, Peabiru e Corumbataí do Sul estiveram presentes na apresentação extra. Além disso, em contrapartida ao apoio do Município de Quinta do Sol, os grupos se apresentaram para os participantes do “Conviver”, atividade de convivência com a terceira idade mantida pela Secretaria de Assistência Social de Quinta do Sol, que puderam dançar junto com os artistas. E, como outra atividade, a visita ao Lar dos Velinhos São Judas Tadeu (Imagem 16), onde interagiram com os internos e trabalhadores da instituição, dançaram e almoçaram no asilo.

Imagem 16: Atividade de interação e almoço no Lar dos Velinhos São Judas Tadeu (2014)



Fonte: Prefeitura de Quinta do Sol

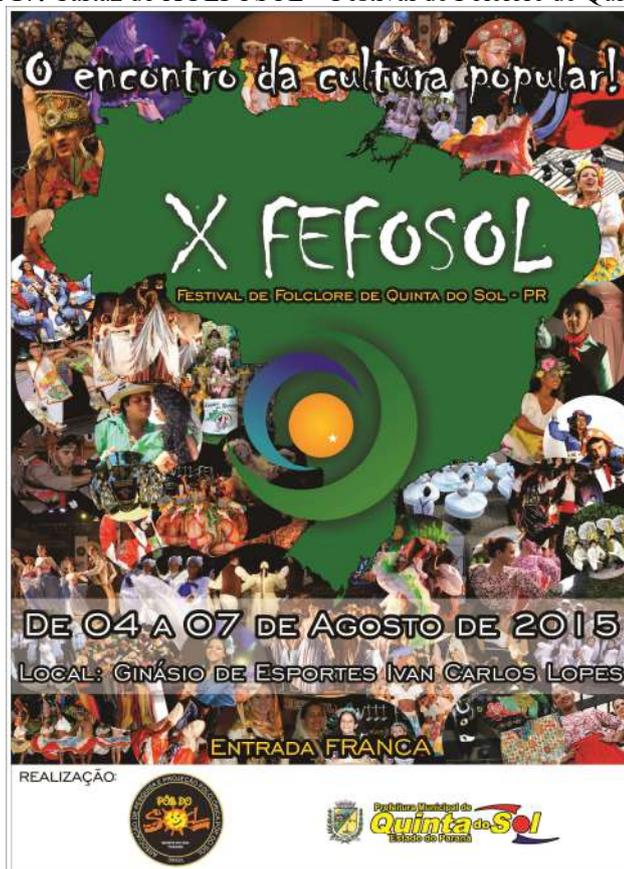
A “Tarde Escolar”, a apresentação com o “Conviver” no Bailão da Terceira Idade e o almoço no Lar dos Velinhos com membros dos grupos colaborando no preparo dos alimentos, assando o churrasco que é servido para todos, são atividades que se tornaram referência do FEFOSOL até os dias de hoje. A “Tarde Escolar” segue sendo um grande atrativo para as escolas de Quinta do Sol e região, por ser um horário acessível para que alunos e professores possam ter contato com essas manifestações da cultura popular. O

intercâmbio dos grupos com os internos e profissionais do Lar dos Velinhos São Judas Tadeu no último dia de festival, marca o encerramento das atividades antes da noite final de apresentações e proporciona aos idosos uma interação com outras pessoas, ouvindo músicas, contando histórias.

A edição nº 10 do Festival de Folclore de Quinta do Sol apresentou como inovação a 1ª ArtSol – Feira de Artesanato de Quinta do Sol, em parceria com a Prefeitura Municipal, a Associação de Empreendedores do Artesanato de Quinta do Sol e a Casa do Artesão. Pela primeira vez, o Maranhão foi representado no festival, fazendo companhia a grupos do Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Ceará e Paraná: Boi de Palha da Ilha do Amor (São Luís/MA), Grupo de Tradição e Cultura 20 de Setembro (Xangri-Lá/RS), Grupo Parafolclórico Vitória Régia (Cáceres/MT), Associação Cultural Maria Bonita (Umari/CE), Grupo Fogaça (Maringá/PR), Grupo de Danças Ucranianas Verkhovena (Maringá/PR).

Na publicidade do festival de 2015 houve a inclusão nos materiais de divulgação o lema do festival “O encontro da cultura popular” (Imagem 17), que se tornou uma marca registrada do FEFOSOL, demonstrando sua vocação de local de acolhida, amizade e intercâmbio entre grupos de todo o Brasil.

Imagem 17: Cartaz do X FEFOSOL – Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Lucinei Carneiro

O setor público municipal continuou colaborando com a realização do festival e das atividades extras, como o almoço no Lar dos Velhinhos São Judas Tadeu e a confraternização com o Grupo de Convivência da Terceira Idade.

Nós sempre tivemos uma parceria muito boa com a Prefeitura, eu sempre digo assim, o Grupo Pôr do Sol, ele conseguiu é, passar dessa fase, acho que a população e a classe política de Quinta do Sol entendeu (*sic*) que o grupo é um patrimônio e o festival também é um patrimônio da cidade. Nós já passamos por várias administrações, são vinte anos de grupo, quinze anos do festival, então... Mas, o relacionamento sempre foi tranquilo, a parceria sempre foi uma parceria que funciona, o que a gente precisa e esse precisar não necessariamente é só de dinheiro. Você precisa de estrutura, você precisa de uma equipe municipal, de repente, dando suporte. A gente utiliza a escola municipal como alojamento, a gente tem que entrar na escola, tirar tudo, colocar cama, colchão pro pessoal. Então, sem parceria não dá pra fazer esse tipo de evento (CARNEIRO, 2022).

Na matéria de divulgação do festival na página da Prefeitura de Quinta do Sol se encontra referência ao termo “Capital Paranaense do Folclore”, apontada com um “apelido” dado à cidade devido o FEFOSOL ser o único evento de cultura popular a nível nacional realizado no estado do Paraná anualmente, conforme a organização e o Poder Público informaram (QUINTA DO SOL, 2015).

Outra novidade na edição de 10 anos do FEFOSOL foi a criação de uma música-tema do festival, que virou trilha dos vídeos de divulgação e tocada nos intervalos entre as apresentações. O autor da letra da música foi o dançarino e coreógrafo Dionathan Nayte dos Santos e o arranjo musical e interpretação ficou a cargo de membros da banda do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol à época: Leandro Schwingel Junior, Marco Henrique Arruda, Paulla Braz Neves e Paloma Aldivino.

Com a presença de grupos do Paraná, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul, o XI FEFOSOL e a 2ª ArtSol foram realizados de 2 a 5 de agosto de 2016. Os grupos participantes foram: Grupo de Danças Ucranianas Verkhovena (Maringá/PR), Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt (Maringá/PR), Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR), Grupo de Danças Portuguesas Os Lusíadas (Maringá/PR), Associação Cultural Maria Bonita (Umari/CE), Grupo Parafolclórico Frutos da Terra (Olimpia/SP), Grupo de Tradição e Cultura 20 de Setembro (Xangri-Lá/RS). A Caixa Econômica Federal e o Governo Federal entraram no grupo de patrocinadores do festival, que trouxe uma mensagem de sustentabilidade nos seus materiais de divulgação com a frase “Preservar o meio ambiente também é cultura”. As parcerias com órgãos governamentais foram essenciais para fomentar o festival contribuindo para a estrutura do evento.

Conforme divulgação pela Prefeitura de Quinta do Sol, a Tarde Escolar realizada na quinta-feira, 4 de agosto, atraiu o público de 13 escolas das cidades de Barbosa Ferraz, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Peabiru e Itambé. “Quando pensamos para fazer a Tarde Escolar anos atrás, pensávamos em chegar neste nível de presença das escolas, pois vemos o alcance do FEFOSOL na região e isso é muito gratificante”, apontou o professor Lucinei Carneiro na entrevista divulgada pela assessoria de imprensa do município (QUINTA DO SOL, 2016).

O Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes sediou pela última vez o FEFOSOL em 2017, juntamente com a 3ª ArtSol, com apoio da COPEL – Companhia Paranaense de Energia Elétrica e incentivo do PROFICE, programa de incentivo à cultura da Secretaria de Cultura do Governo do Paraná, tais patrocínios se mantiveram em edições posteriores. O Grupo Parafolclórico Pôr do Sol estreou o novo figurino para as apresentações do Fandango Paranaense e demais danças do folclore do estado.

Imagem 18: Novo figurino do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol para as apresentações de fandango caçara



Fonte: Lucinei Carneiro

Os maringaenses veteranos no festival, Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt (Maringá/PR), Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR) e Grupo de Danças Portuguesas Os Lusíadas (Maringá/PR) estiveram marcando presença mais uma vez. Enquanto os grupos de outros estados foram todos inéditos. Três anos após ser anunciado e cancelar a vinda por problemas na turnê, o Balé Popular Terras Potiguaras (Passa-e-Fica/RN) fez sua estreia nos palcos quintassolenses. O histórico Grupo Parafusos (Lagarto/SE) com mais de cem anos de tradição trouxe a dança que remete às histórias da época dos escravos.

E, por fim, o Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra (Campina Grande/PB) rendeu uma história de amor no festival. A dançarina paraibana Ana Paula Marques Santino reencontrou o Grupo Pôr do Sol no Festival de Folclore de Olímpia na semana seguinte ao FEFOSOL e, meses depois, retornou a Quinta do Sol e acabou ficando definitivamente na cidade paranaense, onde se casou com o dançarino Pablo Henrique França Sturion.

Pablo está no grupo, entre idas e vindas, mas se firmou mesmo a partir de 2015. Começou a dançar inspirado na sua irmã Pâmela, que foi das primeiras turmas do grupo, ele a acompanhava para os ensaios, vinham a pé da Vila Rural “O Sol Nasce Para Todos” e ele gostava de dançar e foi se interessando pelos ensaios e entrou para o corpo de dançarinos.

Ana Paula teve uma vida dedicada à arte em Campina Grande (PB). Desde os três anos dançava no pastoril, que é uma manifestação artística bem comum na região, depois seguiu para as quadrilhas juninas e ficou por quatorze anos no Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra, da Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande, como ela mesmo ressaltou, a terra do “Maior São João do Mundo”.

Atualmente, o casal segue dançando no Grupo Pôr do Sol e Ana Paula trabalha na Divisão de Cultura do Município de Quinta do Sol, estando à frente da pasta, representando a cidade em eventos regionais e estaduais. Bem como, tendo organizado a 1ª Conferência Municipal de Cultura em 2022, colabora com os artistas quintassolenses e com o desenvolvimento da cultura na cidade e na região. Na entrevista, Ana Paula contou como a dança e a cultura está presente em diversos aspectos da sua vida e as projeções para o futuro dentro do cenário cultural:

E aí, esse ano de 2022, eu comecei a fazer a faculdade de dança. E na primeira entrevista que a gente fez, o professor perguntou assim “me apresente a Ana Paula de cinco anos atrás”, isso era muito fácil, falar do meu passado. “A Ana Paula de hoje, 2022” e a “Ana Paula daqui dez anos”. E aí eu parei e eu fiquei chocada. Falei assim, “daqui dez anos, eu vou ter bastante mais anos do que eu já tenho hoje né [risos], mas talvez eu não dance mais, mas isso tá tão inserido em mim, o quê que eu vou ser daqui a dez anos? eu não vou ser uma dançarina, então o que eu quero ser? quero ser uma mestre de cultura, quero ser uma professora, quero ser talvez uma coreógrafa, eu acho que não, mas eu quero ir mais pro lado técnico mesmo. Coordenadora, diretora, quem sabe. A gente não sabe o dia de amanhã. Aí eu vim ver o quanto isso era tão importante pra mim, o folclore. Tá na minha raiz, tá no meu sangue, sabe. E o fandango em si, hoje é minha nova raiz, minha nova vertente, é a cultura daqui de onde eu vivo, hoje eu me sinto metade paraibana, metade paranaense mesmo. E assim, a gente tá numa imersão muito grande, de cursos de imersão, do folclore, da cultura, do turismo e isso tudo é muito, muito rico pra mim. (SANTINO; STURION, 2022).

No ano de 2018, o XIII FEFOSOL realizou sua estreia no Centro de Eventos Osvaldo Silva. O local construído pela Prefeitura de Quinta do Sol no espaço que era o estacionamento do Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes se tornou a referência para realização de diversos eventos, como a JUNIFEST – Festa Junina das Escolas de Quinta do Sol, os festejos do Aniversário de Emancipação Política do Município e o FEFOSOL, que seguiu em 2018 com a 4ª edição do ArtSol.

A 13ª edição foi marcada pela participação inédita de um grupo estrangeiro no festival, o Ballet Folklorico Tlaneci (Imagem 19), da cidade de Veracruz, no México. A participação do Grupo Pôr do Sol em diversos festivais na Europa e América do Sul possibilitou o início de diálogos com entidades internacionais que colaboram na realização de festivais pelo mundo e assim, abriu a oportunidade para que um grupo estrangeiro pudesse participar do FEFOSOL. Além do grupo mexicano, diversos grupos brasileiros também estiveram no palco quintassolense: Grupo Anjos da Guarda (Maringá/PR), Grupo de Tradições Ucranianas Vesná (Roncador/PR), Grupo de Arte e Tradição Estampa Gaudéria (Xangri-Lá/RS), Balé Folclórico Sisais (Pocinhos/PB), Grupo Parafolclórico Frutos do Pará (Belém/PA).

Imagem 19: Ballet Folklorico Tlaneci, do México, no palco do XIII FEFOSOL



Fonte: Lucinei Carneiro

Em 2019, o último FEFOSOL antes da pandemia de Coronavírus, teve novamente uma atração internacional: a Companhia Folklorica Brisa Austral, da cidade chilena de Punta Arenas, que trouxe ao palco um espetáculo de cores e luzes, com alguns figurinos marcados por luzes de LED, representando elementos fantásticos do folclore do Chile (Imagem 20).

Este foi o primeiro festival após a promulgação da Lei Estadual nº 19.662/2018, que concedeu o título de “Capital Paranaense do Folclore” para Quinta do Sol e o título foi estampado no cartaz de divulgação do festival.

Imagem 20: Apresentação da Companhia Folclórica Brisa Austral (Chile)



Fonte: Lucinei Carneiro

Conforme dados da organização, publicado pela imprensa à época, cerca de 200 artistas ficaram alojados em Quinta do Sol para o festival, além dos grupos de Maringá que vieram se apresentar e retornaram após as apresentações para sua cidade-natal. A cerimônia de abertura trouxe um novo elemento, com a presença de todos os artistas dos grupos no palco do festival, acompanhados do coordenador do evento professor Lucinei Carneiro e o prefeito de Quinta do Sol, João Claudio Romero. Na entrada para o palco, os artistas receberam os cumprimentos de autoridades locais.

Na edição de 2019, o Estado do Pará contou com dois representantes, o veterano Grupo Parafolclórico Frutos do Pará (Belém/PA) e o estreante Balé Folclórico Paramazon (Belém/PA), foi a primeira vez que um outro estado, fora o Paraná, teve mais de um grupo participante. Sergipe novamente representado pelo Grupo Folclórico Parafusos, da cidade de Lagarto, o Rio Grande do Sul marcou presença com o Centro de Pesquisas Folclóricas Raízes Litorâneas de Xangri-Lá, e Maringá trouxe os tradicionais Grupo Folclórico Os Lusíadas (Maringá/PR) e Grupo Folclórico Grüne Stadt (Maringá/PR).

Em entrevista divulgada pelo site da Prefeitura de Quinta do Sol, o coordenador do festival, professor Lucinei Carneiro, salientou que o festival tem ganhado destaque e

visibilidade, aumentando a projeção a nível nacional e, também, internacional. “Diversos grupos se inscreveram para participar do festival e isso é gratificante, pois demonstra o alcance do nosso trabalho. Este ano teremos uma edição muito especial para o público de Quinta do Sol e região”, comentou Carneiro (QUINTA DO SOL, 2019). Segundo dados da organização, o público foi elevado, levando milhares pessoas todos os dias das apresentações à noite e na Tarde Escolar, alunos de escolas de doze municípios da região estiveram presentes no Centro de Eventos Osvaldo Silva. Em entrevista para esta pesquisa, a ex-diretora musical do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, Paulla Braz Neves, comentou sobre a importância destes diversos grupos que já passaram pelo FEFOSOL, para a formação intelectual e cultural do público quintassolense, sobretudo, aqueles que acompanham com mais frequência as apresentações do festival:

E o público de Quinta do Sol é um público muito inteligente, ele é muito... não é muito inteligente, ele é culturalmente rico, mesmo sem eles saberem. Porque qualquer quintassolense que você pergunta, que frequenta o FEFOSOL, sabe o que é um carimbó hoje, sabe o que é uma dança gaúcha, sabe o que é um xote, sabe o que é um xaxado, sabe o que é uma ciranda. E, assim, não recebe, não sei se isso é bom ou não, mas não aceita qualquer tipo de apresentação, qualquer tipo de evento. Porque eles estão acostumados com o FEFOSOL. Então se você coloca, às vezes, um grupo de dança não tão preparado, algumas coisas do tipo, eles vão sentir. Porque os grupos que vão pra Quinta do Sol são grupos de muito peso. Não peso assim, eu falo pesos técnicos, históricos. Quinta do Sol já recebeu um grupo de cento e poucos anos, de 1800 e lá vai pedra (NEVES, 2022).

Anteriormente, na introdução foi citado Certeau (1995) e sua teoria da “beleza do morto”, pela qual tem-se uma tentativa de uma elite erudita dizer o que é e o que significa cultura popular. Como o grupo e o festival foram pensados por professores e muitos membros se tornaram professores posteriormente como a própria Paulla Braz Neves, a fala dela sobre como o público assimilou tais culturas populares, pode levantar tal discussão. Entretanto, esse conhecimento percebido por ela – e em outros relatos – não parece ser fruto de uma narrativa forçada pela elite dita erudita, nas palavras de Certeau, a fim de demonstrar o que é ou não cultura popular, mas é algo que foi apropriado pela cidade: primeiro porque a cidade foi constituída por migrantes de outros estados e, segundo por terem se ‘acostumado’ com a diversidade cultural apresentada no palco do festival.

Com a pandemia de Coronavírus, o FEFOSOL de 2020 que já estava marcado foi cancelado e no ano de 2021, a organização diante dos reflexos da pandemia, decidiu não realizar o festival. Assim, no ano de 2022 houve o retorno do festival para a sua 15ª edição. O evento teve a estreia dos grupos Centro Cultural Nossa Ginga (Engenheiro Beltrão/PR), Grupo Parafolclórico Raíces Parauara (Parauapebas/PA), Siriri Flor de Atalaia (Cuiabá/MT) e

Tropeiros da Borborema (Campina Grande/PB). Entre os veteranos do palco quintassolense estiveram presentes o Grupo Os Lusíadas (Maringá/PR), o Grupo Grüne Stadt (Maringá/PR), o Centro de Pesquisas Folclóricas Raízes Litorâneas de Xangri-Lá (RS) e o Grupo Parafolclórico Frutos do Pará (Belém/PA). Desta vez, não houve a participação de grupos estrangeiros, porém foi a primeira vez que o cartaz do festival foi estampado unicamente por um grupo internacional (Imagem 21), com uma imagem da Companhia Folklorica Brisa Austral do Chile, que participou do festival em 2019. O estado do Pará novamente marcou presença com dois grupos.

Imagem 21: Cartaz do XV Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Lucinei Carneiro

Durante o festival em 2022, em entrevista com a coreógrafa do Grupo Frutos do Pará, Nazaré Azevedo, ela deixou uma mensagem para aqueles que fazem o FEFOSOL acontecer:

É uma mensagem de agradecimento, de gratidão ao festival, não só por acolher o Frutos do Pará, mas por acolher a todos esses grupos que vem de longe né. E uma das coisas que eu comentei hoje com o Lucinei foi também a história da gente ter as mesmas dificuldades. Às vezes, a gente tá com pouco número de dançarinos ou músico, mas a cultura ela nos une, ela faz parte de nós. Então a gente precisa manter isso vivo e nós só vamos manter isso vivo com essas novas gerações! Então a experiência de estar no festival é muito bom. Então, o grupo é muito grato por estar aqui em várias edições! (AZEVEDO, 2022).

Essa mensagem reitera a declaração da musicista Paulla Braz Neves, que comentou que trabalhou na organização do FEFOSOL, que “o lema do grupo todo é tratar as pessoas bem, ter essa hospitalidade. E assim, as pessoas que vão, os grupos que vão, eles gostam muito da recepção, do evento em si, da alimentação. Nada é de qualquer jeito” (NEVES, 2022). A hospitalidade é uma marca do Festival de Folclore de Quinta do Sol, os entrevistados de outros estados salientaram essa qualidade como um diferencial.

O Festival de Folclore de Quinta do Sol se tornou um evento de nível nacional, com ampla projeção e divulgação, sendo reconhecido no meio dos grupos e associações de folclore. Entretanto, segundo o professor Lucinei Carneiro ainda existem obstáculos a serem vencidos, caminhos a serem percorridos, até mesmo dentro da própria cidade.

Um outro objetivo que surgiu no meio da caminhada foi com a chegada do festival de folclore, principalmente, foi a gente trazer para a cidade de Quinta do Sol uma identidade cultural. Esse projeto ainda está em construção né, um festival. A gente tem hoje como objetivo que ele seja um gerador de renda, que gere empregos, pelo menos temporários, que possa trazer renda pra cidade. Além de toda a divulgação, isso a gente já tem conseguido né, na televisão, na imprensa regional. Mas o foco agora é fazer com que a cidade vista essa camisa, digamos assim, que Quinta do Sol se enxergue verdadeiramente como a Capital Paranaense do Folclore (CARNEIRO, 2022).

Neste relato do professor Lucinei é interessante notar que ele cita ‘trazer uma identidade cultural’. Quinta do Sol, assim como as cidades da região, são frutos de uma política expansionista do Governo do Paraná que incentivou a fundação de cidades e a vinda de migrantes de outros estados. Essa identidade cultural era um local que não estava consolidado, pois é uma população formada por gente de outras terras, que aqui não manteve ou se perdeu a identidade original. Assim, faz sentido ele citar essa identidade cultural como um objetivo, pois a cidade de Quinta do Sol se tornou referência quando o tema é cultura popular.

O comércio da cidade de Quinta do Sol sente um efeito positivo no período do festival, tendo em vista que, os integrantes dos grupos visitam as lojas, fazem compras, aumentam o consumo no período, impulsionado também pelas promoções de Dia dos Pais. O festival ocorre tradicionalmente entre os últimos dias de julho e a primeira semana de agosto, no período, o setor varejista já tem nas vitrines promoções voltadas à data comemorativa do segundo domingo de agosto, então os artistas e o público visitante, que vem mais cedo para o município, acabam aproveitando a época para movimentar o comércio.

O vendedor Thiago Shimada Rodrigues, que trabalha numa lanchonete no centro de Quinta do Sol disse que a época do FEFOSOL é um período de grande movimento no estabelecimento, que segundo ele se tornou um *point* de encontro do pessoal dos grupos, que se encontram após as apresentações para o que eles chamam de ‘socialização’.

Com certeza eles movimentam bastante o comércio, não só aqui. Aqui é bastante mesmo, mas com certeza eles gastam em outros lugares. Eu vejo eles frequentando, indo em outras lojas, no mercado, com certeza. Mas aqui, em especial, é bastante, porque, meio que já ficou como que um *point* deles, então é... Depois da apresentação eles vem pra cá e a semana que tá tendo festival eu já sei, que é quatro, cinco horas da manhã a semana inteira (RODRIGUES, 2022).

O vendedor também destaca a importância do impacto cultural para o município, além do impacto para os comerciantes. Segundo Rodrigues (2022), existe uma população que é mais humilde, que não tem condições de ir a um cinema, teatro, viajar para outros estados, então eles acabam frequentando o festival para ter esse contato com outras culturas, ver apresentações de grupos do Norte, Nordeste, do Rio Grande do Sul, que é algo que eles não teriam acesso facilmente. Por isso, ele acha que não há impacto negativo do FEFOSOL, apenas aspectos positivos, porque incentiva a população a ter contato com o folclore brasileiro e incentiva o acesso à cultura.

Com esse depoimento de Rodrigues, percebe-se que parte dos objetivos citados anteriormente pelo professor Lucinei Carneiro sobre geração de emprego e renda, tem se cumprido, mesmo que indiretamente, devido à movimentação que os grupos trazem ao comércio local. A Tarde Escolar também movimenta os setores alimentícios, como lanchonetes e sorveterias. Retornaremos ao tema do turismo cultural e setor econômico mais à frente neste trabalho, no Capítulo 3.

Por fim, a fim de quantificar os dados de participações de grupos culturais no FEFOSOL, sendo analisados os grupos estabelecidos de fomento cultural, sem contar apresentações escolares não-permanentes, feitas para se apresentar naquele ano no festival e na própria escola de origem, tais apresentações foram os destaques das edições iniciais (2005 a 2007). Em doze edições realizadas nos anos de 2008 a 2022, contando a partir da primeira participação de um grupo cultural vindo de outro estado/país, dez estados foram representados nos palcos quintassolenses e dois países com 37 grupos, além dos anfitriões que participaram de todas as edições desde sua criação: Paraná, 13 grupos; Rio Grande do Sul, 5 grupos; Pará, 4 grupos; Paraíba, 4 grupos; São Paulo, 2 grupos; Mato Grosso, 2 grupos; Ceará, 2 grupos; Maranhão, 1 grupo; Rio Grande do Norte, 1 grupo; Sergipe, 1 grupo; México, 1 grupo; Chile, 1 grupo (Imagem 22).

Imagem 22: Tabela de participações no FEFO SOL, por ano e por grupo, entre 2008 e 2022

	NOME DO GRUPO (CIDADE-UF)	2008	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2022	TOTAL POR GRUPO
1	GODAP (Olimpia - SP)	x												1
2	Frutos do Pará (Belém - PA)		x	x							x	x	x	5
3	Bumba meu boi Anjos da Guarda (Maringá - PR)		x	x	x	x	x		x	x				8
4	Boi-bumbá Maracá (Campo Mourão - PR)		x											1
5	Taiko Wakadaiko (Maringá - PR)		x											1
6	Grüne Stadt (Maringá - PR)		x		x	x	x		x	x		x	x	8
7	Fogança (Maringá - PR)			x		x		x						3
8	Jacoca (Conde - PB)			x										1
9	Grupo Capoeira (Quinta do Sol - PR)			x										1
10	Os Lusíadas (Maringá - PR)			x	x	x			x	x		x	x	7
11	Grupo Suábio-Brasileiro (Guarapuava - PR)			x										1
12	Vitória-Régia (Cáceres - MT)				x		x	x						3
13	Terra da Luz (Fortaleza - CE)				x									1
14	CTG João Sobrinho (Capão da Canoa - RS)				x									1
15	Frutos da Terra (Olimpia - SP)					x			x					2
16	Maria Bonita (Umarí - CE)							x	x					3
17	BFAM (Belém - PA)					x								1
18	CTG Querência do Imbé (Imbé - RS)					x	x							2
19	Grupo Teatral Vivarite (São João do Ivaí - PR)					x								1
20	Maracatu Ingaizeiro (Maringá - PR)						x							1
21	Boi de Palha Ilha do Amor (São Luís - MA)							x						1
22	GTC 20 de Setembro (Xangri-Lá - RS)							x	x					2
23	Verkhovena (Maringá - PR)							x	x					2
24	Terras Potiguares (Passa-e-Fica - RN)									x				1
25	Parafusos (Lagarto - SE)									x		x		2
26	Acauã da Serra (Campina Grande - PB)									x				1
27	Ballet Folclórico Tlaneci (Veracruz - México)										x			1
28	Vesná (Rocador - PR)										x			1
29	Estampa Gaudéria (Xangri-Lá - RS)										x			1
30	Sísais (Pocinhos - PB)										x			1
31	Compañía Folclórica Brisa Austral (Punta Arenas - Chile)											x		1
32	Paramazon (Belém - PA)											x		1
33	Raízes Litorâneas (Xangri-Lá - RS)											x		1
34	Nossa Ginga (Engenheiro Beltrão - PR)											x	x	2
35	Raízes Paraúara (Paraúapebas - PA)												x	1
36	Siriri Flor de Atalaia (Cuiabá - MT)												x	1
37	Tropeiros da Borborema (Campina Grande - PB)												x	1
	TOTAL DE GRUPOS POR EDIÇÃO	1	5	7	7	8	5	6	7	6	6	7	8	73

Fonte: Fernando Fonseca de Melo, a partir dos dados apresentados neste capítulo.

Ao analisar a compilação destes dados, percebe-se que, devido à proximidade geográfica, os grupos com mais participações são os maringaenses do Bumba Meu Boi Anjos da Guarda e do Grupo de Danças Alemãs Grüne Stadt com oito presenças no FEFOSOL no período analisado. O grupo de fora do Paraná que mais se apresentou no festival é o Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, que esteve presente em cinco edições. Esses números refletem a pluralidade e diversidade cultural que o FEFOSOL proporciona ao público de Quinta do Sol e região.

CAPÍTULO 2

Ô DE CASA:

folclore e cultura popular

“Fui convidado pra comer barreado, serr’abaixo Paranaguá”, assim diz a letra de uma das músicas que alegram os dançantes do fandango caiçara. Essa preocupação com a terra, a comida, a natureza do povo litorâneo são retratadas nas letras e danças do fandango. “Nas culturas tradicionais encontramos valores como a reciprocidade, o respeito ao outro e a biodiversidade, que podem nos ajudar na busca por um novo parâmetro de construção social” (PIAU; MURIEL, 2016, p. 59). O povo caiçara, tradicionalmente, vive do que a natureza oferece e pode ser explorado e compartilhado entre os homens, são nativos do litoral, das ilhas que compõem o território paranaense e do litoral-sul do estado de São Paulo. São exímios artesãos, pescadores e fandangueiros.

O Fandango Caiçara tem como local de origem a região conhecida como Lagamar, que vai do litoral norte do Paraná ao litoral sul de São Paulo, que possuem características bem semelhantes seja de formação histórica-social, quanto cultural e econômica. As comunidades de caiçaras, habitantes nativos da região, fazem parte de um processo de colonização litorânea que, durante alguns períodos econômicos, permaneceram isolados do sistema produtivo. Esse afastamento pôde garantir uma aparente liberdade em relação às instituições do estado e possibilitou uma construção coletiva sobre o mar, a pesca e a agricultura de subsistência, conhecimentos específicos da região que também foram repassados pelos conhecimentos indígenas (LEMOS, 2001).

Essa mesma região é considerada uma Patrimônio Natural da Humanidade, inscrita pela UNESCO desde 1999, um sítio patrimonial de mata atlântica com cerca de 470 mil hectares entre o Paraná e São Paulo, numa área descrita como de preservação natural com vasta riqueza biológica e a história evolucionária dos últimos vestígios de vegetação atlântica remanescentes. Com montanhas cobertas por densas florestas, passando por áreas de mangue, ilhas costeiras com montanhas isoladas e dunas (UNESCO, 2022).

A expressão “ô de casa!”, comum quando chegamos no portão da casa de algum conhecido, é recorrente nas rodas de fandango. Aqui, abrimos a casa de fandango para conhecer esse elemento da cultura popular paranaense, que serviu de ponto de partida para a

história da Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol e sua busca para levar a cultura popular para os palcos de Quinta do Sol e do mundo.

Neste segundo capítulo, há um foco no Fandango Caiçara, que foi o objeto de trabalho inicial dos projetos que originaram o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e, por consequência, a realização do Festival de Folclore de Quinta do Sol. “Ô de casa!”, o chamado da comunidade litorânea, anuncia a presença da cultura caiçara, com suas batidas de tamancos e bailados, ao som de instrumentos artesanais e sobre o tablado de madeira. Os subcapítulos a seguir tratam da essência do fandango, suas marcas, ritmos e a realidade na qual está inserido no litoral paranaense; apresenta o fandango como Patrimônio Cultural Imaterial e o processo de reconhecimento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); e, por fim, uma discussão sobre folclore e parafolclore, este último é a modalidade na qual o Grupo Pôr do Sol está inserido e como ele se distingue dos grupos nativos do litoral paranaense, que são os criadores e difusores do fandango em sua forma nativa.

Cabe ressaltar que, essa tradição da cultura popular, o fandango caiçara, não fazia parte dos costumes e vivências de Quinta do Sol antes do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e, sobretudo, do Festival de Folclore de Quinta do Sol, que passou a dar visibilidade a esses elementos de identidade cultural. Por isso, importante apresentar essas distinções que marcam as tradições populares e como elas se conectam e se relacionam, gerando realidades diversas em regiões diferentes.

As ações populares são essenciais para salvaguardar a cultura popular e o folclore de cada região. Afinal, conforme Megale (2011, p. 17), “somente o que é popular é folclórico e o folclore é o retrato vivo dos sentimentos populares e das reações do povo ante as transformações sociais”. Por isso, ao abraçar a cultura do povo nativo do litoral paranaense e a difundir para o interior do estado, alcançando reconhecimento e projeção a níveis nacional e internacional, além de incluir repertório de outras regiões do país, o Grupo Pôr do Sol contribuiu para o enriquecimento cultural e de identidade cultural da própria cidade. Afinal, pôde mostrar novas culturas para seus moradores e também reencontrar, para aqueles que vieram de outras terras para a região, elementos da sua tradição natal.

2.1 Fandango Caiçara, a cultura popular do litoral paranaense

O Fandango Paranaense ou Fandango Caiçara oriundo do litoral do estado é uma manifestação popular resultante das tradições europeias dos colonizadores, distinto do fandango gaúcho, que se modificou através do tempo, ganhando suas singularidades no Paraná. As danças são conhecidas como “Marcas do Fandango Paranaense”, possuem uma

temática caiçara e é caracterizada por um bailado ruidoso devido a batida de tamancos de madeira em assoalho de madeira das casas de fandango e o bailado, uma dança caracterizada pelos casais dispostos em círculos e fazendo movimentos de giros e em forma de “oito”. Os principais instrumentos musicais do fandango paranaense são a viola, a rabeca, o adufe (PINTO; BONAMIGO, QUEIROZ E SILVA, 2010). Aliás, é importante analisar a afirmação de Corrêa (2013, p. 196), pela qual descreve que a escolha de utilizar a nomenclatura Fandango Caiçara, que buscava diferenciar essa expressão cultural de outras homônimas, como o Fandango Gaúcho, que é amplamente conhecido, e era uma forma de reafirmar a identidade cultural da região.

Conforme Diegues (2004, p. 9) “entende-se por caiçaras as comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos”. O modo de vida dos povos caiçaras é baseado, sobretudo, pela agricultura itinerante, a pequena pesca, o extrativismo vegetal e o artesanato. “Os integrantes mais velhos da comunidade tradicional caiçara assumiram papel relevante, pois são a memória viva da cultura e a ponte entre o passado e o futuro, transmitindo oralmente sua história aos mais novos” (DIEGUES, 2005, p. 30). Assim, o futuro do fandango caiçara é continuado e prospera por meio deste intercâmbio de gerações, a oralidade e a memória são as ferramentas para esta perpetuação cultural.

As rodas de fandango marcam o encontro de vizinhos, amigos e conhecidos fandangueiros da região. Os fandangos do sítio acontecem, geralmente, aos sábados e domingos, quando a comunidade não está na labuta e pode se divertir, se encontrando na casa de moradores, que deveria ter uma sala com assoalho de madeira para os batidos do tamanco. Os encontros são marcados pela gastronomia local com diversos pratos em banquete para todos. “A descrição da comida farta, muito ligada ao mar e que marca os fandangos no sítio, tem em seus preparos misturas de ingredientes como ostra e mexilhão com farinha de mandioca e milho, trazendo peculiaridades da culinária caiçara” (IPHAN, 2011, p. 46). Assim, o fandango demonstra ser um local de trocas, partilhas e vivência de diversos aspectos da vida litorânea.

A continuidade dessas vivências, onde os mestres fandangueiros repassam seu conhecimento, as músicas, as danças, como tocar e viver o fandango, acontece na comunidade, na prática destes encontros, os chamados bailes de fandango, onde convidam outros fandangueiros para se apresentar e partilhar o seu conhecimento folclórico para os mais novos. Ali, “sob a melodia de violas e rabecas a memória caiçara se atualiza e ganha continuidade entre a juventude que sempre se faz presente” (IPHAN, 2011, p. 44).

Atualmente, esses bailes têm acontecido nas noites de sábado em clubes e salões de baile, que são organizados por grupos de fandango, associações, coletivos locais, e mesmo, grupos familiares e comunitários, onde se reúnem tocadores e batedores de fandango de diversas linhagens.

Conforme aponta Diegues (2004, p. 40), “é evidente que nenhuma cultura tradicional existe em estado puro”. A cultura caiçara, assim como qualquer outra cultura no mundo, é dinâmica e passível às influências externas. Bem como, pode assimilar e incluir elementos culturais externos, às vezes, condicionadas pelas regras de mercado, do modo de vida capitalista, por mais tradicional e nativa que seja uma comunidade caiçara. O fandango representa essa pluralidade da cultura do litoral paranaense.

No Estado do Paraná, o fandango caiçara é elemento cultural nativo do litoral e sobrevive, sobretudo, nas cidades de Paranaguá, Morretes e Guaraqueçaba. Grupos destas três cidades compõem, ao lado de grupos tradicionais do Estado de São Paulo, o projeto “Museu Vivo do Fandango”, que colabora para a existência e resistência desta cultura popular, organizando eventos aglutinadores que dão visibilidade à dança folclórica. Um dos principais eventos é a Festa Nacional do Fandango Caiçara, realizada na Praça Cyro Abalem, na Ilha dos Valadares em Paranaguá, que tem por objetivo “promover, divulgar e debater temas relacionados ao Fandango, no intuito de preservar esta manifestação cultural típica do Litoral Paranaense, registrada como bem imaterial Brasileiro pelo IPHAN” (PARANAGUÁ, 2022). A programação do evento compreende apresentações de dança típica, exposição fotográfica, rodas de conversa e mesas de discussão, além de oficinas culturais, entre outras atrações para todos os públicos. Essas ações populares são essenciais para salvaguardar a cultura nativa e o folclore de cada região. Por isso, a experiência da união destes grupos em torno do reconhecimento do fandango caiçara como patrimônio cultural imaterial se torna um caso de sucesso da valorização do folclore na atualidade.

Afinal, conforme Arantes (2012), o sentido mais profundo da cultura popular observa aquilo que é mais geral e abstrato no ser humano. O modo de organização e participação do indivíduo naquilo que a sociedade produz faz parte da sua identidade social e cultural, pois ele também é influenciado pelo meio em que vive. Assim, a construção identitária e, sobretudo, de identificação cultural, ocorre continuamente apesar de ser considerada fragmentada em seus espaços, por suas diversas vestimentas de identificação de grupo, por seus modos particulares (do indivíduo) e concretos (do ambiente), que são as imagens de todas as modalidades artísticas.

Com a convivência e compartilhamento de experiências desses grupos nestes tipos de evento, com uso do vocabulário próprio da comunidade tradicional caiçara cantado nas músicas, que se veem as semelhanças entre o Fandango Caiçara do litoral Sul de São Paulo e do litoral norte do Paraná. Entretanto, é preciso compreender que “a valorização da cultura caiçara não pode ser feita através de afirmação do saudosismo dos tempos passados ou da idealização do passado rural, de uma cultura autêntica” (DIEGUES, 2006, p. 17), afinal como foi dito antes, a cultura é dinâmica, mutável e aglutinadora de elementos de outras culturas e a cultura caiçara não foge à essa regra, ela é resultado de misturas e mudanças.

Em relação à música, a banda é composta por instrumentos de cordas e percussão, e as músicas são cantadas. O fandango é estritamente cantado, com letras que remetem ao modo de vida caiçara, a natureza da região, o mar.

Acompanhando as violas e a cantoria, intercalando o acompanhamento das partes cantadas em uníssono com pequenos solos de temas tradicionais nos entremeios, temos a rabeca, ou rebeca. Em Cananéia, Guaraqueçaba e Paranaguá o instrumento é utilizado com três cordas, enquanto em Morretes e Iguape, encontramos as rabecas de quatro cordas. Também existe para este instrumento um conjunto de afinações possíveis. Bandolins e cavaquinhos também podem dividir com as rabecas o trabalho de acompanhamento e solo. No acompanhamento rítmico temos o adufo ou adufe, espécie de pandeiro artesanal, onde o couro é deixado mais frouxo para a obtenção de um som mais grave. Atualmente, há grupos que usam surdos, tantãs e outros instrumentos rítmicos. (PIMENTEL; PEREIRA; CORRÊA, 2011, p. 6).

O fandango acontece no meio de um trabalho artesanal. Muitos destes instrumentos não são comprados em lojas especializadas, mas feitos em oficinas nas próprias comunidades caiçaras.

Nestes percursos o fandango encontrado na atualidade nos litorais norte do Paraná e sul de São Paulo, independente de sua origem ou origens, não é mais apenas fruto de uma das heranças musicais e coreográficas portuguesas chegadas ao sul do Brasil desde pelo menos o século XVIII. Esta já se amalgamou com a música que aqui já havia, também de violas, de rabecas, já brasileira, paulista, de cateretês e calangos, nas vilas e caminhos dos estados de São Paulo e Paraná desde os tempos da capitania de São Vicente. Esta musicalidade transitou por terra e por mar, dos campos gerais até se chegar a Curitiba por tropa, até as baías de Paranaguá, Antonina e Guaraqueçaba, pelos canais e ilhas que interligam este litoral ao de Cananéia e Iguape, em São Paulo. Atualmente, o fandango juntamente com outras expressões da cultura caiçara, antes desprivilegiadas assumem novos papéis para as comunidades que as praticam. O fandango passa ocupar diferentes dimensões da vida social destes fandangueiros, expresso em estratégias de sobrevivência econômica, manutenção de sociabilidades, sinônimo de reconhecimento e visibilidade, o fandango entra no século XXI com uma dinâmica e vitalidade nunca antes vista (IPHAN, 2011, p. 37-8).

Este apontamento do IPHAN sobre um patamar diferenciado de reconhecimento e vitalidade do fandango caçara, nunca antes visto, é resultado do trabalho das próprias comunidades tradicionais que, compreenderam a importância do fandango para seus povos e a necessidade de fortalecer seus laços, sua cultura e continuar a vivência de repassar esses conhecimentos de geração para geração. As próprias comunidades começaram a se organizar em associações e fomentar atividades culturais, que recebem apoio do Poder Público, como a supracitada Festa Nacional do Fandango na cidade de Paranaguá.

Nas entrevistas que realizei, o dançarino, coreógrafo e diretor artístico do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, Dionathan Nayte dos Santos, contou que foi em 2019 para a Festa Nacional do Fandango. Ele falou que já havia ido conhecer o Grupo do Mestre Romão em 2003 numa viagem com os membros do grupo quintassolense para um intercâmbio e voltou para prestigiar a festa anos depois. Nayte, como é conhecido, relatou que foi muito significativo, ver algo com tanta força e vitalidade. “Você vê o povo, a comunidade que valoriza o que faz, valoriza tudo aquilo, é sensacional! Foi sensacional estar na festa do fandango” (SANTOS, 2022). No entanto, é importante ressaltar que em nenhuma edição do Festival de Folclore de Quinta do Sol houve a presença de grupos originários do litoral paranaense, apesar de ser citado em algumas entrevistas que membros do grupo costumeiramente vão até Paranaguá para visitar/conhecer esses grupos nativos.

Os fandangueiros denominam em dois grupos distintos ritmos, melodias e coreografias que compõe o repertório do fandango: as marcas, porque são marcadas ritmicamente através dos batidos com o tamanco, dando forma ao chamado fandango batido; e, as modas, quando são somente tocadas para serem dançadas em pares, no chamado fandango bailado. As marcas batidas mais conhecidas são: Anu, Andorinha, Xará, Feliz, Tiraninha, Tonta, Marinheiro, entre outras. Para as marcas batidas, é fundamental que o dançador conheça previamente as coreografias, devido suas variações e movimentos complexos. Geralmente, são dançadas em círculo, onde as mulheres bailam por não usarem os tamancos, enquanto os homens batem palma e tamanqueiam, fazendo o papel de mestre, marcador ou puxador, servindo de referência para os demais durante a execução da dança, formando o conhecido “baile ruidoso” (IPHAN, 2011).

O batido do tamanco no assoalho de madeira age como um grande instrumento de percussão, marcando as músicas do fandango batido. Diversos fandangueiros contam que, a origem do uso destes tamancos vem desde o “tempo dos sítios”, quando tamancos de madeira eram utilizados para descascar o arroz, numa atividade conhecida como *fazer gambá*. Os melhores tamancos são feitos com cepa de limão ou de laranjeira, que são madeiras duras para

“dar som”, enquanto a parte de cima, na qual se fixam os pés, são feitas de couro ou restos de pneus. Os assoalhos de madeira das casas de fandango, necessitavam ter boa resistência, pois ganhavam fama o batedor que conseguia quebrar o tamanco ou até mesmo o assoalho (IPHAN, 2011). Em algumas apresentações nestes vinte anos de história do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, que recria danças do fandango paranaense e usam as indumentárias típicas da dança, alguns batedores quintassolenses já quebraram os tamancos durante apresentações, conforme eu mesmo pude presenciar em algumas ocasiões dentre as diversas vezes que assisti ao grupo.

Tradicionalmente, no fandango praticado no litoral do Paraná, o ajuntamento de pessoas em torno do fandango é maior, com a formação de grupos mais amplos, congregando músicos e sapateadores, além de amigos e familiares que acompanham tais vivências. “O grupo de Mestre Romão é o mais antigo em atividade, e conta desde os anos 1990 com o apoio da Prefeitura de Paranaguá. Reúne músicos experientes e jovens dançarinos. Por ele já passaram algumas gerações de crianças que com ele aprenderam a dançar. (IPHAN, 2011, p. 76)”. Outro grupo famoso do fandango paranaense é a Associação Mandicuera de Cultura Popular, formada por jovens da Ilha dos Valadares em Paranaguá, que atua como Ponto de Cultura, desenvolvendo projetos sociais em sua sede, e também fomenta outras tradições populares da região como o Boi de Mamão e a Bandeira do Divino (IPHAN, 2011). Tenho acompanhado há um bom tempo a atividade da Associação Mandicuera pelas redes sociais, pelas quais eles divulgam as ações de promoção da cultura para as novas gerações, rodas de conversas, feiras e oficinas artesanais. Interessante ver como tem atingido êxito ao servir de ponte e apoio para adultos, jovens e crianças, para que possam vivenciar o fandango e a cultura caiçara de modo pleno e sustentável.

Neste caso, pode-se traçar um paralelo com as baianas do acarajé que tiveram seu ofício culinário elevado à categoria de patrimônio. Estes fandangueiros possuem uma relação com seu público, com os fornecedores de matérias para instrumentos e indumentárias, assim como as baianas com os fornecedores das matérias-primas para cozer os acarajés, de contraparte, tanto lá, quanto cá, esses produtores culturais possuem uma relação com o patrimônio, com o IPHAN, com os órgãos governamentais onde atuam por sua identidade e ofício, que servem como instrumentos para seu reconhecimento político e social (GONÇALVES, 2015). Esses sujeitos, baianas ou fandangueiros, ‘negociam’ suas identidades a partir de determinadas formas de lidar com o patrimônio que se tornaram, no caso das baianas do acarajé é algo mais evidente devido seu ofício em si ter se tornado patrimônio. Mas, para os fandangueiros, o fandango se tornar patrimônio demonstra como essa vivência

do fandango pode ganhar novos contornos identitários e de construção e comunicação social, a partir de uma ação de ‘preservação’ que, apesar de estarem envolvidos na construção, não são eles os detentores da criação do título patrimonial. É algo externo a eles, um sistema patrimonial que pode ser afetado pelo mal-estar do patrimônio também explorado por Gonçalves (2015, p. 216), onde o excesso de presentismo, não necessariamente perpassa pela busca de uma identidade ou pelo medo da perda, do apagamento de uma cultura, mas está calcado numa obsessão do Ocidente moderno em sua presunção de construir no presente um ‘tempo histórico’ inabalável, que no Brasil se misturou com ações visando a construção de uma ‘identidade nacional brasileira’, que por décadas moldou a cultura patrimonialista.

Conforme o professor Lucinei Carneiro, no início do grupo em Quinta do Sol, quando definiram a dança folclórica, por meio do fandango, como atividade principal, perceberam que era necessário ter mais conhecimento sobre a dança. Assim, em 2003, realizaram uma viagem de intercâmbio para Paranaguá em 2003, onde acompanharam as atividades do grupo do Mestre Romão.

E a gente sentiu, até nas pesquisas que a gente fez, que a gente precisava ter um pouco mais de conhecimento sobre o que nós iríamos fazer. Porque é uma cultura que é paranaense, mas não é da nossa região. Então no primeiro momento foi isso, a preocupação de você começar, mas começar do jeito certo né, indo lá ver como é que é, conversar com as pessoas. Nós entramos em contato com um grupo autêntico lá de Paranaguá, que é o grupo do Mestre Romão e fomos pra lá. Conseguimos uma viagem com 40 pessoas praticamente, a maioria dos dançarinos, alguns familiares e a gente teve lá fazendo esse intercâmbio com eles, até fizemos apresentação junto com eles lá. Eles passaram todo material que eles tinham, foram muito legais com a gente, até hoje eu tenho livros e CDs, a gente filmou tudo que a gente pôde lá, pra gente poder construir esse espetáculo de fandango do Paraná, que é o nosso carro-chefe, sobrevive até hoje. (CARNEIRO, 2022).

O fandango caíçara está vivo e pulsante! Seja nos grupos nativos em Paranaguá, Guaraqueçaba e Morretes, com atividades de fomento da cultura popular como a Festa Nacional do Fandango. Seja na pesquisa e divulgação do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, que trouxe o fandango para o interior do Paraná e tem levado o ritmo para os palcos, referenciado como uma significativa marca da cultura popular paranaense.

2.2 Patrimônio Cultural

O patrimônio cultural pode ser qualificado como o conjunto de bens materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis) apropriado pelo homem, apresentando suas características únicas e particulares. Assim, entre os bens materiais podem ser considerados as construções e os monumentos históricos, enquanto no campo dos bens imateriais residem as

manifestações artísticas. Desse modo, é considerado patrimônio cultural toda produção humana que traz uma significação apropriada pela sociedade, de todas as classes sociais (BARRETO, 2003).

O entendimento sobre bens culturais de natureza imaterial possui um escopo mais recente dentro das pesquisas em História e Patrimônio no Brasil. O Decreto nº 3.551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) foi assinado somente no ano 2000. Foi quando se deu início à regulamentação dos registros do patrimônio cultural.

De acordo com as normativas designadas pelo Decreto nº 3.551/00, o processo de registro do patrimônio cultural imaterial é catalogado em uma série de livros de acordo com a tipificação dos bem cultural imaterial a ser tombado como patrimônio: a) livro de registro dos saberes e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; b) livro de registro das festas, celebrações e folguedos que marcam ritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade e do entretenimento; c) livro de registro das linguagens verbais, musicais, iconográficas e performáticas; d) livro dos lugares, destinado à inscrição de espaços comunitários, como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, 2000).

Além disso, o Decreto nº 3551/00 diz respeito às inscrições de patrimônios no IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, apresentando assim toda a documentação necessária para o processo de inscrição até a validação do registro pelo instituto. Dentre as exigências necessárias para a realização do registro do bem de natureza imaterial estão: sua continuidade histórica e relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira (BRASIL, 2000).

Afinal, múltiplos aspectos que necessitam de salvaguarda passaram a ser vistos e reconhecidos como referências da identificação cultural de diferentes grupos, povos ou etnias. Assim, “as línguas, os instrumentos de comunicação, as relações sociais, os ritos, as cerimônias, os comportamentos coletivos, os sistemas de valores e crenças” (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006, p. 254), são elementos que passaram a ser considerados patrimônios culturais imateriais.

O pedido de registro do Fandango Caiçara junto ao IPHAN para validação enquanto Patrimônio Cultural Imaterial foi realizado em 26 de julho de 2008 por entidades da região de Lagamar, sendo elas: Associação de Fandangueiros do Município de Guaraqueçaba/PR, Associação de Cultura Popular Mandicuera/PR, Associação Cultural Caburé/RJ, Associação

de Jovens da Jureia/SP, Associação Rede Cananeia/SP, Instituto de Pesquisa Cananeia/SP, Associação dos Fandangueiros de Cananeia/SP, Instituto Silo Cultural/RJ, com a anuência da comunidade produtora do Fandango e outros interessados (IPHAN, 2012). Tais instituições visando o registro do Fandango como patrimônio cultural imaterial organizaram e fundaram o projeto “Museu Vivo do Fandango”, com o intuito de catalogar, registrar, preservar e difundir a cultura fandanguieira do litoral norte paranaense e do sul do estado de São Paulo.

Na descrição dos bens registrados no site do IPHAN, apresenta o seguinte detalhamento sobre o Fandango Caiçara, conforme constam tais definições na certidão de registro do Fandango como bem cultural imaterial:

O Fandango Caiçara - registrado pelo Iphan em novembro de 2012 - é uma expressão musical-coreográfica-poética e festiva, cuja área de ocorrência abrange o litoral sul do Estado de São Paulo e o litoral norte do Estado do Paraná. Essa forma de expressão é um dos bens imateriais que compõe o Patrimônio Cultural do Brasil. Possui uma estrutura bastante complexa e se define em um conjunto de práticas que perpassam o trabalho, o divertimento, a religiosidade, a música e a dança, prestígios e rivalidades, saberes e fazeres. O Fandango Caiçara se classifica em batido e bailado ou valsado, cujas diferenças se definem pelos instrumentos utilizados, pela estrutura musical, pelos versos e toques.

Nos bailes, como são conhecidos os encontros onde há fandango, se estabelecem redes de trocas e diálogos entre gerações, intercâmbio de instrumentos, afinações, modas e passos viabilizando a manutenção da memória e da prática das diferentes músicas e danças. O fandango caiçara é uma forma de expressão profundamente enraizada no cotidiano das comunidades caiçaras, um espaço de reiteração de sua identidade e determinante dos padrões de sociabilidade local.

Articulando expressões coreográficas, musicais e poéticas, se configura por um conjunto de práticas que passam pelo trabalho e divertimento, música e dança, prestígios e rivalidades. Tal qual é vivenciado atualmente, nesta região, resultou de um específico processo histórico-social consolidado, sobretudo, a partir do final do século XIX, com a formação dos núcleos de povoamento chamados “sítios”. A partir dos modos de vida configurados nesses espaços, o fandango adquiriu seus contornos, estando ligado a atividades rurais baseadas na roça, na pesca e no extrativismo.

O fandango para os “sitiantes-caiçaras”, se apresentava como o espaço da “reciprocidade”, onde o “dar-receber-retribuir” constituía a base de suas socialidades, marcada pelas dimensões familiares, de compadrio e vizinhança. Para as comunidades rurais e de pescadores estabelecidas nesse território, o lugar do fandango em suas vidas sociais e lúdicas além de estar ligado à organização do trabalho comunitário - o mutirão - relacionava-se também, ao conjunto de laços de sociabilidade produzidos na região.

De casamentos e batismos, festas de santos padroeiros e aniversários, até alianças de ajuda mútua e compadrios, observa-se dinâmicas sociais marcadas e conduzidas pelas cadências do fandango. De certo modo, a lógica do mutirão acompanhava as diferentes configurações deste fazer fandango, e, nesse contexto, de fato as divisões entre trabalho e divertimento sempre foram tênues (IPHAN, 2022, p.1).

O esboço do Museu Vivo do Fandango projetado pela Associação Cultural Caburé e, posteriormente assumido pelas instituições locais voltadas ao fandango caiçara, dando o pontapé inicial para que houvesse o registro desta dança folclórica como patrimônio cultural imaterial. Os trabalhos iniciaram por volta de 2002, tendo a organização do I Encontro de Fandango e Cultura Caiçara no município de Guaraqueçaba em 2006, a segunda edição foi realizada no mesmo município em julho de 2008. Sendo que, em novembro de 2008 o IPHAN aceitou o pedido de registro e assim, deu-se início aos trâmites que culminaram em novembro de 2012 com a oficialização do parecer do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural (DIEGUES; COELHO, 2013, p. 85).

Assim, com o registro do Fandango Caiçara como patrimônio cultural imaterial, busca-se propiciar meios para que seja dada continuidade para salvaguardar sua existência e resistência. Afinal, para Leite (2011, p. 150), “salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é apoiar sua continuidade e atuar provocando melhoria nas condições sociais e materiais de transmissão e reprodução”. Desse modo, o registro no IPHAN e as políticas e atividades de apoio à preservação da cultura e da memória e as ações realizadas pelas próprias comunidades caiçaras são essenciais para a manutenção e preservação do fandango enquanto patrimônio cultural nacional.

Por sua vez, o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol contribui para salvaguardar essa cultura regional, mesmo que não seja nativa de sua localidade. Entretanto, dada sua repercussão e participação em festivais nacionais e internacionais, serve como referência da estilização do fandango produzido no litoral paranaense. Todavia, o grupo de Quinta do Sol não possui ligação com o processo de patrimonialização do fandango e o impacto do registro pelo IPHAN é muito mais efetivo para as comunidades caiçaras do que para o Grupo Pôr do Sol, que também ampliou o repertório através dos anos, sendo um grupo parafolclórico que não trabalha exclusivamente com o fandango.

2.3 Folclore e Parafolclore

De acordo com Lima (1972), a palavra *folk-lore* teve seu primeiro registro em 22 de agosto de 1846, por meio do arqueólogo inglês William John Thoms. A palavra *Folk* quer dizer povo; *Lore*, o saber, o conhecimento, o costume, ou seja, folclore significa as tradições de um povo. Entretanto, de acordo com Lima (1972), a palavra “folclore” só foi confirmada em 1878, com a fundação da Sociedade de Folclore em Londres, da qual teve a iniciativa de George Laurence Gomme para a sua fundação. Além disso, cabe ressaltar que,

devido ao seu caráter dinâmico, psicológico e social, o folclore está intimamente ligado a várias ciências, que dele necessitam para a melhor interpretação dos fatos estudados. A História, por exemplo, não dispensa a ciência das antiguidades populares, sem a qual seria apenas um amontoado de fatos áridos e sem significação, simples enumeração de datas, combates e governos. Há muito não existem raças puras e cada povo é um aglomerado de tradições, lendas e características, que presidem a sua formação histórica. Os historiadores logo viram no folclore um capítulo particular da história, pois ele explica vários fatos não registrados, servindo para apurar o grau de adiantamento dos povos primitivos (MEGALE, 2011, p. 18).

Pode-se compreender o folclore como um elo entre passado e presente. Afinal, ele traz um diálogo constante entre o agora e a tradição, elementos de hoje e os costumes/narrativas que passam por gerações. “O folclore não é a sobra do tempo passado, a sobrevivência do ontem, uma relíquia cristalizada, mas sim o passado reelaborado, adequado ao presente, à realidade vivenciada pela comunidade” (SANTOS; SANTOS; SANTOS, 2015 p. 57). Por isso, o folclore se torna uma fonte de dados relevantes sobre a história local, ofertando informações sobre a construção histórico-social de determinados povos tradicionais. Tal relevância sobre a importância do folclore para estudos históricos é apresentada por Florestan Fernandes, que afirma que o folclore é

um campo ideal de investigação para os cientistas sociais. É que ele permite observar fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano, como a natureza dos valores culturais de uma coletividade, as circunstâncias ou condições em que eles se atualizam, a importância deles na formação do horizonte cultural de seus portadores e na criação ou na motivação de seus centros de interesse, a relação deles e das situações sociais em que emergem com os sentimentos compartilhados coletivamente, a sua significação como índice do tipo de integração do grau de estabilidade e do nível civilizatório do sistema sociocultural. (FERNANDES, 1978, p. 13-14).

Para pensarmos em folclore e cultura popular, temos que analisar como se dá a produção e difusão cultural na sociedade como um todo e como esses processos afetam o homem em seu cotidiano. A hegemonização cultural vem padronizando hábitos e o consumo de produtos culturais de massa, alavancados pelo avanço das tecnologias de comunicação, sobretudo, a internet e as redes sociais. Assim, as manifestações da cultura popular concebem um componente de resistência e existência de identidades locais, preservando suas especificidades por meio das danças, costumes e valores (SBORQUIA; NEIRA, 2008).

Conforme Piau e Muriel (2012, p. 444), “a política de liberalismo cultural tem impacto negativo na arte tradicional, pois além de privilegiar a arte erudita e a cultura de massa, este tipo de política reduz as obras de arte à mercadoria, a um produto para ser vendido e dar lucro”. A produção da cultura popular vai na contramão dessa produção mercadológica,

porém compreende que precisa construir espaços de divulgação, tecendo teias de apoio e interação para preservação do folclore e das demais manifestações de culturas populares. Como aponta Glassberg (1996, p. 15): “histórias populares não impõem uma única visão do passado sobre as massas, mas mais comunica uma multiplicidade de visões alternativas submersas, acessíveis a audiências competentes para decifrá-las de acordo com seus conhecimentos sociais de fundo”. Dentro desta rede, temos grupos folclóricos de raiz, grupos parafolclóricos de pesquisa e projeção folclórica e os festivais de folclore, como Festival de Folclore de Quinta do Sol, que subsidiam a divulgação dos trabalhos destes grupos, levando ao público, de forma gratuita, a cultura popular de diversas partes do Brasil e do mundo.

Além disso, com a realização das transmissões online e a fixação destas transmissões em plataformas virtuais como o YouTube, os vídeos ficam disponíveis para serem vistos a qualquer momento, de qualquer lugar do planeta, ampliando o alcance desta divulgação. Reiterando essa visão sobre o FEFOSOL como um lugar de valorização da cultura popular e da troca de experiências, temos o depoimento de Nazaré Azevedo:

Eu acho que todas as vezes que nós temos a oportunidade de divulgar a nossa cultura, levar ela mais longe, trazer ela aqui pro Sudeste, Sul, Centro-Oeste, que a gente possa levar no Brasil todo, é muito gratificante! E trazer para Quinta do Sol a nossa cultura nos deixa muito felizes, porque, afinal de contas, a gente não quer só dançar, a gente quer também fazer essa troca de experiências, trocar essas figurinhas, aprender e ensinar o nosso. Então, eu acho que o festival é fundamental essa troca, essa convivência entre os grupos e cada um com a sua cultura. Essa mistura é muito bonita e vale muito a pena (AZEVEDO, 2022).

Utilizando uma estrutura cedida pelo Município de Quinta do Sol, como o Centro de Eventos Osvaldo Silva para ser o palco do evento e a Escola Municipal Pequeno Príncipe, que se transforma em alojamento para os grupos de fora do Paraná, o FEFOSOL se torna este local acolhedor que Nazaré Azevedo fala com tanto reconhecimento. E essa fala de Nazaré encontra eco na afirmação de Piau e Muriel (2012, p. 79), “para grande parte das pessoas que trabalham com cultura tradicional, a manifestação cultural é, quando não a única, uma das coisas que mais dão sentido às suas vidas”. Então percebemos a importância das políticas públicas de fomento à cultura. Assim, os patrocínios do governo municipal e também, por meio de terceiros, parceiros de outros órgãos governamentais e dos editais de fomento da cultura, colaboram para que o festival tenha recursos financeiros para custos como alimentação dos grupos, estrutura de palco, som e iluminação, ajuda de custo para a viagem dos grupos distantes. Uma verdadeira operação de guerra, minuciosamente calculada e organizada, para que os grupos possam mostrar sua arte e o público seja acolhido com conforto para acompanhar as apresentações.

Destaco neste momento a entrevista com a musicista Paulla Braz Neves, que foi diretora musical do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, e atualmente, trabalha com arte, sobre a importância de valorizar a cultura e fomentar espaços de geração de emprego e renda a partir de ações culturais. O patrocínio e incentivos, sejam eles financeiros ou não, são essenciais para que a cultura popular exerça também o papel de meio de existência da população tradicional.

Vamos lembrar, pegar esse conceito novo, atual, que é a cultura, vou usar esse discurso, que a cultura no Brasil ela mobiliza 6 milhões de pessoas. Ela emprega 6 milhões de brasileiros diretamente, fora os indiretamente. Que essas ações, que nem o Grupo Pôr do Sol, o Festival de Folclore de Quinta do Sol, futuramente consigam, fazer com que isso circule, circule recursos, circule empregos, carteiras registradas, né. O apoio ali dos agricultores locais, empresas locais, por meio de incentivo fiscal, da Lei Rouanet, do PROFICE, que são programas de captação de recursos, que inclusive o grupo já tem essa prática. Enfim, que isso se solidifique, se fortifique, e isso consiga ser renda pra muitas pessoas (NEVES, 2022).

Como aponta Pereira (2009), a cultura é formada pela prática social, tendo uma dimensão simbólica vista nos sentidos comuns para certo grupo social. Assim como a história cultural faz parte desta construção marcada pelo simbolismo, tanto da cultura em si, quanto dos seus reflexos na sociedade – as audiências, públicos – e os historiadores públicos estão inseridos neste campo devido ao seu tipo de pesquisa, pois “dia a dia eles veem história não apenas como criadas pelo autor, mas também como remoldada pela burocracia institucional e reinterpretada por vários membros da audiência” (GLASSBERG, 1996, p. 16). Sendo que, os produtores da cultura popular são, geralmente, provenientes das classes trabalhadoras, que utilizam a arte para expressar seus interesses e desejos sem interesses comerciais, optando por uma atividade que visa o prazer e produção naqueles instrumentos e fundamentos culturais que desenvolvem:

Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. A palavra cultura implica, portanto, o conjunto das práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo. (MOREIRA; CANDAU, 2007 p. 27).

Os festivais de folclore são os locais onde esses grupos de encontram para partilhar suas particularidades, costumes e tradições. Um local de difusão cultural, socialização de práticas artísticas, intercâmbio, conhecimento e respeito pela diversidade. Megale (2011) afirma que o folclore concede benefícios culturais àqueles que o estuda, possibilitando compreender problemas sociais, analisando os saberes socialmente aceitos e divulgados pelos antepassados e repassados às gerações atuais. O folclore possui a competência de resguardar e

solidificar as principais características de cada povo. Por isso, esses locais de projeção folclórica são essenciais para conhecer as demandas socioculturais das diversas sociedades.

Nesse ambiente de intercâmbio cultural, as diferentes culturas podem se enriquecer e se fortalecer juntas, possibilitando que a dança popular e folclórica tenha espaços para se apresentar e ser apreciada pelo grande público. Essas ações colaboram para a manutenção das tradições populares. O parafolclore pode ser visto como uma aplicação que se faz da cultura popular, criando cenários artísticos, figurinos mais elaborados para ganhar destaque no palco, alguns passos são estilizados como um balé, mas sem deixar de lado elementos autênticos do folclore que está se projetando. Os grupos parafolclóricos prestam uma homenagem ao folclore de raiz, tendo origem em escolas, nas comunidades, com intuito de continuar tradições que não se perderam totalmente (SOUZA, 2011). Um trabalho de estudo, divulgação, recriação e renovação da cultura popular para atingir novos e maiores públicos, sobretudo, atraindo a atenção de crianças e adolescentes, por isso, esses trabalhos acontecem com certa frequência nas escolas. É o caso do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol que iniciou suas atividades como um projeto escolar no Colégio Estadual São Judas Tadeu – Ensino Fundamental e Médio, envolvendo alunos, professores e pessoas da comunidade, que formaram a banda e os dançarinos, pesquisando sobre o fandango caiçara, tradição popular do litoral paranaense. Conforme explica a Carta da Comissão Nacional de Folclore:

Grupos Parafolclóricos: 1. São assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes, em sua maioria, não são portadores das tradições representadas, se organizam formalmente e aprendem as danças e os folguedos através do estudo regular, em alguns casos, exclusivamente bibliográfico e de modo não espontâneo. 2. Recomenda-se que tais grupos não concorram em nenhuma circunstância com os grupos populares e que, em suas apresentações, seja esclarecido aos espectadores que seus espetáculos constituem recriações e aproveitamento das manifestações folclóricas. 3. Os grupos parafolclóricos constituem uma alternativa para a prática de ensino e para a divulgação das tradições folclóricas, tanto para fins educativos como para atendimento a eventos turísticos e culturais. (Carta da Comissão Nacional de Folclore – Capítulo III – Salvador – 1995).

Esse entendimento sobre a diferença entre folclórico e parafolclórico é algo que ainda é um pouco confuso por quem está à parte desta discussão, mas para aqueles que entram em contato com os diversos grupos, conseguem ter essa compreensão. Para os membros do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, sobretudo os mais jovens, esse conhecimento vai se construindo conforme vai vivenciando as experiências folclóricas com a dança. Na entrevista com a ex-dançarina do grupo, Kellen Sales da Silva Ananias, atualmente professora de Artes, ela conta

que, ao entrar em contato com um grupo de fandango de Paranaguá, ela começou a entender as diferenças.

Eu não lembro de muita coisa, mas lembro que vi a diferença. Aí que eu fui conhecer o que é um grupo para[folclórico] e um grupo folclórico, a diferença ali de poder modificar, seguindo o que tem de seguir, mas podendo modificar. Eu lembro de pouca coisa, mas lembro assim dessa diferença clara, o grupo folclórico é bem mais rústico, vamos dizer assim, do que o parafolclórico. Mas segue... o fandango tem que ter a batida dos tamancos, segue isso, mas pode dar uma estilizada, diferente do folclórico. Eu lembro disso, que eu via essa diferença do folclórico, de ser mais simples em vestimenta, em tudo, do que um parafolclórico (ANANIAS, 2022).

O estudo e o intercâmbio cultural proporcionado por viagens de estudo para convívio com grupos folclóricos de raiz, os encontros promovidos nos festivais, são essenciais para que se estabeleçam na prática as diferenças entre folclore e parafolclore. Porém, não podemos cair no julgamento que um é melhor que o outro, como há muito é feito com o tratamento sobre o que é cultura erudita e cultura popular. Tudo é cultura. Essas memórias geracionais dentro da própria história do grupo refletem o quanto se construiu e modificou no entendimento sobre cultura popular, folclore e temas afins. Não apenas na convivência entre gerações etárias distintas entre os membros do grupo e de outros grupos que tiveram contato, mas também na memória e identidade individual de cada pessoa e como ela recorda as transformações que passou no período dentro do grupo folclórico.

Bauman (2005) aponta que as “identidades” culturais, religiosas, sociais, entre outras, estão em constante mutação, transformada pela modernidade líquida, devido sua fluidez ao se adaptar e ocupar um espaço. As identidades mutáveis e negociáveis colocaram um outro sentido para o patrimônio cultural imaterial, como a dança enquanto identidade cultural, sendo um bastião da identidade de uma comunidade. Os grupos de cultura popular ou de danças parafolclóricas tentam estabelecer uma identidade no tempo e espaço em que estão inseridos, movimentando diversos setores da sociedade, fazendo com que os demais consigam se ver nessas representações artísticas e reconhecer que pertencem aos mesmos símbolos culturais e artísticos.

No âmbito da História Pública, convém ressaltar o que diz David Glassberg sobre a atuação dos historiadores públicos na pesquisa referente aos diferentes contextos criados por autores, instituições de comunicação e, sobretudo, pelas audiências. Pois, se levar em consideração que o significado de um fato histórico não é inerente, mas mutável, esses contextos sucessivos podem delinear a organização social do passado em cenários particulares. Desse modo, “este tipo de pesquisa de audiência é desenhada não meramente para fazer interpretação mais popular para atrair mais visitantes, mas mais para compreender

melhor as concepções sobre história com as quais as audiências abordam nosso trabalho” (GLASSBERG, 1996, p. 16).

Grupos de pesquisa e projeção, como o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, trazem para suas realidades novas identidades culturais, demonstrando na prática essa modernidade líquida de Bauman. Em vinte anos de história, trouxeram elementos folclóricos do Paraná e outras regiões para perto da sua comunidade, possibilitando à população conhecer outras manifestações culturais e associa-las ao seu cotidiano, reconhecendo as diferentes identidades de diversas regiões.

CAPÍTULO 3
VEM VER, VEM CONHECER MINHA CIDADE-SORRISO:
a trajetória pública do discurso do pioneirismo ao do Folclore

Para conhecer a história de um povo, faz-se significativo conhecer aquilo que contemporaneamente são apontados – com seus apagamentos, disputas de forças e de discursos – como suas origens, por isso apresento um breve relato sobre o processo de colonização e povoamento das terras onde hoje está instalado o município de Quinta do Sol. Esse processo é permeado por relações de poder e discursos firmados numa visão romantizada dos pioneiros e de órgãos oficiais como o Governo do Paraná e as companhias imobiliárias que lotearam essas terras, que consideravam “vazios geográficos”, ignorando e apagando sistematicamente a memória daqueles que aqui habitavam anteriormente ao processo colonizador tardio, por isso a dificuldade em encontrar relatos destas tensões. O objetivo é traçar aspectos de um processo histórico de construção e/ou adoção pública de matrizes discursivas que apresentam e, em certa medida, delimitam o município em diferentes aspectos históricos. E isso envolve considerar os tipos de Histórias construídas para os públicos, leia-se, moradores e como esses replicam e reconstróem tais histórias. Portanto, problematizar os tipos de construções, a apropriações e divulgação por parte da cidade (poder público, professores, políticos e algumas famílias) sobre sua história oficial, a história da cidade agrícola dos pioneiros; a cidade dos astros e a cidade do Festival.

A partir da década de 1920, numa empreitada entre os governos brasileiro e inglês, deu-se início as atividades da Companhia de Terras Norte do Paraná com o objetivo de desenvolver núcleos urbanos e atrair investimentos para as áreas de terra do norte e noroeste do Paraná que ainda eram pouco exploradas, aumentando substancialmente a influência do governo estadual nessas terras. Em 1944, a companhia de capital inglês foi adquirida por grupos capitalistas paulistas e nascia a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Enquanto Londrina foi a principal cidade projetada pelos ingleses, Maringá foi a cidade-modelo da Companhia Melhoramentos (WACHOWICZ, 2016, p. 316).

As cidades destinadas a se tornarem núcleos de maior importância foram localizadas de cem a cem quilômetros, aproximadamente: Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama. Entre essas, de 10 a 15 quilômetros foram fundados centros urbanos e comerciais de menor importância. Em volta das áreas urbanas maiores foram criados *cinturões verdes*, ou chácaras para produção de produtos de subsistência. Todas essas cidades foram planejadas

antecipadamente, possuindo aspecto de cidades modernas, bem traçadas geometricamente e de aparência agradável (WACHOWICZ, 2016, p. 317).

No livro “Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná”, organizado a pedido da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná para celebrar seus 50 anos na década de 1970 há relatos e depoimentos da empreitada de fundação dos municípios das terras da companhia, sendo citada sua influência nas áreas vizinhas. Assim, menciona as terras à esquerda do rio Ivaí, nas vizinhanças surgiram vilas e povoados, que tiveram possível influência de Campo Mourão, cidade-polo desta área composta por 10 municípios: Campo Mourão, Peabiru, Rondon, Araruna, Engenheiro Beltrão, Barbosa Ferraz, Fênix, Iretama, Guaporema e Quinta do Sol. Conforme tabela (Imagem 23) apresentada no levantamento de dados da Companhia, Quinta do Sol foi a última destas cidades a ser elevada à município, a 14 de dezembro de 1964. Entretanto, destaca-se que, em 1968, a cidade tinha 20.748 habitantes, a sexta maior da região (CMNP, 2013).

Imagem 23: Tabela de municípios da Região de Campo Mourão nas áreas vizinhas às terras da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

Região do Campo Mourão - Esquerda do Ivaí					
Nº	Município	Ano Fundação	Data Elevação	População 1960	População 1968
1	Campo Mourão	1903	10-10-947	2.080	47.653
2	Peabiru	1945	14-11-951	551	29.873
3	Rondon	1945	20-11-954	440	33.246
4	Arurana	1948	20-11-954	478	28.554
5	Engenheiro Beltrão	1949	20-11-954	441	24.030
6	Barbosa Ferraz	1955	20-11-954	782	18.156
7	Fênix	1954	25-07-960	223	8.854
8	Iretama	1955	25-07-960	590	10.118
9	Guaporema	1955	25-07-960	183	9.656
10	Quinta do Sol	1956	14-12-964	310	20.748
	SOMA			6.078	220.888

Fonte: CMNP, 2013, p. 227.

Com o avanço da empreitada inglesa de colonização, o Governo do Paraná loteou as terras que tinha posse na região, surgindo colônias oficiais e outras dezenas de imobiliárias particulares que operaram loteamentos menores (WACHOWICZ, 2016, p. 317-8). Conforme relatos e documentos coletados pelos professores Rubem Lopes (*in memoriam*) e Marlene dos Santos Lopes para o livro “Quinta do Sol: marcas de um sonho”, foi possível ter ciência que as terras onde hoje é o município de Quinta do Sol pertenciam a José Lupion, irmão do

governador Moysés Lupion e eram representados pela empresa Imobiliária Quinta do Sol Ltda. A demarcação das terras foi realizada pelo engenheiro Maurício Giraldele e a planta da cidade foi idealizada por Airton Cornelsen (LOPES; LOPES, 2014, p. 7).

O livro dos professores Rubem e Marlene Lopes tem como base a História Oral, com relatos dos nomeados ‘pioneiros’, aqueles que ajudaram a fundar a vilarejo que deu origem ao município. A ideia deste livro surgiu ainda na década de 1990 quando fizeram um vídeo em fita VHS intitulado “Vamos Conhecer Quinta do Sol”, do qual tiveram apoio da Prefeitura Municipal para realizar o projeto, que trouxe imagens da cidade e entrevistas com alguns pioneiros. Para o livro, três homens deram entrevistas relatando como viveram nos primeiros anos nas fazendas e no vilarejo que deram origem ao território onde hoje se situa Quinta do Sol: Raimundo da Silva, Otávio Miranda Pinto e Paulo Martins Neto, todos atualmente *in memoriam*. Cabe ressaltar que, o livro apresenta uma visão da história local sob o prisma do pioneirismo como marco civilizatório e, em tom de homenagem àqueles que vieram para essas terras naquela época, sem trazer problematizações sobre possíveis conflitos históricos no território, lembrando que não era um vazio territorial como apregoa a historiografia focada no pioneirismo, havia nativos por toda a região, que tiveram que lutar ou se deslocar para espaços afastados em nome do “progresso”. Embora tenham uma significativa contribuição para a historiografia local e regional, o livro sobre a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná e o livro sobre a história de Quinta do Sol apresentam seus relatos com uma visão parcial acerca dos pioneiros, tratando-os como heróis-colonizadores do século XX.

Sobre a venda das terras em Quinta do Sol e região, o relato de Martins Neto destaca o seguinte:

Quem primeiro trabalhou no loteamento foi o Dr. Maciel, pessoa de confiança da família do governador Moises Lupion. Estas terras [glebas de terras localizadas no município de Quinta do Sol] pertenceram a José Lupion irmão do então governador Moises Lupion. Depois de alguns anos esta função passou a ser executado pelo Senhor Archimedes Loss, sogro do então farmacêutico Osvaldo Silva que veio a ser o primeiro prefeito eleito do município (LOPES; LOPES, 2014, p. 14).

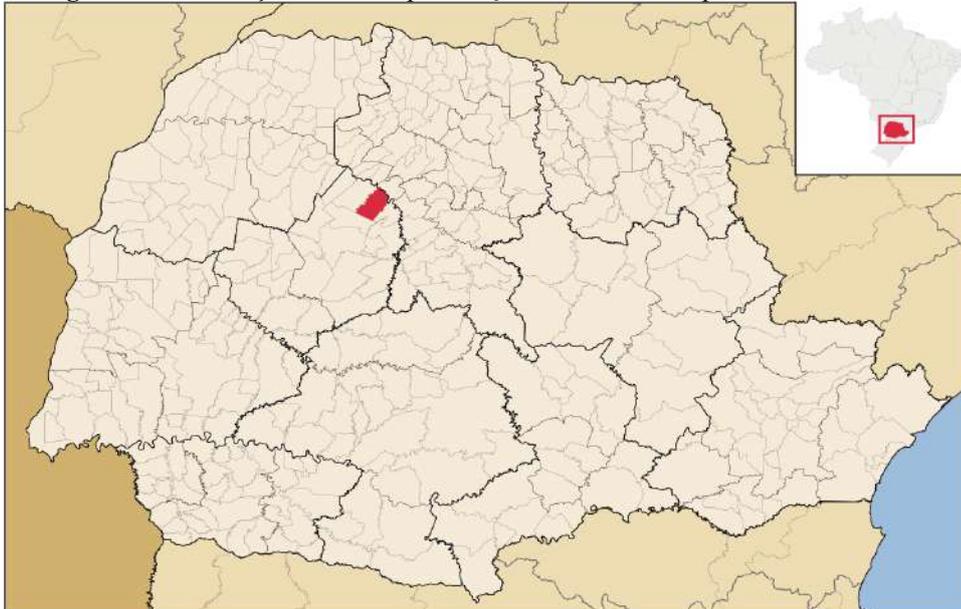
O atual Colégio Estadual São Judas Tadeu – E.F.M., conforme a Resolução nº 2237/03 ficou com a guarda e expedição da documentação escolar do extinto Colégio Cenecista José Lupion – Ensino de 2º Grau, que tinha esse nome em homenagem ao dono das terras que deram origem ao Município de Quinta do Sol. O Colégio Cenecista José Lupion teve as atividades cessadas em 7 de abril de 1988 (CARNEIRO, 2014). A nomeação de autoridades e personalidades é um fato corriqueiro de demonstração de apreço e homenagem a alguém importante para determinada localidade, desse modo, é compreensível que José Lupion tenha

sido o nome escolhido para o primeiro colégio de segundo grau, atual ensino médio, da cidade de Quinta do Sol.

Os primeiros sujeitos designados nas memórias locais como colonizadores das terras onde hoje se situa Quinta do Sol chegaram por volta de 1949, interessados na produção de café devido à fertilidade do solo localizado às margens dos rios Ivaí e da Várzea (afluente do Ivaí) e, a exploração de madeira de lei. O local que antes era supostamente desabitado teve como primeiros moradores oficiais os agricultores Pedro Miguel e Pedro dos Santos que trouxeram suas famílias para se dedicar à cafeicultura. Logo a notícia da boa terra para o cultivo, diversas famílias foram se assentando na região (BELINI, 2010, p. 10).

O espaço geográfico e político de Quinta do Sol foi se modificando através do tempo até se delimitar ao que hoje se conhece pelo município quintassolense (Imagem 24). O povoado foi se desenvolvendo e a Vila de Quinta do Sol foi elevada à categoria de Distrito Administrativo circunscrito ao território do município de Campo Mourão, conforme a Lei Estadual nº 2.914 de 29 de outubro de 1956. Em 25 de julho de 1960, foi criado o município de Fênix pela Lei nº 4.245/1960, assim o Distrito de Quinta do Sol passou à jurisdição de Fênix (LOPES; LOPES, 2014, p. 32).

Imagem 24: Localização do município de Quinta do Sol no mapa do Estado do Paraná



Fonte: Wikipedia.

A criação do município de Quinta do Sol se deu após três anos, em 29 de novembro de 1963, através da Lei Estadual nº 4.788, tendo seu território desanexado do Município de Fênix. A primeira eleição ocorreu em 3 de outubro de 1964 e tendo seu prefeito Osvaldo Silva empossado, com os demais vencedores do pleito, em 14 de dezembro de 1964, data a qual é

comemorado o aniversário de Emancipação Política de Quinta do Sol. O único distrito que está no território de Quinta do Sol, denominado Distrito de Irapuã, foi criado pela Lei nº 5.895 de 11 de novembro de 1967 (LOPES; LOPES, 2014, p. 32).

Desse modo, apresento um panorama da ocupação da terra onde hoje se situa o município de Quinta do Sol, no noroeste do Paraná, tendo uma história de colonização bem parecida com a história demais municípios da região. A migração de famílias de outras regiões do estado e do país, em busca de terras cultiváveis para a expansão da cultura do café, algodão e hortelã. A história da família da minha mãe não é muito diferente, meu avô Aloiso Soares Fonseca, trouxe a esposa Severina e três filhos, entre eles minha mãe, Sudária, quando ela era apenas uma criança de um ano de idade, no ano de 1952. No livro dos professores Rubem e Marlene Lopes, há uma foto do caminhão que meu avô trabalhava (Imagem 25), carregado de hortelã que era levada para os alambiques da região.

Imagem 25: Caminhão do Senhor Aloísio Soares Fonseca, carregado com hortelã, em 1959, estacionado na Rua Travessa Netuno, lado esquerdo Igreja Católica, lado direito, terreno onde foi construído o Colégio Estadual São Judas Tadeu



Fonte: LOPES; LOPES, 2014, p. 30.

A seguir apresento nos subcapítulos deste terceiro capítulo, outros temas referentes ao povoamento, à fundação da cidade, ao desenvolvimento rural e urbano e aos processos históricos, políticos e culturais que apresentam alguma relevância dentro do objeto da pesquisa, sobretudo, para compreender como se deu a projeção cultural que culminou com a titulação oficial pelo Governo do Estado do Paraná como “Capital Paranaense do Folclore” e seus usos por entes privados, como o próprio Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e, entes

públicos como a Prefeitura de Quinta do Sol. Afinal, como diz os versos de uma das músicas que fazem parte do repertório do Grupo Pôr do Sol “vem ver, vem conhecer, minha cidade-sorriso”, e ver como o local, conhecido por seu povo hospitaleiro, acolheu a cultura popular em seus palcos.

Por fim, este capítulo se encerra com uma análise pautada no potencial advindo dos usos do Patrimônio e pelo Turismo Cultural e Histórico, entrelaçando os depoimentos colhidos nas entrevistas e a evolução dos fatos narrados anteriormente, consolidando um panorama sobre a história do folclore em Quinta do Sol e a própria cidade.

3.1 A terra dos pioneiros, da hortelã e café à soja e o milho

Os processos de ocupação e de colonização das terras paranaenses aconteceram de modo irregular e descontínuo. As primeiras ocupações ocorreram nas regiões de Paranaguá e Curitiba, ainda no período colonial, conforme aponta Padis (1981). As regiões Norte e Noroeste do estado tiveram uma ocupação tardia. O avanço territorial teve mais força a partir das atividades agrícolas, sobretudo a cafeicultura, que aproveitou o bom solo da região para fixar novas cidades, ampliando o povoamento nas bacias de grandes rios como o Tibagi, o Ivaí e o Paranapanema e seus afluentes.

O desenvolvimento dos programas de colonização do norte e noroeste do Paraná, como o realizado pela Companhia de Terras Norte do Paraná, posteriormente, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, na criação e instalação de pequenos núcleos de propriedades, fizeram que o Estado do Paraná investisse em programas semelhantes, loteando e vendendo terrenos do Norte Pioneiro ao Norte Novíssimo, seguindo até terras do leste e sudoeste do estado. Assim, com aval do Estado, diversas frentes de povoamento foram abertas entre as décadas de 1940 e 1950 (TRINTIN, 2006). A utilização do termo “pioneiros”, que aparece já no título deste tópico, que se refere aos entrevistados e citados nos livros que contam a história local e regional, se trata de uma perspectiva adotada pela historiografia oficial e pelos discursos oficiais e parcela significativa de moradores atuais aceitam esse termo para expressar sobre esses moradores mais antigos. Grosso modo, o termo pioneiro está correlacionado com a força econômica e, mesmo, política de determinada parcela representativa da população, os quais investiram recursos financeiros e físicos para colonizar a região. Por minha vivência numa cidade da região, a minha concepção de pioneiro está ligada à figura dos senhores mais idosos, que contam histórias da colonização, não apenas os donos das terras, mas sobretudo, os trabalhadores braçais que deram seu suor e sangue, para estabelecer essas cidades décadas atrás.

Apesar de estar fora dos limites das terras exploradas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, o território onde se situa a cidade de Quinta do Sol, estava na vizinhança das terras da companhia e sofreu impacto desta colonização, sendo procurada pelos migrantes vindos de diversas partes do país e também, estrangeiros.

Desfrutando de uma posição invejável, em virtude da fertilidade de suas terras, as chamadas terras roxas que provocou a corrida colonizadora. Por causa dessa notícia que se espalhou rapidamente, muitas famílias foram atraídas de todas as regiões do país, inclusive, vieram algumas famílias de portugueses, libaneses e japoneses. Assim, a paisagem original foi sendo ocupada, explorada e modificada, o município em pouco tempo tornou-se famoso pela sua excelente produção de café, hortelã e rami (LOPES; LOPES, 2014, p. 9).

Dentro da política ocupacional de terras do Governo do Paraná, a região conhecida como Norte Novíssimo do Paraná, foi alvo de duas frentes de expansão, uma ligada ao desenvolvimento da cafeicultura, sobretudo com paulistas, e outra ligada aos sulistas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que usaram seus recursos na pecuária leiteira e de corte. As companhias colonizadoras atuaram em conjunto com o Governo do Paraná, por meio do Departamento de Geografia, Terras e Colonização (DGTC), que atuou em Campo Mourão e a Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Limitada (SINOP), instalada na região de Goioerê. Para adentrar nas terras da região, os colonizadores tentaram rotas alternativas além da abertura de picadas nas matas, se utilizando da navegação fluvial, principalmente, nas áreas do vale do Rio Ivaí e, por terra, pelos marcos do Caminho do Peabiru (TRINTIN, 2006).

Essa dificuldade para avançar pelo território e desbravar a terra do noroeste paranaense é vista no depoimento do pioneiro de Quinta do Sol, Otávio Miranda Pinto:

Quando viemos para cá os transportes de mercadorias eram feitos nos lombos de animais e quando tinha os rios, utilizavam as balsas. Não era como hoje que você pode escolher o transporte que você quer usar, dificultoso foi o lado do transporte, mas por outro lado aquele tempo tudo era muito bonito, a floresta (LOPES; LOPES, 2014, p. 11).

De acordo com Leite Junior (2006, p. 87), a implantação de um projeto de (re)ocupação de terras consideradas inóspitas, levando a integração ao interior do Paraná, só poderia ser concretizada por meio da política de “parcelamento” de terras, o que resultou numa grande estratégia para o aumento da população estadual e, conseqüentemente, ampliou a economia paranaense. Assim, o avanço dos empreendimentos imobiliários na região possibilitou a melhoria na infraestrutura como a abertura de estradas e a formação de pequenos núcleos urbanos, dos quais alguns se tornaram cidades, induzidos pelos loteamentos de grandes áreas em pequenas e médias propriedades rurais conduzidas pelas companhias

colonizadoras e, em consonância com a política de crescimento do Paraná, implantada durante o primeiro mandato do governador Moysés Lupion (1947-1951). Além do DGTC, o governo criou outros órgãos para a (re)ocupação das terras consideradas devolutas, como a Fundação Paranaense de Colonização e Imigração, a Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, o Departamento de Fronteiras, o Serviço de Valorização do Litoral e a Divisão de Imigração da Secretaria da Agricultura.

No entanto, esses órgãos governamentais criados por Lupion ignoraram a presença de posseiros, índios, grileiros, pequenos proprietários para incentivar a ação das empresas de colonização e empreendimentos imobiliários naqueles locais que eram vistos como “vazios demográficos”. A história escrita pelas companhias colonizadoras, pelo Estado e pelos pesquisadores a partir da década de 1930, contribuiu para essa visão de território não ocupado, sendo considerado uma região composta por “sertão”, “lugares desabitados”, “terras virgens”, “terras não ocupadas”, justificando o processo de colonização/expansão do território paranaense. Ao ignorar a história daqueles que, pontualmente, estavam no território, são ignorados os diversos conflitos por terra que aconteceram no local e, se reescreve a história apenas pelo olhar do progresso econômico (MOTA, 1994). Por isso, há dificuldade em se encontrar relatos dessas disputas por terras, até mesmo nos depoimentos dos pioneiros no trabalho feito pelos professores Rubem e Marlene Lopes (2014) sobre o desbravamento das terras onde hoje se situa a cidade de Quinta do Sol, não apresentam informações sobre possíveis disputas de terras com aqueles que, de certa forma, habitavam ou transitavam pelo local antes da chegada dos pioneiros e das empresas colonizadoras.

Conforme aponta Cancian (1981, p.13), essa expansão da cafeicultura no território paranaense “é continuação da ‘marcha para Oeste’ dos paulistas, que sempre à procura de perspectiva de lucros adentram o Paraná”. No início do século XX, o governo incentivava a instalação dos cafezais e os paulistas foram adentrando às terras no norte e noroeste paranaense a fim de explorar as terras roxas, que apresentavam alta produtividade e rentabilidade na produção do café.

Apesar dos preços baixos do café no mercado, sobretudo entre a queda da Bolsa de 1929 e o início da década de 1940, a produção cafeeira continuava se expandindo no território paranaense com o avanço dos paulistas que buscavam terras mais férteis, que não eram mais encontradas no estado de São Paulo. A política de parcelamento de pequenas propriedades de terras rurais facilitava a migração para o Paraná, com o governo estadual apoiando os cafeicultores contra as medidas restritivas do governo federal. A Paraná Plantation, subsidiária nacional da Companhia de Terras Norte do Paraná, que posteriormente ficou

conhecida como Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, criada a partir de 1925, possibilitou a instalação de pequenos estabelecimentos agrícolas que facilitaram aos cafeicultores que se fixassem na região para a produção e comercialização do café (TRINTIN, 2006; PADIS, 1981; CANCIAN, 1981).

Apesar do grande destaque dado à cafeicultura nos estudos sobre o povoamento do norte e noroeste do Paraná, a exploração madeireira decorrente da derrubada das matas para criação das vilas e avanço territorial também tivera papel importante na economia da região. Da mesma forma, uma segunda cultura, que teve um ciclo curto, mas essencial nos períodos de abertura de terrenos para a exploração do local, a hortelã, que floresceu no vale do Ivaí e fez a região se tornar importante a nível mundial para a cultura da erva. O principal produto da hortelã é seu óleo essencial, extraído por destilação a vapor nos alambiques e usado em larga escala nas indústrias alimentícia e farmacêutica (BUENO, 2010).

Durante o desenvolvimento da região noroeste do Paraná, a partir da segunda metade do século XX, as áreas recém desmatadas impossibilitava qualquer tipo de cultura, tornando-se ideal para o cultivo da hortelã, tendo em vista que uma das principais características para seu crescimento é o plantio em áreas onde ocorreram a derrubada recente das matas, atravessados por restos de troncos e galhos de árvores que foram cortadas. Na região noroeste, a hortelã rendeu bons frutos, transformando a realidade de cidades como Barbosa Ferraz, que ficou conhecida como capital mundial da hortelã na década de 1960. Mas, devido seu ciclo de exploração curto, de quatro a cinco anos por área de plantio, a hortelã teve seu papel esquecido no panorama de desenvolvimento do norte e noroeste paranaense, apesar de ter sido uma das primeiras culturas implantadas na região após o ciclo de extração da madeira. (BUENO, 2010). Em Quinta do Sol, conforme os relatos de moradores, a hortelã teve um papel importante para os primeiros moradores, que exploraram o plantio e na cidade haviam alambiques para extração do óleo da menta, conforme foi possível ver, anteriormente neste capítulo, na Imagem 24, um caminhão carregado de hortelã na área central da vila entre as décadas de 1950 e 1960.

O morador Raimundo da Silva, em entrevista para os professores Rubem e Marlene, relatou as principais espécies de árvores encontradas nas terras onde está localizado o Município de Quinta do Sol, além de citar a utilização dada a essas madeiras após o desmatamento do local:

Durante a derrubada da mata para a instalação do município foram muitas as dificuldades, por se tratar de mata fechada com muitas árvores de grandes portes como as perobas, o pau marfim, as gurucaias, o pau de alho, os cedros e também os timburis que era a madeira das quais eles extraíam as tabuinhas

para a cobertura das casas, muito comum nesta época (LOPES; LOPES, 2014, p. 11).

Assim, percebemos que o ciclo econômico inicial da região era formado pela tríade: madeira – hortelã – café. Os três principais elementos explorados e comercializados, a fim de garantir a subsistência financeira dos migrantes que se instalavam naquelas terras. Outras culturas como o rami, utilizado para a produção de cordas e barbantes, tiveram um papel coadjuvante, nas propriedades rurais que foram sendo instaladas ao longo do território, que se aproveitava da qualidade da terra roxa e ser margeado pelos rios Ivaí e da Várzea.

Conforme Lopes e Lopes (2014, p. 16-17), durante a colonização do território de Quinta do Sol, o sucesso do cultivo da hortelã perdurou por quase uma década e, até mesmo, as terras para café serviam para o plantio em conjunto da menta. Os proprietários das terras, conhecidos como fazendeiros ou sitiantes, geralmente, eram de outras cidades, e contratavam empreiteiros para a formação das lavouras de café. O contrato de empreita estipulava as ações de derrubar a mata, o feitiço das covas onde eram plantados o café em mudas ou em sementes, a capina entre as covas de café a fim de remover as ervas daninhas, que poderiam prejudicar a plantação. Aos empreiteiros, o contrato de empreita possibilitava fazer atividades agrícolas secundárias, como o plantio de arroz, feijão, milho, hortelã, entre outras culturas de raízes curtas entre os pés de café, porque não prejudicava o desenvolvimento dos cafezais e possibilitava a diversificação da produção para os moradores das fazendas cafeeiras.

O café representa um marco importante para Quinta do Sol, a ponto de estar representado no brasão do município (Imagem 26) com um ramo de café e o desenho uma propriedade de terra com uma grande casa. O próprio nome “Quinta do Sol” refere-se à atividade agrícola - quinta: grande propriedade rústica com casa de habitação, terra de sementeira, fazenda; sol: a estrela que ilumina a Terra e, também, a quinta nota da escala musical, tanto que no brasão há um sol e a notação musical de uma clave de sol. Na bandeira do município (Imagem 27), há a representação de um sol sobre um triângulo azul representando o céu (LOPES; LOPES, 2014, p. 33).

Imagem 26: Brasão do Município de Quinta do Sol



Fonte: Site da Prefeitura de Quinta do Sol

Imagem 27: Bandeira de Quinta do Sol



Fonte: Site da Prefeitura de Quinta do Sol

Como os ciclos econômicos vem e vão, o café entrou em declínio no Paraná entre o final da década de 1950 e atingindo sua queda final na década de 1970. Para Moro (2001, p.

92), “entre o final da década de 50 e início da de 60, o mercado do café entra em profunda crise, decorrente do excesso de oferta do produto em relação à demanda do mercado”, além da concorrência do café estrangeiro no mercado mundial e o governo passou a desestimular a cafeicultura, investindo na modernização das lavouras e estimulando a produção de oleaginosas, como a soja e o trigo a partir da década de 1960. O autor destaca que foi uma fase conservadora e dolorosa, pois se perpetuou a concentração fundiária nas mãos de uns poucos e acentuou o êxodo rural, porque a cultura da soja era mais mecanizada, enquanto o café era mais manual, assim, os trabalhadores rurais, sem espaço de trabalho no campo, seguiram para grandes centros urbanos em busca de novas oportunidades para sobreviver.

A década de 1950 pode ser denominada “década da revolução demográfica”, devido ao crescimento dos núcleos urbanos acima de 20.000 habitantes e depois, uma urbanização concentrada em cidades de tamanho intermediário até atingir o *status* de metropolização, com o aparecimento de cidades com populações na casa do milhão e grandes cidades médias, na faixa de meio milhão de habitantes (SANTOS, 2009, p. 77). Entretanto, a partir da década de 1970, verifica-se um forte movimento de esvaziamento populacional, sobretudo nas cidades de pequeno porte, numa migração que é presente até os dias atuais, agravando a possibilidade de fixação da população, com os jovens seguindo as oportunidades de estudo e emprego nos grandes centros e, raramente voltando aos locais de origem, que se tornam cidades com uma população reduzida e de faixa etária mais envelhecida.

O avanço tecnológico na agricultura, com uso de implementos maquinários, novos fertilizantes e compostos químicos que auxiliam no controle de pragas e no aumento da produtividade fizeram com que a soja tomasse conta dos campos do norte e noroeste do Paraná. Segundo Santos (1988), o desenvolvimento científico das técnicas de produção agrícola favoreceu a concentração latifundiária, reduzindo a mão-de-obra no campo e favorecendo o movimento populacional de êxodo rural visto fortemente a partir da década de 1970. Outros fatores que contribuíram para a decadência da cafeicultura paranaense, foram as geadas de 1963, 64, 66 e, posteriormente, 1975, além da crescente preocupação com novas geadas que prejudicassem a produção cafeeira; a política de erradicação dos cafeeiros, a fim de diminuir a produção nacional; e, o desenvolvimento de um novo produto agrícola de grande aceitação: a soja (WACHOWICZ, 2016, p. 320).

Desse modo, temos a atividade extrativista da madeira como marco inicial das nucleações urbanas no noroeste do Paraná e, na região onde se situa a cidade de Quinta do Sol o fluxo migratório de paulistas, mineiros, nordestinos e estrangeiros, sobretudo, portugueses e japoneses. Nesse contexto, o desenvolvimento da atividade agrícola se dá com o cultivo de

hortelã e do café, quando o município atinge seu ápice populacional, do mesmo modo que outras cidades da região. “No censo de 1970, com o município de Quinta do Sol já existente e com o território atual definido, temos uma população de 16.004 habitantes” (BELINI, 2010, p. 8).

Em Quinta do Sol esse movimento decrescente também é observado e a cidade passa pelo processo de diminuição populacional. Entretanto, Quinta do Sol apresentou um crescimento no Censo de 2000, quando registrou 5.759 habitantes (IPARDES, 2022). No Censo anterior, em 1991, a população do município era de 5.590 habitantes (IBGE, 2022b). Esse crescimento, na contramão do movimento de queda de outros municípios da região, deu-se pela instalação de dois assentamentos de reforma agrária. As áreas das fazendas Marajó e Roncador foram destinadas à reforma agrária para assentar famílias do Movimento Sem-Terra por intermédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, conforme os decretos federais não numerados de 18 de novembro de 1999 e 29 de novembro de 1999, assinados pelo vice-presidente Marco Maciel e pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, respectivamente.

Anos mais tarde, a queda populacional se verificou novamente no município. De acordo com o Censo de 2010, a cidade de Quinta do Sol possuía 5.088 habitantes e a projeção populacional para 2021 era de 4.444 habitantes (IBGE, 2022a). Na prévia do Censo 2022, citado anteriormente, a população quintassolense está em 5.006 habitantes, um pouco acima da projeção para o período, mas abaixo do número levantado pelo Censo de 2010.

Esses dados do êxodo rural e da redução populacional nas pequenas cidades do interior do Paraná são endossados pela reflexão dos professores Rubem e Marlene Lopes (2014, p. 134) sobre a influência do avanço tecnológico na vida no campo:

Os dados estatísticos disponíveis demonstram a variação da população no tempo e, que correspondem, sobretudo, as transformações agrícolas, ou seja, durante o período áureo da cafeicultura houve aumento da população e quando da substituição da cafeicultura pela cultura mecanizada da soja, milho e trigo, existe um decréscimo da população.

De acordo com um site especializado em dados do agronegócio, a cidade de Quinta do Sol teve, em 2020, uma área plantada de soja de 22.400 hectares, enquanto trinta anos antes, a área plantada para essa cultura era de 9.000 hectares, com um crescimento na produtividade de 17.847 toneladas para 80.640 toneladas, nos referidos anos. O outro grande produto rural que movimenta a economia quintassolense, o milho passou de 3.000 hectares plantados em 1990 para 19.600 hectares em 2020, sendo observado um salto na produção, no período, de 11.160 toneladas para 111.745 toneladas. (AGROLINK, 2022). Esses números demonstram o

quanto as oleaginosas, soja e milho, dominaram todo o espaço rural de Quinta do Sol, possuindo as maiores áreas plantadas em todo o município e, sendo os principais produtos da agricultura local. Assim, percebemos o quanto a dinâmica espacial da cidade mudou através do tempo e, como os métodos de produção e as culturas predominantes, refletem no movimento de ocupação do solo e nas transições populacionais. O café e a hortelã atraíram um elevado contingente populacional, que deu origem à cidade, em busca de trabalho e prosperidade. Enquanto, após a queda do café e o incentivo à mecanização da produção, levou ao êxodo rural, a redução populacional e, em contrapartida, consolidou a soja e o milho como os principais produtos da economia local.

Diante do histórico que apresentei acima, não é difícil concluir que a memória de Quinta do Sol esteve e ainda está, em grande medida, atrelada aos moradores relacionados com os processos de desenvolvimento da agricultura, as chamadas “famílias pioneiras”. Nesse sentido podem ser entendidas a partir daquilo que Ricoeur (2007, p. 71-104), designa como abuso da memória coletiva frente às memórias individuais (memória impedida; memória manipulada; memória obrigada). Essas memórias, notadamente acionadas pelas práticas discursivas administrativas e educacionais locais, entre outras formas de produção narrativa da história, podem ser entendidas diante de outros tipos de narrativas históricas, sendo o caso das memórias relacionadas com a “Cidade dos Astros” e com o “Festival”.

3.2 Cidade dos Astros

A vila se desenvolve. Torna-se cidade. Conforme Michel de Certeau em “A Invenção do Cotidiano” aponta que no discurso, “a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía” (1998, p. 174). A cidade de Quinta do Sol tem seu território urbano projetado por Airton Cornelsen. A planta com zoneamento retangular traz uma praça central em formato circular, das quais convergem seis ruas e avenidas, como uma referência ao sol e seus raios (Imagem 28). Na imagem apresentada, a planta já apresenta um adendo territorial construído na década de 1990, com a instalação de conjuntos habitacionais margeando o prolongamento da Rua Três Marias.

Atualmente, a área urbana de Quinta do Sol ainda é caracterizada pelo desenho original com a praça circular sendo o centro e as avenidas principais convergindo para tal ponto. Entretanto, pode-se observar a ampliação do processo de urbanização com outras duas áreas proeminentes de conjuntos habitacionais: Jardim Manoella, nos prolongamentos das

reprodução e organização do espaço. De acordo com Corrêa (1999), é construído por diversos agentes, tais como: o Estado; os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários e os grupos sociais excluídos. A cidade de Quinta do Sol é testemunha da ação desses agentes, seu espaço foi sendo modificado conforme houve a necessidade de ampliar os espaços urbanos, os dispositivos de governo para atendimento à população – como a construção de creches, escolas, postos de saúde, biblioteca, ginásio de esporte.

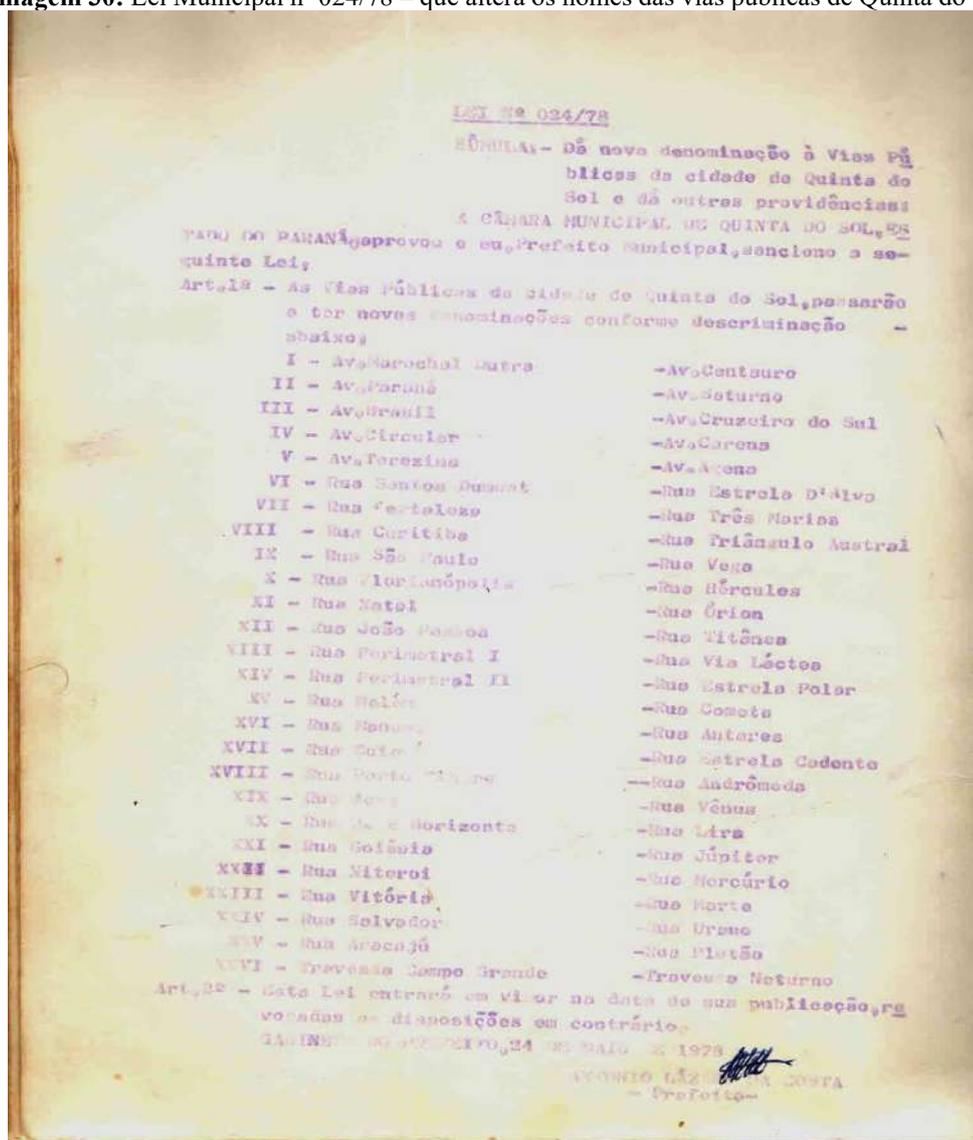
Em sua fundação, as ruas e avenidas de Quinta do Sol seguiam um padrão comum a outras cidades do país, os logradouros possuíam nomes de estados e capitais – apenas a avenida central tinha nome de um presidente, Marechal Dutra, que governou o Brasil de 1946 a 1951. Sendo assim, uma homenagem ao governante do país à época da instalação de imobiliárias no local onde hoje é Quinta do Sol, a partir do incentivo do governo do Paraná para a urbanização da região, aumentando o fluxo migratório para a localidade.

Contudo, com a publicação da Lei Municipal nº 024/78 (Imagem 30), em 24 de maio de 1978, as ruas de Quinta do Sol ganharam uma nova e inusitada nomenclatura: passaram a ter nomes de corpos celestes, padrão que se mantém até os dias atuais e utilizado não somente na área urbana, mas também nos aglomerados populacionais na área rural como as Vilas Rurais, o Condomínio Barra do Mourão, que fica às margens do encontro do Rio da Várzea com o Rio Ivaí. O autor da lei foi o vereador Raimundo Targino de Melo, que em entrevista ao programa Estúdio C da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), afiliada da Rede Globo no Paraná, disse que:

Eu tive a curiosidade de ver também a planta da cidade e parecia um sol, com as ruas todas convergindo para a praça. Aqui tem, mais ou menos, trinta ruas, eu pesquisei mais de cem [nomes] e escolhi os nomes mais bonitos e semeiei em todas as ruas trocando seus nomes (RPC, 03 de março de 2018).

Assim, os moradores e visitantes de Quinta do Sol podem percorrer o Sistema Solar, a Via-Láctea e o espaço sideral, sem sair da Terra e tudo bem perto, é só sair pelas ruas da cidade. Há a oportunidade de visitar a constelação de Órion e, com alguns passos até à esquina com o planeta Marte ou Júpiter. Com tantos anos utilizando tais nomes, e alguns um pouco mais exóticos como Andrômeda, Sirius e Centauro, a população já se acostumou com os logradouros diferentes, que faz a cidade se auto intitular como “Cidade dos Astros”.

Imagem 30: Lei Municipal nº 024/78 – que altera os nomes das vias públicas de Quinta do Sol



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Quinta do Sol

As praças da cidade levam o nome de ex-prefeitos, já falecidos, como Gentil José Soares, a destacada praça central em formato circular; José Viana Pereira, a praça entre as ruas Três Marias e Vênus, perto dos conjuntos habitacionais na saída para o município de Fênix. Dando visibilidade e valorização aos que assumiram posições políticas de destaque, colaborando com o desenvolvimento da cidade. Essa proposta acaba coexistindo com a ideia de “Cidade dos Astros”, os demais logradouros, ruas e avenidas, seguem sendo nomeados por corpos celestes, constelações, estrelas, planetas e afins.

Os comércios e empreendimentos imobiliários também adotaram o Sol e o espaço como inspiração para os nomes de seus negócios, como o Clube Recreativo Sol Nascente, o Conjunto Habitacional Sol Maior, a Vila Rural O Sol Nasce Para Todos, o Supermercado Alvorada, o Foto e Relojoaria Centauro.

O lema “O Sol Nasce Para Todos” já era amplamente difundido pelos órgãos municipais por constar no brasão da cidade. Então, a Prefeitura de Quinta do Sol passou a adotar como slogan a expressão “Cidade dos Astros”, porém, em uma busca aos arquivos da municipalidade, não foi possível encontrar lei ou decreto municipal que oficializaram tal uso. Dentre os arquivos que pude analisar no Executivo Municipal, percebe-se que, há a necessidade de uma digitalização e virtualização dos arquivos para facilitar a busca destes documentos pelos cidadãos¹⁰.

Assim, analisando os detalhes de leis e decretos arquivados, aliado a um trabalho etnográfico, pautado em conversas que tive com servidores municipais e familiares de ex-prefeitos, foi possível compreender que o uso da expressão “Cidade dos Astros”, começou a ter mais visibilidade nos finais dos anos 1990 e que o primeiro documento oficial que havia tal inscrição que pude encontrar na busca presencial nos arquivos da Prefeitura de Quinta do Sol, foi o Decreto Municipal nº 049/2000, de 1º de fevereiro de 2000, que traz no rodapé de todas as páginas, do lado esquerdo a inscrição “Cidade dos Astros” e do lado direito o lema “O Sol Nasce Para Todos”, no segundo mandato da gestão do prefeito Narciso Joventino Cacilha (1997/2000). Desde então, o uso da expressão tem sido comum por órgãos municipais, tanto que se tornou de uso público e recorrente pela população. Na entrevista da RPC para o programa Estúdio C, o morador Sebastião Neves cita que Quinta do Sol é a “cidade dos astros, como se diz”, demonstrando a popularização do termo.

As famílias dos pioneiros não adotaram essa narrativa do pioneirismo para estabelecer uma relação direta à cidade de Quinta do Sol, não havia esse reconhecimento de “cidade dos pioneiros”. Algumas famílias que não estão entre os primeiros do processo de colonização da localidade, tentaram reivindicar no cotidiano uma autoridade sobre o discurso e reconhecimento como pioneiros, devido ao volume numeroso de seus membros na cidade, mas que chegaram na região quando a vila já estava estabelecida. Por isso, de modo geral, não há uma identificação com o discurso de pioneirismo entre a população. Assim, o uso de “Cidade dos Astros”, impulsionado pelos nomes dos logradouros públicos, se tornou corriqueiro e adotado no dia-a-dia tanto da cidade, quanto dos entes públicos.

Mesmo com a titulação de “Capital Paranaense do Folclore” tratada a seguir, ainda existem a persistência no uso o apelido de “Cidade dos Astros” por parte dos moradores de

¹⁰ Ao visitar o Paço Municipal e ter acesso às pastas de leis e decretos, verifiquei que existem documentos em falta, que não estão arquivados ou que as cópias estão em outros departamentos. Há um índice das leis desde a fundação do município, no qual algumas leis estão em branco e elas não se encontram nas pastas, algumas delas, por terem sido de autoria do Legislativo e não foram disponibilizadas aos arquivos do Executivo, outras, simplesmente estão perdidas.

Quinta do Sol. Afinal, os logradouros seguem o padrão de nomes de corpos celestes, fazendo com que os moradores convivam diariamente com os “astros”. Desta forma, tanto o apelido cotidiano e o título oficializado pelo Governo do Paraná possuem um convívio harmônico de coexistência na rotina dos habitantes quintassolenses. O termo “pioneiros” é remetido aos moradores mais antigos na localidade ou mais velhos em idade, que apesar de não estarem presentes no início da urbanização do local, possuem essa consideração “histórico-afetiva”, mas não é um termo de referência à cidade em si. Não foi possível verificar a existência conflitos no uso dos termos “Capital Paranaense do Folclore” e “Cidade dos Astros”, que convivem tanto no uso dos moradores, quanto do discurso oficial do Município de Quinta do Sol.

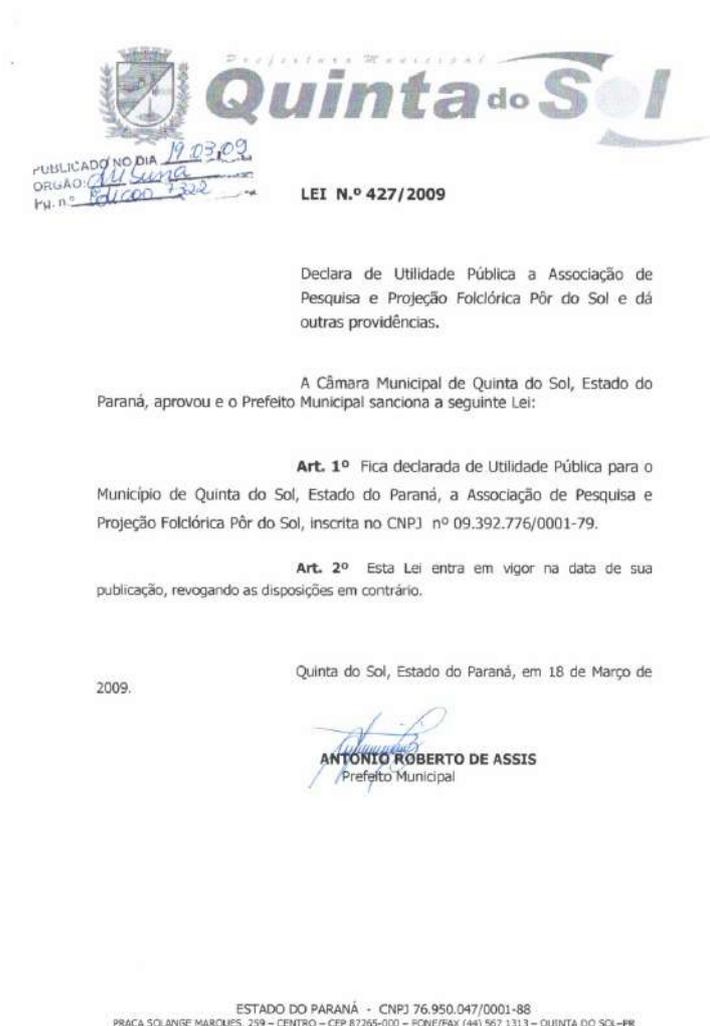
3.3 Capital Paranaense do Folclore

Motivados pelo desenvolvimento de um relevante e constante trabalho de manutenção, estudo e divulgação da cultura popular brasileira e reconhecimento do trabalho feito no Município de Quinta do Sol ao promover ações de difusão cultural, a Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol foi reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº 427, de 18 de março de 2009 (Imagem 31). Com a promulgação desta lei, a entidade passou a ter possibilidade de, por meio de convênio, receber recursos financeiros da Prefeitura de Quinta do Sol, com intuito de manter as atividades do grupo de danças e a organização do Festival de Folclore de Quinta do Sol.

Esses convênios deram suporte financeiro necessário para que o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol mantivesse suas atividades e investisse em infraestrutura, como figurinos, adereços, instrumentos, intercâmbios culturais. Além disso, possibilitou dar um aporte para que fizesse a aquisição de beliches e colchões para equipar os alojamentos durante a realização do FEFOSOL.

Outro ponto importante sobre a Lei de Utilidade Pública é à facilidade de acesso ao órgão público municipal para conseguir a cessão de uso, para realização do festival, de espaços públicos como as salas de aula da Escola Municipal Pequeno Príncipe, que servem de alojamento para os grupos visitantes de outros estados, e da quadra poliesportiva da Praça Gentil José Soares, do Ginásio de Esportes Ivan Carlos Lopes e do Centro de Eventos Osvaldo Silva, locais que já abrigaram o festival em diversas edições através dos anos.

Imagem 31: Lei Municipal nº 427/2009 – que declara Utilidade Pública à Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol



Fonte: Prefeitura de Quinta do Sol

Com a repercussão positiva do FEFOSOL, que se tornou um evento de expressão dentro do cenário nacional dos festivais de cultura popular e um vetor social de atuação na comunidade quintassolense, foi apresentado um projeto de lei na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP), de autoria da deputada estadual Maria Victoria Borghetti Barros, para o reconhecimento da cidade de Quinta do Sol como Capital Paranaense do Folclore. O Projeto de Lei Estadual nº 387/2017 passou a tramitar na ALEP com a assinatura da deputada em 8 de agosto de 2017, sendo lido no expediente da plenária do dia seguinte à sua assinatura. A justificativa do projeto de lei diz o seguinte:

O Festival de Folclore de Quinta do Sol [FEFOSOL] é referência no cenário da cultura popular e único do gênero no Estado do Paraná. Trata-se de um evento de valorização da cultura popular brasileira e dos povos de várias partes do mundo que escolheram nosso país como pátria. Acontece todos os anos no mês de agosto [mês do folclore] e concentra suas atividades no palco principal montado no Ginásio de Esportes Ivan Carlos

Lopes. Oferece também atividades paralelas, tais como: a Tarde Escolar, dia em que os grupos se apresentam prioritariamente para estudantes do município e de toda região. Tem ainda, o bailão da Terceira Idade e o tradicional almoço de confraternização no Lar dos Velinhos onde os participantes levam um pouco mais de alegria aos moradores.

O festival é uma realização da Associação de Pesquisa e Projeção Folclórica Pôr do Sol com o apoio da Prefeitura Municipal de Quinta do Sol e patrocinadores específicos de cada edição.

O Festival de Folclore de Quinta do Sol tem como objetivo estimular a cultura popular e já é referência no estado (ALEP, 2022, p. 3).

O projeto obteve parecer favorável da Comissão de Constituição e Justiça da ALEP em 10 de julho de 2018 e encaminhado à Comissão de Cultura no dia subsequente. O parecer favorável da Comissão de Cultura foi assinado em 1 de agosto de 2018. Após a aprovação pelo Plenário da ALEP, o projeto seguiu em 11 de setembro de 2018 para a governadora em exercício, Cida Borghetti. Sob o nº 19.662, a lei oficializando o título de Capital Paranaense do Folclore ao município de Quinta do Sol foi assinada em 20 de setembro de 2018, sendo publicada no dia seguinte no Diário Oficial do Paraná (Imagem 32).

Imagem 32: Lei Estadual nº 19.662/2018 – concede o Título de Capital Paranaense do Folclore ao Município de Quinta do Sol



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ

Lei 19.662 - 20 de Setembro de 2018

Publicada no Diário Oficial nº. 10279 de 21 de Setembro de 2018

Concede o Título de Capital Paranaense do Folclore ao Município de Quinta do Sol.

A Assembleia Legislativa do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art 1º. Concede ao Município de Quinta do Sol o Título de Capital Paranaense do Folclore.

Art 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo, em 20 de setembro de 2018.

Maria Aparecida Borghetti
Governadora do Estado

João Luiz Fiani de Assis Baptista
Secretário de Estado da Cultura

Dilceu João Sperafico
Chefe da Casa Civil

Maria Victoria
Deputada Estadual

Em entrevista ao Jornal Tribuna do Interior à época da publicação da lei estadual que concedeu o título de Capital Estadual do Folclore à cidade de Quinta do Sol, o coordenador do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, Lucinei Carneiro comentou que o título já era utilizado extra oficialmente e que isto teria facilitado a aprovação de projetos na área de cultura folclórica a fim de angariar recursos para investir no grupo e no festival. Inclusive, o coordenador acredita que o título possa estimular o surgimento de outros grupos e atividades relacionadas ao folclore, tanto que o grupo já possui um projeto voltado às crianças com atividade cultural nas escolas (PEREIRA, 2018).

Foi possível verificar numa série de digitalizações de capas de jornais e matérias jornalísticas do acervo de Carneiro que, o título de “Capital do Folclore” já era uma expressão utilizada de forma recorrente pela mídia, muito tempo antes mesmo do projeto de lei ser apresentado na Assembleia Legislativa. Em 2008, o Jornal Enfoque Regional, da cidade de Engenheiro Beltrão, com boa circulação na cidade de Quinta do Sol, estampou em sua capa da edição nº 28, como manchete principal “FEFOSOL torna Quinta do Sol a capital do folclore regional” (Imagem 33). O mesmo periódico na edição de 29 de julho a 04 de agosto de 2012, dedicou uma página para a matéria intitulada “FEFOSOL transforma Quinta do Sol na Capital Paranaense do Folclore” (Imagem 34). Neste ano, o FEFOSOL foi caracterizado pela presença de grupos do Ceará, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná, este último representado por três grupos de Maringá, além do anfitrião.

Imagem 33: Capa do Jornal Enfoque Regional, referente ao IV FEFOSOL



Fonte: Lucinei Carneiro

Conforme percebe-se na assinatura da matéria exposta na Imagem 34, o texto foi encaminhado pela Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Quinta do Sol e eu fui o autor do *release*, isto demonstra a proximidade que tive com o trabalho do Grupo. Entretanto, consigo compreender o cuidado ao usar essas palavras, dar informalmente essa titulação, inspirado em outros títulos como o da cidade de Olímpia, estado de São Paulo, que detém o título de “Capital Nacional do Folclore”, devido seu tradicional festival, do qual o Grupo Pôr do Sol já participou diversas vezes. Quinta do Sol despontava na realização do FEFOSOL ganhando destaque nacional e também valorizando grupos folclóricos e étnicos do Paraná.

Imagem 34: Matéria do Jornal Enfoque Regional, de Engenheiro Beltrão, referente ao VII FEFOSOL

EDIÇÃO SEMANAL
De 29 de julho a 04 de agosto de 2012

ENFOQUE
Regional

Fefosol transforma Quinta do Sol na Capital Paranaense do Folclore

Da assessoria
Fernando Fonseca

A luz do palco do 7º FEFOSOL se acendeu na quarta-feira (01) para transformar mais uma vez a cidade de Quinta do Sol na Capital Paranaense do Folclore. Com a presença de grupos vindos de quatro estados diferentes, que encontraram no agradável inverno quintassolense um lugar aconchegante para mostrar ao Paraná a cultura de outras regiões na Praça Gentil José Soares.

A abertura do Festival de Folclore de Quinta do Sol foi ao som do violão e músicas caipiras da Orquestra Violônica Raios de Sol. Os violerros da cidade anfitriã do festival deram as boas vindas aos visitantes com o melhor da música sertaneja de raiz.

Os matogrossenses do Grupo Vitória Régia da cidade de Cáceres, estão em terras paranaenses desde segunda-feira (30/07), onde realizaram também oficinas culturais com os dançarinos do Grupo Pôr do Sol numa atividade de partilha de experiências, afinal é a primeira vez que os mato-grossenses participam de um festival no sul do Brasil.

De acordo com o coordenador do grupo Fernando Jesus da Silva, o Vitória Régia nasceu há quatro anos como um projeto social “Arte e Ci-






Lampião e a Mulher Rendeira foram ao palco e emocionaram o público e os próprios dançarinos que estão reestreado o grupo, que surgiu em 1980 graças ao trabalho de pesquisa e resgate cultural do Professor Freitas que deixou todo o legado para a

para trabalhar as questões culturais gauchescas desde os mais novos até os mais velhos e pela primeira vez tem uma patroa, Cátia Pereira Gomes, que acompanha o grupo juvenil que se apresenta no FEFOSOL, ainda no sábado.

Fonte: Lucinei Carneiro

No telejornalismo, durante uma matéria do Meio-Dia Paraná, jornalístico da RPC, apresentado em 8 de agosto de 2014, a apresentadora do telejornal cita a motivação da organização do FEFOSOL em transformar a cidade de Quinta do Sol em “Capital Paranaense do Folclore”, durante a reportagem, o coordenador do festival Lucinei Carneiro expressa esse desejo: “Nós estamos conseguindo colocar uma cidade de 5 mil habitantes no mapa do Paraná e do Brasil, porque grupos do Brasil todo tem passado por aqui durante esses nove anos e nós temos um projeto de fazer de Quinta do Sol a Capital Paranaense do Folclore” (RPC, 2014). Essa afirmação revela a maturação da ideia de dar o reconhecimento à cidade de Quinta do Sol pelo que já representava dentro do cenário do folclore no estado e também, no Brasil.

Nesta mesma reportagem da RPC em 2014, a professora Fabiana Ferreira, que estava na plateia do festival e foi entrevistada pelo repórter, confirma em sua fala o quanto o FEFOSOL representa para os moradores da cidade e como criou uma nova cultura de valorização do folclore, sobretudo, a partir dos alunos. Fabiana disse que “na verdade, esse festival, ele já está sendo, meio que, incorporado na própria cidade, na ideia das pessoas, na mentalidade das pessoas, principalmente, dos nossos alunos” (RPC, 2014).

Nas entrevistas que realizei para a produção deste trabalho, questionei o professor Lucinei Carneiro sobre o fato de a cidade receber este título, sendo que, o fandango caiçara, que é a maior expressão do folclore paranaense é nativo do litoral paranaense, e ele expôs os cuidados que foram tomados para que esse título não ofendesse ou não ofuscasse a importância do folclore do litoral:

Fernando: Sabendo que o fandango, ele nasce no litoral, por isso ele é chamado caiçara. Em 2018, quando Quita do Sol recebe o título de “Capital Paranaense do Folclore”, qual é o peso pra vocês, sendo que não é... que o fandango que é o carro-chefe, não é originário daqui, e também não é apenas o título por conta do fandango, mas também por conta de tudo que acontece aqui.

Lucinei: Eu acho que esse é o ponto né. Essa é uma preocupação que a gente teve, inclusive na época em que foi discutida essa questão desse título, a gente tomou muito cuidado com as palavras, porque, às vezes, uma letra que você mude ali pode remeter a um entendimento diferente. Então, quando nós decidimos que aceitaríamos esse título de “Capital Paranaense do Folclore”, a gente entendeu dessa forma, o folclore como uma coisa maior do que o próprio fandango. O folclore com todas as suas nuances, suas lendas, suas crenças e, muito por conta do festival. Então a gente acabou jogando o foco dessa questão mais para o festival, porque o festival é uma reunião de todas as culturas brasileiras e até de culturas internacionais, culturas de outros povos. Então é um peso, porque uma cidade do interior, pequena, que não tem tradição em termos de danças folclóricas, a gente reproduz aqui o que eles fazem lá no litoral e a gente tem consciência disso né, que é uma reprodução, e a gente procura fazer isso mais próximo do autêntico que a gente consegue. E realmente seria um peso muito grande. Mas a gente tá lidando bem com isso, exatamente por conta de a gente ter essas outras

atividades que acabam justificando esse título. Nós somos a única cidade no Paraná hoje que tem um evento desse porte, que traz culturas do Brasil todo. Existem outros eventos aqui no estado, mas não com essas características. Então acho que isso tira um pouco do peso, que a gente sabe que o título é justificável. (CARNEIRO, 2022)

Neste trecho fica compreensível o quanto houve um cuidado para que se pudesse respeitar o fandango caiçara e seus mestres e reconhecer a importância que Quinta do Sol atingiu no cenário da cultura popular, se tornando palco de um grande festival, referência a nível nacional. O título concedido à Quinta do Sol vai além da representação do fandango, que foi a origem do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, pois celebra a diversidade, a pluralidade e a união de culturas diferentes que se encontram anualmente nos palcos quintassolenses. Interessante notar que, o processo de votação do projeto demorou mais de um ano de tramitação na ALEP, que acabou sendo promulgada no ano de 2018, momento marcado pela primeira edição do FEFOSOL com a presença de um grupo folclórico vindo de outro país, o Ballet Folklorico Tlaneci, da cidade de Veracruz, México.

Após a publicação da lei, a Prefeitura de Quinta do Sol, que teve papel na intermediação do projeto com o Governo do Estado e passou a adotar o uso do título de “Capital Paranaense do Folclore” em diversos elementos públicos. Aliás, importante ressaltar a opinião de Piau e Muriel (2012, p. 27), sobre o Estado e o popular, ao afirmarem que “criar e fortalecer políticas públicas de produção, valorização e de conservação da cultura tradicional do nosso país significa, portanto, fortalecer os valores que essas manifestações carregam e que são antagônicas à lógica do individualismo, do consumo”. Afinal, a cultura popular vem do povo, com o povo e vai para o povo, num movimento cíclico de manutenção das tradições, dos costumes, da cultura, do folclore.

O ente público é um dos responsáveis por ofertar estrutura ao grupo e ao festival. A Prefeitura de Quinta do Sol mantém uma relação de parceria, pois é importante para que o Município, enquanto órgão governamental, seja patrocinador, apoiador e tenha retornos com o uso da titulação de “Capital Paranaense do Folclore”, bem como outras formas de obtenção de renda com consumo no comércio local, turismo durante o festival, entre outros. O professor Lucinei Carneiro (2022) destacou na entrevista como o grupo e o festival fazem uso do ente público: “A gente ocupa tanto o espaço da realização do evento, quanto a questão dos alojamentos. E fora o aporte também financeiro, que sempre precisa, não tem jeito. E tudo envolve dinheiro. Mas, a parceria com a Prefeitura ela é forte. Até hoje a gente tem se dado muito bem”.

Destaca-se dos usos públicos da Prefeitura de Quinta do Sol em relação ao título de “Capital Paranaense do Folclore”, a plotagem de ônibus de transporte escolar dos estudantes universitários da cidade que vão para as cidades de Campo Mourão e Maringá (Imagem 35) e de dois pontos de ônibus na cidade de Quinta do Sol (Imagem 36) com fotos do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e ao lado das imagens o nome da cidade e a titulação. Além do Portal do Município, na saída para a PR-082 em direção à cidade de Engenheiro Beltrão, inaugurado no ano de 2022, com uma imagem de um casal dançando e a titulação descrita abaixo (Imagem 37).

Nas redes sociais da Prefeitura de Quinta do Sol foi assumido recentemente o título na descrição sobre a cidade. Para o servidor público, que por muito tempo atua na área administrativa da Prefeitura de Quinta do Sol, Leonel Benatti Mendonça, ele acha que o Município poderia explorar mais a titulação, afirmando que o Poder Executivo usa pouco tal título. Ele estava lotado como Secretário de Administração da Prefeitura quando houve a tramitação do projeto de lei na ALEP, o qual foi solicitado à deputada estadual Maria Victoria. Além disso, ele acredita que como resultado da oficialização do título “o impacto para o município é bom, até para o grupo, logo em seguida conseguiram mais recursos para o grupo, pro município também. Eu acho que tem que se divulgar mais, se usar mais isso” (MENDONÇA, 2022).

Imagem 35: Ônibus do Transporte Escolar da Prefeitura de Quinta do Sol



Fonte: Prefeitura de Quinta do Sol

Imagem 36: Ponto de Ônibus localizado na Avenida Cruzeiro do Sul, esquina com Rua Lira



Foto: Fernando Fonseca de Melo

Imagem 37: Portal de Entrada do Município de Quinta do Sol



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

Assim, é perceptível a importância técnica e financeira que o título de “Capital Paranaense do Folclore” pode trazer ao Município de Quinta do Sol, ao Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e, sobretudo, ao Festival de Folclore de Quinta do Sol, pois é um reconhecimento importante, feito pelo Governo do Estado e que ajuda a abrir mais portas na divulgação e na

conquista de espaço e financiamento para a execução e ampliação dos projetos. Conforme afirmou o coordenador Lucinei Carneiro na entrevista para este trabalho citada anteriormente, “o título sempre ajuda. Na hora que você coloca lá o portfólio do festival já, agora entrando no seu 15º ano, e traz junto a isso a cidade com esse título é lógico que a nossa pontuação lá na hora da aprovação dos projetos conta bastante”. Porém, ele ressalta que, mais importante que o título, são as políticas públicas implantadas para o fomento da cultura, são essas políticas públicas que colaboram efetivamente com o desenvolvimento e manutenção da cultura popular.

Como contraponto, a opinião da musicista Paulla Braz Neves que ressalta que apesar destes usos públicos do nome do grupo, do festival e do título de “Capital Paranaense do Folclore”, ela acredita que falta o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol destacar mais sua imagem para a população de Quinta do Sol, estar mais presente na comunidade em si e, também levanta questionamentos sobre a falta de políticas públicas específicas para a cultura popular na cidade:

Eu acho que por conta de... pra cidade em si, às vezes, falta presença do Pôr do Sol. Que às vezes, o Pôr do Sol se limita a poucos integrantes, as pessoas confundem até o nome “Grupo Pôr do Sol” por “FEFOSOL”, porque associa tudo a uma coisa só. Então, querendo ou não o nome do festival é mais forte do que o grupo em si. E eu acho que aí faltou, não só do grupo, é uma crítica construtiva, acredito eu, faltaram políticas públicas, relacionadas a isso. Porque o grupo chegou um tempo que precisou se dedicar aos festivais, e aí dedicando-se aos festivais nacionais, internacionais e dedicando-se ao FEFOSOL, faltou uma contrapartida para a comunidade. E é aí aonde eu acho que falta. Mas é o que eu te falei, por conta de políticas públicas, por conta de um preparo mais estruturado, enfim, porque como o grupo teve que se fechar para manter o evento que faz na cidade e para manter os eventos fora, ele não consegue prestar essa contrapartida pra comunidade. Porque o grupo, querendo ou não, os trabalhos são voluntários, não tem remuneração e eu acho que é aí aonde peca, porque já poderia sim haver profissionais do Grupo Pôr do Sol remunerados e até concursados, por que não? Mas aí é uma questão de tempo, eu acredito (NEVES, 2002).

Sobre as políticas públicas para a cultura popular, talvez seja falta de uma sensibilidade do governo municipal em fomentar esse tipo de ação. Afinal, “muitas pessoas que trabalham nos governos não têm sensibilidade, formação ou boa-fé [defendem outros interesses] para entender as muitas dimensões que perpassam tais manifestações culturais” (PIAU; MURIEL, 2012, p. 100). Até o ano de 2022, dentro da estrutura do governo de Quinta do Sol, a Cultura estava inserida dentro da Secretaria de Educação e Cultura, mas não havia uma divisão específica, com profissionais com dedicação exclusiva e técnica para o cenário cultural. A cultura popular também não faz parte dos currículos escolares das escolas

municipais, como destaca o professor Lucinei Carneiro (2022) na entrevista realizada em julho de 2022:

Faz tempo que a gente vem trabalhando com isso [implantar cultura paranaense no currículo escolar municipal], mas o trabalhar não significa necessariamente que ele está acontecendo. Mas é uma coisa que a gente já tem em mente, nós já tivemos algumas conversas com a secretária de Educação, tivemos uma reunião na Câmara de Vereadores aqui, fizemos a exposição desse projeto, a gente ter no currículo da cidade, uma coisa mais fortalecida, até para reforçar esse título. Aí com relação à cultura, essa é uma luta! É uma luta porquê... mas me parece que as coisas começam a caminhar, por conta de políticas nacionais, até por conta da pandemia, algumas coisas que foram necessárias, e me parece que os municípios agora vão ter que se estruturar na questão organizacional com relação a cultura. Os municípios vão ter que ter o seu sistema municipal de cultura, senão não vão conseguir mais receber alguns recursos, inclusive dessas novas leis que estão surgindo agora, que é o caso da Lei Aldir Blanc 2, da Lei Paulo Gustavo. O município vai ter que se estruturar e a gente fica contente com isso, porque o município estruturado, com uma política municipal de governo voltada para a cultura, isso permite que a gente possa trazer recursos para o grupo, para o festival e para outras atividades culturais também.

O Sistema Municipal de Cultura citado pelo professor Lucinei na entrevista para esta pesquisa foi implantado pela Lei Municipal nº 1319/2022, assinada em 14 de dezembro de 2022. Antes disso, a Lei Municipal nº 1311/2022 criou e implantou o Conselho Municipal de Cultura e o Fundo Municipal de Cultura em 1º de novembro de 2022. Em 9 de novembro de 2022 foi realizada a 1ª Conferência Municipal de Cultura de Quinta do Sol, com a palestra da historiadora e Diretora Regional de Cultura, Ana Paula Mariano. Assim, foi criado o Departamento Municipal de Cultura, que tem nomeada como diretora, a dançarina do Grupo Pôr do Sol, Ana Paula Marques Santino.

3.4 O patrimônio e o turismo cultural

Conforme procurei destacar, até o momento da consolidação do título de Capital Paranaense do Folclore, Quinta do Sol passou por camada de discursos históricos, e todos eles podem ser percebidos no presente do município. Neste subcapítulo atentarei ao conteúdo do festival e do patrimônio cultural a partir de uma aproximação com a noção de turismo cultural e as práticas culturais e econômicas desenvolvidas no município de Quinta do Sol.

Na seara do patrimônio, Gonçalves (2015, p. 213) aponta que “é comum que se assumam como um dado que os patrimônios materiais ou imateriais expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais”. Elementos artísticos como arquitetura, artesanato, festividades, dança, música, culinária, podem ser caracterizados como um “patrimônio cultural”, conforme ele passa a ser reconhecido por um grupo social e,

consequentemente, pelo Estado, como algo que pode definir uma identidade local, que lhe é singular e ligado à sua história. Assim, a luta pela defesa, preservação e reconhecimento público desse patrimônio representa também a luta pela própria identidade cultural e social deste grupo, mantendo sua existência e permanência.

Mello, Silva e Faxina (2018, p. 283) descrevem o que são bens e serviços culturais que fazem parte do patrimônio cultural ao citarem Bayardo (2013, p. 10) apontando que estes bens “não são mercadorias como outras quaisquer, mas sim mercadorias que comunicam ideias, portam conteúdos, veiculam valores, portam sentidos, que fazem a formação dos sujeitos, os modos de sociabilidade e as formas de entender a natureza, o mundo, relações com os outros”. Os serviços culturais são de natureza intangível, uma gama de valores e tradições imateriais que estão inseridos na vivência destes grupos sociais e fazem parte de sua identificação. Afinal, “nas culturas tradicionais encontramos valores como a reciprocidade, o respeito ao outro e a biodiversidade, que podem nos ajudar na busca por um novo parâmetro de construção social” (PIAU; MURIEL, 2012, p. 59). Esse tom lúdico, exótico e afetivo da identidade cultural é uma marca recorrente nas manifestações da cultura popular, pois ela é fundamentada na vivência de determinado grupo e demarca sua identificação com o local.

Desse modo, “é possível pensar o patrimônio não apenas como algo situado num tempo ou num espaço distante e inalcançável, mas também como um processo presente, incessante, conflituoso e interminável de reconstrução” (GONÇALVES, 2015, p. 220). O autor aponta que o processo de preservação do patrimônio é baseado na perda, quando um bem material ou imaterial está em risco de extinção, ele passa a ser “alvo” das agências de preservação que agirão no intuito de impedir que ele seja salvo de um possível processo de desaparecimento. Porém, Gonçalves (2015, p. 225) recorda que, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo, somos resultados desta dualidade nos processos de produção social das identidades, daquilo de construímos e preservamos e daquilo que esquecemos e descartamos. Afinal, as práticas de destruição são igualmente indispensáveis para que as identidades possam perpetuar esse processo contínuo de mudanças e permanências, uma metamorfose social e histórica.

Se, por um lado, “as festas e manifestações folclóricas reafirmam um mundo mágico, opondo-se, desta forma, à lógica racionalista da sociedade capitalista na qual predomina o interesse do mercado e a busca pelo lucro” (PIAU; MURIEL, 2012, p. 58) e “as manifestações de arte tradicional estão relacionadas a uma série de dimensões da vida das comunidades: religiosas, sociais, políticas, de lazer e não podem ser reduzidas aos aspectos mercadológicos” (PIAU; MURIEL, 2012, p. 45), se mantendo numa lógica mais imaterial e

desprendida das relações de poder e dinheiro. Por outro lado, “os patrimônios podem simultaneamente servir aos propósitos da indústria turística em escala planetária, às estratégias de construção de “identidades”, à formação de subjetividades individuais e coletivas” (GONÇALVES, 2015, p. 218) e o turismo cultural “é um segmento capaz de alavancar a economia, além de contribuir significativamente para a preservação do patrimônio natural e cultural, uma vez que estes são matérias-primas básicas para a existência desse fenômeno” (MELLO; ALEXANDRE, 2017, p. 46), devido à sua potencialidade de geração de emprego e renda e os usos do patrimônio possuem diversas maneiras de gestão das relações entre passado, presente e futuro.

Apesar dessa visão ideológica e, de certa forma, utópica, de Piau e Muriel sobre as manifestações da cultura popular não poderem ser reduzidas apenas aos interesses do mercado, hoje em dia, por meio de políticas públicas de preservação da cultura, eventos, festivais e ações de divulgação e preservação, tem se aliado temáticas de turismo cultural e histórico para proporcionar novas fontes de recursos para que essas manifestações artísticas se mantenham em evidência, sendo recolocadas em destaque e podendo ser geradores de renda para se autogerir, sustentar a si mesmos e proporcionar emprego e renda para aqueles que estão inseridos na mesma comunidade. Gonçalves (2015) reitera essa ambiguidade de intenções do mercado ao citar Kirschenblatt-Gimblett (1998)¹¹, seja como adversário ou aliado nos discursos e políticas de patrimônio e como essas relações se intensificaram, sobretudo na esfera do turismo cultural. “Assim, cada lugar que vem a ser oficialmente reconhecido como “patrimônio” já é ou torna-se rapidamente uma “atração turística” (GONÇALVES, 2015, p. 220). Um efeito comum para locais que possuem patrimônios materiais, mas que têm ganhado força com patrimônios imateriais ao dar importância e valorização para seus costumes, tradições e modos de vida tradicionais e singulares.

Como visto anteriormente no primeiro capítulo deste trabalho, o professor Lucinei Carneiro, coordenador do FEFOSOL, aponta que um dos objetivos após a consolidação do festival dentro de Quinta do Sol e deste processo de construção de identidade cultural que segue continuamente, é que o festival seja um propulsor de oportunidades de emprego e renda, mesmo que criando vagas temporárias, mas que possa trazer renda para o município. Entretanto, existem obstáculos a serem vencidos, por exemplo, na questão de infraestrutura da

¹¹ Gonçalves cita Kirschenblatt-Gimblett, 1998, dizendo que: O mercado, seja como adversário, seja como aliado, sempre esteve presente, de modo implícito ou explícito, nos discursos e políticas de patrimônio. Mas nas últimas décadas é possível perceber uma intensificação dessas relações, especialmente no que se refere ao turismo. Assim, cada lugar que vem a ser oficialmente reconhecido como “patrimônio” já é ou torna-se rapidamente uma “atração turística”.

cidade. Neste ponto, pode-se analisar dois elementos que ganharam espaço nas pesquisas sobre economia: a economia da cultura e a economia criativa, apesar de existirem divergências quanto às caracterizações e conceituação destes dois termos, ambos trazem a cultura, a arte, a inovação e a tecnologia para uma nova visão de sociedade e consumo.

Para Potts e Cunningham (2008), a economia da cultura, representa um marco teórico referente à criação de políticas públicas para a cultura, na qualidade de canal para expressão de signos, símbolos e valores – simbólicos e culturais –, os quais também podem agregar valor mercantil e econômico.

Dentre os diversos conceitos sobre economia criativa, uma das visões apresentadas por Serra e Fernandez tem sido bem aceita nos países que despontam como principais precursores dos estudos sobre economia criativa, como Inglaterra e Austrália. Os autores apontam que a economia criativa é entendida como uma diversidade de campos econômicos relacionados “às artes, à cultura, às novas mídias e à criatividade em geral, tem forte conteúdo de intangíveis e requer habilidades especiais da força trabalho, além de apresentar estreita relação com os avanços científicos e tecnológicos” (SERRA; FERNANDEZ, 2014, p. 357).

Cabe destacar que no Brasil tem se percebido um movimento de ampliação dos sistemas produtivos locais criativos, uma valorização de localidades devido a organização permanente de eventos culturais – como o Festival de Folclore de Quinta do Sol – e a inclusão da economia criativa nos principais parques tecnológicos (SERRA; FERNANDEZ, 2014).

Em linhas gerais, “a economia criativa promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano” (OLIVEIRA; ARAÚJO; SILVA, 2013, p. 22). Esse entendimento de mudança sobre as principais atividades da produção humana, valorizando as artes, a tecnologia e o conhecimento, seja ele tradicional e popular ou inovador e digital, tem sido um processo em construção durante o século XXI, a produção de algo intangível e imaterial, mas que permeia todas as relações humanas no seu cotidiano. Por isso, é um conceito importante para quem trabalha com patrimônio cultural imaterial e podem agregar valor de mercado também a outras atividades econômicas de serviços, como o turismo.

As indústrias criativas podem reforçar a cultura como valores e tradições que identificam uma comunidade ou nação. Além do papel de coesão social e inclusão, este reforço tem o potencial de gerar atratividade turística. Esta é a maneira pela qual a economia criativa se relaciona com a cultura e com o turismo. Outra maneira se relaciona ao turismo cultural centrado no patrimônio. A abordagem da economia criativa pode contribuir para a exploração racional e sustentável desse tipo de turismo e para a preservação do patrimônio, do meio ambiente e para o benefício das populações locais (OLIVEIRA; ARAÚJO; SILVA, 2013, p. 8).

Tendo como referência de desenvolvimento econômico aquela ligada ao turismo cultural, uma deficiência notada deve-se à falta de uma rede hoteleira no município de Quinta do Sol para que visitantes de locais distantes possam ficar hospedados durante o festival. É comum membros de grupos que não estão participando do festival se dirigirem até Quinta do Sol e necessitarem contar com “pouso” na casa de membros do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol ou outros amigos que fizeram na cidade. Essa falta de hotéis, pousadas e afins, na sede do município, é um ponto negativo, que provavelmente, afasta possíveis interessados em acompanhar o festival vindos de longe. Como o FEFOSOL já trouxe grupos de estados das cinco regiões do Brasil e de países estrangeiros, faz com o evento seja conhecido e atraia a atenção de um público provenientes de locais mais distantes.

Essa necessidade de uma estrutura que ofereça condições para se consolidar o turismo de modo geral, é uma dificuldade que precisa ser revista pelos órgãos competentes, buscando soluções, investimentos, fomentando estruturas para que se estabeleça um serviço hoteleiro ou de hospedagem comunitária como o ofertado pelo aplicativo AirBnb, além de uma rede de transportes para que o município se torne mais eficaz. Como aponta Mello e Alexandre (2017, p. 52) ao citar Lustosa e outros autores (2008), sobre a necessidade do turista em ter acesso à serviços complementares para usufruir melhor do passeio, fidelizando esse turista e atraindo novos visitantes, como serviços de “transporte, hospedagem, alimentação, entretenimento, entre outros – ofertados por diferentes agentes econômicos, gerando padrões de concorrência diferenciados, evidenciando a importância das formas de cooperação e interação entre eles”.

O FEFOSOL virou um evento que atrai um público significativo. Passou-se a realizar em paralelo ao festival, a Feira de Artesanato de Quinta do Sol – ArtSol. Porém, algumas possibilidades que o público gostaria de encontrar na feira não são totalmente atendidas. O relato do casal de dançarinos do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, Ana Paula Santino e Pablo Henrique Sturion, que são proprietários de uma empresa que produz souvenirs, estamparias e outros produtos de lembrancinhas, copos, canecas, taças, demonstra como não havia uma preocupação referente aos itens de consumo que poderiam ser derivados do festival para os turistas. Na entrevista, Ana Paula falou da motivação para que o casal investisse no desenvolvimento desta atividade:

Quando eu vim, enquanto turista em 2017, nós levamos lembrancinhas de Nova Petrópolis, de Gramado, de Olímpia e não levamos nada de Quinta do Sol. E aí eu fiquei assim “nossa, não tenho nenhuma lembrança daquela cidade”, eu não lembrava o nome. Por isso que a gente compra lembrança, porque sempre tem lá né “lembrança de tal lugar”. E aí quando eu vim pra cá, pra morar, primeira coisa que eu falei foi assim “cara, vai vim grupo da minha cidade, vou querer que eles levem lembranças daqui e não tem nada”.

Então vamos montar alguma coisa! E pesquisando, pesquisando, pesquisando, minha ex-patroa, comprou um maquinário pra mim, descontando do meu salário e a gente passou a estudar como fazer brindes pra eles levarem de lembrança e foi assim surgiu a PP Artes, que são dois Pês, Paula e Pablo, e surgiu por conta do festival. Então hoje e sempre, a PP Artes está a serviço do festival. Ela hoje se tornou a minha fonte de renda, mas a prioridade dela é o festival (SANTINO; STURION, 2022).

A partir de uma demanda pessoal enquanto turista, ao se radicar em Quinta do Sol, Ana Paula viu uma oportunidade de geração de renda. Talvez, a Prefeitura, a coordenação do festival, a Associação Comercial e Associação dos Artesãos, órgãos atuantes na cidade, possam trabalhar políticas de geração de renda e incentivo ao turismo se utilizando não apenas do período do FEFOSOL, mas da marca “Capital Paranaense do Folclore”, com ações para atrair visitantes durante todo o ano. Por parte do ente público, essas ações devem ir além da exposição do título em bens públicos, como pontos de ônibus e portal, deve proporcionar subsídios para que as políticas públicas de incentivo aconteçam. Em entrevista com Leonel Mendonça, que foi secretário de Administração da Prefeitura de Quinta do Sol, por diversos mandatos, ele vê como vantajosa a realização do festival e que contribuiu efetivamente para uma mudança no fluxo de visitantes no município. “Geralmente são quatro dias de festival, eu acho que atraí pessoas de outras cidades. Geralmente, tem pessoas de outras cidades, e ajuda a divulgar o nome da cidade”, comentou Mendonça (2022), que acredita que o Município deveria explorar melhor a questão cultural, o título relacionado ao folclore, desenvolvendo atividades de integração com a comunidade e proporcionando novas oportunidades.

Essa opinião de Mendonça repercute na fala da musicista Paulla Braz Neves que falou que “não dá pra ficar apenas em monumento, em portal, que deve se investir numa política pública forte, que amarre as pontas e construa uma rede de interações que movimentem toda a estrutura”. Até mesmo na questão educacional e na valorização do patrimônio cultural da cidade, em suas palavras, o sistema educacional falha ao discutir um movimento cultural que surgiu no Brooklin de Nova York, nos Estados Unidos, como o Hip Hop, “mas não sabe o que é um caboclinho, não sabe o que é um maculelê, uma cultura de matriz africana, e que demoniza aquilo que é africano, aquilo que é afro-brasileiro” (NEVES, 2022). Por isso, ela diz que é necessário alterar o currículo educacional, proporcionando atividades de contraturno escolar, com aulas de dança, aulas de música, mas voltadas para a cultura popular. A superestrutura para a consolidação do patrimônio e do turismo começa em ações que consolidem a cultura popular e incentivem na população essa atenção, desde os setores econômicos, mas também na educação e no sentimento de pertencimento e preservação junto à comunidade.

Afinal, como assinala David Glassberg (1996, p. 19):

Pesquisas sobre memórias e lugares deveriam ser uma parte intelectual do trabalho de gerir recursos culturais, planejando programas que procurem identificar e proteger uma memória comunitária de lugares, involuntariamente preservados ou feitos especiais pela prática popular, assim como lugares históricos, lugares que governos designam como importantes para a identidade política coletiva.

No comércio de Quinta do Sol, os dançarinos, músicos e membros dos grupos que vêm de fora para participar do FEFOSOL se tornaram figuras conhecidas e reconhecidas. Durante os dias do festival, eles auxiliam no aumento do consumo, proporcionando mais vendas e criando vínculos. O vendedor Thiago Shimada Rodrigues apontou que a maioria do pessoal dos grupos se tornou cliente da lanchonete onde trabalha. Após as apresentações no palco do festival os artistas dos grupos vão para o local, onde realizam a chamada “socialização” e os músicos fazem um show, entram em contato antes mesmo do festival, para combinar de fazer as rodas de música ao vivo. “Quando tem o festival aqui movimenta bastante a cidade, porque vem bastante gente de fora. E aqui na lanchonete, já ficou meio que *point*, o pessoal já conhece a gente, já de outros anos” (RODRIGUES, 2022).

Os artistas dos grupos também percebem essa contrapartida dos quintassolenses na interação no comércio local. A dançarina e coreógrafa Nazaré Azevedo disse que são reconhecidos quando vão ao comércio, as pessoas questionam quais danças irão apresentar naquele dia. Na entrevista realizada durante o FEFOSOL de 2022, ela contou um fato ocorrido no dia da entrevista:

E a gente fica surpreso deles pedirem, por exemplo, hoje, os meninos foram no comércio e o pessoal perguntou “vai ter orixás?”, “vocês já fizeram [a dança dos] orixás?”. Então a gente vê assim, que o que a gente traz é bem aceito né, pelo pessoal. Porque eles entendem que tudo é cultural. Eu posso até ser de uma outra religião, mas tudo é cultural (AZEVEDO, 2022).

Elementos culturais, religiosos e de mercado acabam se inter-relacionando durante esses dias que acontecem o festival, demonstrando que há espaço para crescimento e ampliação de todos. Ainda assim, existem preocupações e demandas que precisam ser corrigidas, desenvolvidas, a fim de obter resultados ainda mais positivos, tanto em relação à manutenção do patrimônio cultural, da valorização do folclore, quanto sobre as possibilidades de aumento de público, geração de empregos e renda.

Olha, eu acho assim, nós temos ainda muito o que avançar, a gente tem metas mais audaciosas assim, com relação a público. Atingir público mais regional também. Trazer mais pessoas pra cidade também. Mas esse é um caminhar. O público de Quinta do Sol é espetacular! Eu acho que com relação ao público o pessoal vestiu mesmo essa ideia do festival. Os grupos se sentem muito à vontade aqui. A gente que participa de outros festivais, a

gente vê que o público aqui é diferente. O calor humano que o nosso público oferece aos grupos (CARNEIRO, 2022).

Esse calor humano do público de Quinta do Sol, que é destacado pelo professor Lucinei Carneiro e que foi citado em outras entrevistas ao longo do texto, é um diferencial que pode ser usado a favor do turismo cultural. A receptividade, a hospitalidade e a cordialidade ao receber bem os visitantes é um traço intangível das relações turísticas que possibilitam uma boa experiência aos visitantes, fazendo com que tenham interesse em voltar ao local e indicar para que outras pessoas possam conhecer a cidade. Oferecer além do produto (no caso de Quinta do Sol, o folclore) é essencial para criar vínculos e memórias afetivas que acrescentam valor agregado ao complexo do turismo criativo.

Conforme o contexto de turismo de base comunitária ou o turismo criativo, tem-se que o “objeto de desejo é a possibilidade do maior acesso à cultura e história dos residentes, envolvendo experiências sensoriais, atividades centradas em vivências, oferecendo um autêntico engajamento na vida cultural real do destino” (MELLO; ALEXANDRE, 2017, p. 49). Desse modo, conhecer e destacar a história de Quinta do Sol, de seus moradores e explorar a proeminente carreira do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol são fatores que podem contribuir para o fluxo turístico, além daquele que pode ser articulado com o Festival de Folclore de Quinta do Sol.

CAPÍTULO 4

MARINHEIRO, ME LEVA!:

uma proposta de divulgação histórica

Após navegar pelas águas das memórias que compõem a história da cidade de Quinta do Sol, vamos passear por elementos historiográficos que fazem parte desta pesquisa, sobretudo, relacionado ao teste online realizado sobre a possibilidade da construção de um Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol. O título do capítulo se refere a uma das mais tradicionais canções do fandango caiçara chamada “Marinheiro”. Navegar pela história, pela cultura e pela internet é preciso, a fim de conhecer e reconhecer as possibilidades do mundo virtual para os usos da História Pública.

Na primeira parte do capítulo temos uma apresentação da definição e de usos dos conceitos/campos da História Pública e da História Pública Digital, que se apresentam como base da prática a ser exercida num projeto de Memorial Virtual, tendo em vista que toda a concepção, execução e divulgação da pesquisa tratada aqui se dá dentro do ambiente digital, por meio de site, plataformas e redes sociais. Esse ramo da historiografia digital fornece subsídios teóricos e práticos para a realização do teste a fim de se qualificar como uma pesquisa de História Pública. A memória, que antes era registrada por meio de fotos, vídeos, livros, anotações ou transmitida oralmente, agora consegue atingir um novo nível de circulação e manutenção. Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação proporcionado pela revolução digital, a memória ganhou novos campos, novos espaços para sua consolidação. A era da informática produz novos tipos de memórias digitais, sobretudo nas redes sociais. Assim, busca-se analisar esse fenômeno de comunicação e memória dentro da História Pública.

Na segunda parte, apresento a concepção, execução e resultados preliminares do projeto do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol, sua construção por meio do diálogo com participantes do FEFOSOL, depoimentos, acesso aos acervos do grupo e pessoais, recortes de materiais jornalísticos. O projeto testado se deu no suporte online inicialmente dentro da rede social Instagram, opção baseada na facilidade de postagem, no seu potencial engajamento e relacionamento com os usuários. O teste foi levado à rede social Facebook. A fim de compreender a visão do público do FEFOSOL sobre o mesmo, foi realizado um questionário online sobre o festival, divulgado no perfil-teste nas redes sociais e no folder de divulgação do Instagram do memorial entregue ao público, de forma aleatória,

durante a realização do festival no ano de 2022. Os resultados do questionário são apresentados no final do terceiro subcapítulo. Esse material, conforme ofícios encaminhados ao prefeito de Quinta do Sol, Leonardo Lazaretti Romero, e ao coordenador do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e do Festival de Folclore de Quinta do Sol, professor Lucinei Carneiro, será disponibilizado a essas entidades.

E, por fim, a última parte deste capítulo está destinada à apresentação de um protótipo de site para o Memorial Virtual construído dentro da plataforma Google Sites, com o objetivo de modelar as possibilidades de uma página exclusiva para o projeto na web.

4.1 História Pública e História Pública Digital

Apesar de ter representações e práticas que possam indicar origens mais antigas da História Pública, é a partir de sua institucionalização nos Estados Unidos na década de 1970 que ela ganha contornos mais claros. A História Pública estadunidense é gerada, de certa maneira, com a crise de empregos nas universidades, agrupando historiadores ansiosos de tirar sua disciplina de um gueto institucional e coloca-la em outros campos – para Joel Tarr, sem a crise de postos de trabalho, a História Pública se desenvolveria ao lado da História Aplicada, por terem uma base intelectual validada e por apresentar um utilitarismo da história com relação à sociedade contemporânea (ROUSSO, 1984). Assim, tem-se a noção de necessidade de surgimento de um novo profissional, o historiador público.

Segundo Robert Kelley (1978, p. 1), “no seu sentido mais simples, História Pública se refere ao emprego de historiadores e ao método histórico fora da academia: em governo, corporações privadas, mídia, sociedades históricas e museus, mesmo em práticas privadas”. Essa visão é corroborada por Henry Rousso (1984) que aponta que os historiadores públicos são fornecedores de identidade ao serem parte de um processo de uma memória escrita, codificada e registrada.

A história não é apenas uma disciplina científica, ela é também uma narrativa, uma escrita, a formulação de um patrimônio cultural comum. A história é um processo discurso de diversos atores e públicos, uma mão-dupla entre signos e significados. Desse modo, entende-se que é impossível acreditar que o historiador possa realmente manter o controle de seu discurso (ROUSSO, 1984).

“O sucesso recente da História Pública internacional se dá graças a uma definição mais ampla da História Pública e a um contexto favorável, no qual comunicar a história a grandes audiências se tornou uma nova maneira de se validar a pesquisa acadêmica” (CAUVIN, 2019, p. 26). Com esse intercâmbio da História Pública a partir do processo de

internacionalização é possível provocar discussões práticas e colaborações entre linhas de pesquisa, seja da abordagem vocacional dos Estados Unidos, as discussões teóricas correntes na Europa ou o engajamento da oralidade histórica na História Pública do Brasil. Assim, é possível compreender melhor o papel em transformação do historiador nas sociedades contemporâneas em diversos locais do planeta.

Nesse processo de conversação ativa e contínua, há uma prática histórica que liga o passado e presente e que necessita, de alguma maneira, ser concomitantemente mais local e próxima e mais global e cosmopolita. Assim, a prática histórica poderá abarcar preocupações populares, tendo amplo discernimento de situações baseadas em estudos sistemáticos e detalhados do passado (ROSENZWEIG, 1998).

Na esteira do que foi apresentado por Roy Rosenzweig acima, Serge Noiret apresenta o conceito de *glocal*. Uma teoria pela qual compreende-se que os passados locais atingem alcance globalizado com a afirmação do pluricentrismo da história mundial. Esse processo de descentralização da história possibilitou o avanço da História Pública em todo planeta, algo que foi chamado de dimensão *glocal* da disciplina da História Pública. Portanto, “a História Pública significa trabalhar sobre o passado com comunidades locais e, em geral, para uma melhor compreensão de seus passados locais/globais” (NOIRET, 2014, p. 4). Por isso, foi possível realizar esse trabalho de pesquisa histórica sobre uma comunidade do interior, que trabalha para estudar, projetar e divulgar a cultura popular, reorganizando o espaço, os costumes e as tradições locais e possui um alcance no debate sobre cultura popular que ultrapassa os limites da sua cidade e atinge outras regiões, tanto pelas transmissões do próprio festival local, quanto pelas participações em turnês por outros locais do Brasil e do mundo.

Noiret apresenta em seus estudos apontamentos sobre como essa relação do local/global se alinham ao trabalho da História Pública Digital, demonstrando as suas competências para evidenciar essa relação do *glocal*.

Uma das maiores utilidades da história pública digital é a capacidade de comunicar, descrever, interpretar e mostrar, com métodos similares, as experiências históricas locais como experiências globais. A “história pública digital” assume como pressuposto metodológico que a história local possa se tornar parte integrante da reflexão acerca dos processos de globalização e de uma comparação de âmbito planetário do que é local, dimensão íntima e mais próxima que interessa, seja onde for, ao público. Através de uma comparação de casos locais em sua dimensão pública e global, a história digital permite depurar alguns conceitos universais da ‘*world history*’, como os de genocídio ou de ditadura. Do que é local se passa às experiências e às memórias de outras comunidades locais em outros continentes. Criando novos espaços interpretativos e narrativos graças às novas práticas da história pública digital em âmbito mundial, o *glocal* – neologismo da globalização (ROBERTSON, 1995) – ilumina a dimensão espaço-temporal

daquela que chamamos *'international public history'* (NOIRET, 2015, p. 43).

Então, tomando como base o que foi discutido no texto de Cauvin (2019), é interessante lembrar que ele apresenta uma definição de História Pública apontada por Knevel que a História Pública feita nos Estados Unidos seria definida como 'história para o público, sobre o público e feita pelo público'. Assim, pode-se compreender que o papel de historiador público diante deste projeto é o de comunicar a história para audiências não acadêmicas e trazer ao público algo que é feito por ele e para ele, num trabalho de autoridade compartilhada. Pois, compreende-se que a "História Oral é, por princípio, o produto de uma autoridade compartilhada; e sugere caminhos metodológicos para que o compartilhamento da *autoridade* afluja para um compartilhamento da *autoria*, frisando a raiz etimológica comum entre as palavras" (SANTHIAGO, 2018, p. 297).

Sendo assim, neste processo compartilhado, as memórias individuais e coletivas podem ser desveladas pelos historiadores e compreender as relações e representações históricas em públicos em escalas mais amplas, em cidades, regiões, nações, meios de massa. A História passa a ofertar meios para comunicar ideologias, identidades de grupos e também fazer lucros, orientar alguém no ambiente que está inserido e proteger uma memória comunitária de lugares. Afinal, como aponta Glassberg (1996, p. 10), a "consciência histórica e consciência do lugar estão inextricavelmente entrelaçados".

Ainda Glassberg (1996, p. 12), ressalta que em contraposição aos estudos de folclore mais antigos que procuravam captar e preservar o "espírito de lugar" romanceado de nativos em áreas rurais, na atualidade há diversos debates sobre os significados conflitantes para o mesmo ambiente comunicado entre grupos sociais. O senso de lugar coletivo abre-se como a efetivação de uma História Pública, é parte da luta por hegemonia cultural, o produto de relações de poder entre vários grupos e interesses.

Por isso, ao analisar a relação entre tais conteúdos estudados e o projeto proposto se faz necessário compreender o papel do historiador público em tal desenvolvimento, para não entrar em rota de colisão com as próprias teorias na execução da prática. Santhiago (2018) lembra que, a História Pública não é caracterizada pela transmissão de habilidades técnicas para possibilitar a construção de bens culturais, mas pela disposição para transformar a relação das pessoas com o passado e também na relação do historiador com sua função.

Como destaca Glassberg (1996), os historiadores públicos podem participar no processo de construção do sentido de lugar de residentes locais, acrescentando um senso de lugar a um senso de vinculação emocional dos residentes locais, colaborando para que estes e

visitantes possam ver o que geralmente não é visto, todas as memórias vinculadas aos lugares e aos processos econômicos e sociais que constroem como os lugares são constituídos. Assim, a pesquisa em História Pública colabora para ampliar as possibilidades de debates e discussões sobre História Oral e o fazer da história no cotidiano das pessoas comuns. E a História Pública Digital abre um novo horizonte de possibilidades de pesquisa, atuação e difusão de conhecimento, por meio da inserção de novas tecnologias de comunicação ao trabalho. “A passagem à era digital apenas inseriu outras dimensões para aperfeiçoar a tarefa específica da *public history*, qual seja, a de interpretar o passado de comunidades específicas e de comunicar a história e as memórias coletivas por todos os meios e as mídias à disposição” (NOIRET, 2015, p. 42).

Para Steve F. Anderson (2011), o avanço da tecnologia midiática possibilita *reimaginar* a relação do homem com o passado, por meio do que ele denomina “*Visual History*”, seja na tela da TV, dos cinemas ou dos computadores, seja no teatro ou no museu. Desse modo, há o surgimento de novas possibilidades narrativas, menos lineares e mais hipertextuais, que intensificam o potencial do virtual e permitem que o uso do audiovisual seja ainda mais acentuado. Com isso, surgem novos arranjos museográficos e historiográficos, discute-se o que a modelagem e a impressão 3D podem acrescentar nos modelos de museus e, diante do cenário de pandemia, como foi vivido a partir de 2020 com a pandemia de Coronavírus, com a necessidade de distanciamento social, a possibilidade multimídia de explorar os museus virtuais.

Dentro da História e Historiografia Digital percebe-se que esta nova narrativa online tem um formato hipertextual, multimídia e universal. Esse formato virtual permite que o leitor possa navegar, respectivamente, pela superestrutura e infraestrutura do conhecimento histórico. Assim, o leitor dentro da História Digital pode acessar uma narrativa histórica sobre o passado, que consegue demonstrar em outros níveis do texto, diferente do modelo de um livro ou monografia, outras informações, procedimentos, métodos e chaves de leitura que também “fizeram” aquela operação histórica (LUCCHESI, 2014, p. 51). Essa visão de Lucchesi também é apontada por Noiret (2015), ao afirmar que a pesquisa de diferentes fontes e as diversas tramas narrativas dos meios virtuais, sobretudo da internet, são práticas digitais do historiador e essas particularidades da história digital devem ser enfatizadas dentro do seu campo de atuação.

“O encontro “direto” com a história nas comunidades locais acontece hoje na rede virtual. As atividades de “História Pública Digital” nos sites interativos da web de nova geração 2.0 favorecem um encontro “face a face” com a história e as suas fontes” (NOIRET,

2015, p. 37). Assim sendo, possibilitar um espaço virtual para a promoção da história de um grupo/comunidade, neste caso de uma cidade de aproximadamente 5 mil habitantes, é realizar uma nova mediação sobre o processo historiográfico digital, abrindo um local de encontro e troca de conhecimentos.

Afinal, para a construção de narrativas no campo da história pública digital se faz necessário uma readequação e reinterpretação de métodos e normas dos profissionais historiadores para novas práticas sobre o passado e presente, sejam habilmente manuseadas na era virtual (NOIRET, 2015). Esse entendimento acerca das novas responsabilidades aos historiadores advindas da história digital pode colaborar para o desdobramento de novas técnicas e metodologias no manejo de materiais de pesquisa tão diversos que existem no ambiente virtual, bem como as possibilidades de comunicação de tais conhecimentos.

Para garantir o devido distanciamento no confronto com o passado, gerenciar essas coletas de documentos, “filtrar”, mediar, conectar comunidades e públicos diversos, encaminhar os novos conhecimentos sobre o passado por meio do potencial das tecnologias digitais, uma geração de novos historiadores, que podemos chamar “historiadores públicos digitais” (*digital public historians*), tornam-se os profissionais intermediários necessários para enquadrar cientificamente o trabalho de coleta de documentos e gerir criticamente novos arquivos “inventados” – que não existiam, isto é, fisicamente –, trazidos para a rede graças às contribuições de todos. (NOIRET, 2015, p. 37)

Essas trocas sociais, as vastas possibilidades de produção e divulgação no ambiente digital do conhecimento histórico dão subsídios para fundamentar a história pública digital e ajudam a definir o entendimento sobre ela. A produção, geração e transmissão do objeto histórico, seja público ou privado, materiais didáticos, entrevistas de história oral, pesquisas acadêmicas e fora do meio acadêmico, objetos físicos e virtuais, são elementos que fazem parte da experiência da história digital, aqui se apresentando com a proposta de um memorial virtual sobre determinado grupo e local.

4.2 A memória na era da informática

A memória, na atualidade, tornou-se um fenômeno social, marcado por uma cultura de resgate, preservação e manutenção do passado, com certa aura de saudosismo frente às efemérides do tempo-presente e a presunção de futuros quase apocalípticos, com o apagamento do passado devido a uma sobrecarga informacional, seja em forma ou conteúdo, que causa desconforto nas relações humanas com suas recordações, por meio de uma comunicação cada vez mais acelerada. “Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a

nossa psique nem os nossos sentimentos estão bem equipados para lidar (HUYSSSEN, 2004, p. 32).

A memória é resultante de uma operação coletiva de salvaguarda dos acontecimentos e das interpretações do passado. Ela funciona como elemento primordial para aqueles que desejam reforçar sentimentos de pertencimento e criar fronteiras sociais entre grupos distintos e dos mais variados seguimentos sociais, sejam famílias, igrejas, sindicatos, regiões, nações. Ressaltando que “mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida” (POLLAK, 1989, p. 15).

Com o advento das tecnologias de informação e comunicação, a ampliação do acesso à rede de virtual de computadores, novos locais digitais de memória e história passaram a ser criados. A digitalização do mundo real se expandiu junto com o processo acelerado da globalização, aquilo que antes estava distante, agora se tornou acessível a apenas um clique de um botão.

Com o século XXI, novos paradigmas culturais emergem no processo de expansão das novas tecnologias de informação e comunicação, do ciberespaço, do mercado globalizado, do uso da comunicação digital e da internet. Assim, a cultura material e imaterial encontra uma nova linguagem para comunicar sua historicidade, sua identidade e seu valor de bem patrimonial. (MELLO, 2013, p. 9).

A memória, o patrimônio e a cultura popular possibilitam aprender com a história e compreender a função social de determinados grupos, comunidades e expressões artísticas. Conforme aponta Huyssen (2004, p. 26), “a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas”. As mídias de comunicação se tornaram canais para manutenção desta cultura da memória, transmitindo informações e atuando como difusores de conhecimentos, costumes, tradições.

Entretanto, apesar dessa inclusão do meio virtual para a divulgação histórica e memorialística, os incentivos para preservar e salvaguardar o patrimônio das cidades, das zonas rurais, comunidades afastadas e instituições museológicas devem ser contínuos. Um cuidado deve permear todo esse trajeto: a valorização do virtual deve acompanhar os investimentos na preservação e salvaguarda do patrimônio físico de cidades, áreas rurais e instituições museológicas. Mello (2013, p. 27) alerta que “sem o tangível não haverá o que digitalizar, lembrando ainda que o apreço ao patrimônio cultural é fruto da identidade do povo com o meio que o circunda”. Faz-se necessária a consciência da manutenção e preservação da cultura material, mesmo diante das potencialidades e facilidades da cultura virtual, pois é

necessário o real ser mantido para que hajam raízes para a formação dos conteúdos digitalizados.

Ressaltando que, a memória igualmente é feita de esquecimentos e alavancada pelo medo da perda e o acúmulo de memória também se refere a esquecimentos seletivos. A manutenção do patrimônio físico é uma forma de evitar o apagamento do real, o uso do virtual não pode agir em detrimento do real, mas ser complementar, uma ferramenta de acesso. “As próprias estruturas da memória pública midiaticizada ajudam a compreender que hoje, a nossa cultura secular, obcecada com a memória, tal como ela é, está também de alguma maneira tomada por um medo, um terror mesmo, do esquecimento” (HUYSSSEN, 2004, p. 19). Então, manter a memória no mundo virtual não pode ser significado de perder ou apagar o real, apesar deste medo existir.

Os museus virtuais e outros espaços de memória em meios digitais e canais de comunicação ganham espaço dentro desta nova realidade dos campos da historiografia e da museologia. A historiadora Janaína Mello aponta aspectos positivos do museu virtual em relação ao museu presencial, destacando ser um espaço democrático e acessível a qualquer hora do dia ou da noite e a acessibilidade aos portadores de deficiência física, que não precisam se preocupar com a estrutura, escadas, rampas, elevadores. “Os dados também estão ao alcance de populações residentes em espaços geográficos separados por oceanos de distância” (MELLO, 2013, p. 11). Levando em consideração que, globalmente passamos por uma pandemia que fez com que as pessoas passassem um longo período em casa, sem acesso a museus, teatros, cinemas, as opções de visitação virtual se tornaram uma alternativa prática e acolhedora. Com mais acessos às mídias digitais que o tempo em *home office* proporcionou, o público passou a consumir mais esse tipo de atividade interativa.

Desse modo, a memória na era da informática, das ferramentas de comunicação na palma da mão, indica novos caminhos para o tratamento do patrimônio, do objeto histórico e da memória em si diante de um universo virtual que está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Alguns espaços de memória e museus já estão disponibilizando seus conteúdos no ambiente digital ou possibilitando experiências sensoriais presenciais com o uso da tecnologia, num processo que vem sendo conhecido como “cibercultura museal”:

A “cibercultura museal” no século XXI, quando para além dos espaços físicos tradicionais dos museus, a construção de um mundo tridimensional e a digitalização dos acervos através das ferramentas fornecidas pelas novas linguagens tecnológicas têm sido utilizadas para disseminar e democratizar o acesso ao conhecimento e à educação não formal, quer em um museu virtual, quer em um museu presencial com perfil tecnológico (MELLO, 2013, p. 7)

Compreende-se assim, como essas ferramentas digitais colaboram no processo de manutenção, divulgação e preservação da memória, contribuindo para que novos espaços de conhecimento histórico, patrimonial e cultural, sejam construídos em outros ambientes. Dentro da proposta apresentada a seguir, a construção de um memorial virtual do folclore referente à cidade de Quinta do Sol, conhecida como “Capital Paranaense do Folclore”, visa atender uma demanda de preservação da memória, do patrimônio histórico e cultural, num lugar que não possui espaços de memória, nem museus presenciais, mas que diante dos recursos tecnológicos disponíveis pode construir um ambiente virtual para manter preservada as histórias que o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol vêm escrevendo através das duas últimas décadas na cidade.

4.3 Memorial Virtual do Folclore: concepção e teste online

Conforme apresentado anteriormente, foi possível perceber a necessidade de se criar um espaço digital de difusão da memória, tendo em vista que na cidade de Quinta do Sol não existem museus ou outros espaços físicos de memória. Assim, fiz a sugestão de criar de um “memorial digital”, tendo em vista que os museus virtuais ou cibermuseus estão em franca expansão dentro das práticas de manutenção e preservação da memória, sobretudo, diante de uma sociedade cada vez mais inserida num ambiente tecnológico de divulgação de informação.

Aqui apresento resultados do teste online para o Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol. De modo geral, “o processo de utilização de um software para geração de um produto tecnológico aplicado seja na área patrimonial ou em qualquer outro empreendimento é composto de quatro fases: análise, projeto, implementação, testes e validação” (MELLO, 2013, p. 17). Para a pesquisa, o projeto se baseou na história do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e do Festival de Folclore de Quinta do Sol – FEFOSOL, cujos materiais de pesquisa e entrevistas foram apresentados no decorrer deste trabalho. Fotos e imagens foram coletadas durante o processo, muitas delas provenientes do acervo do professor Lucinei Carneiro, do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, do Festival de Folclore de Quinta do Sol e da Prefeitura de Quinta do Sol. Recortes de jornais, fotos de integrantes do grupo quintassolense e outras imagens feitas pelo autor desta pesquisa complementam o que foi apresentado até o momento.

Para o memorial virtual foi desenvolvido um perfil-teste, em uma página na rede social Instagram (Imagem 38) com intuito de se obter uma análise de como esse produto histórico-cultural pode ser trabalhado e a interação com os diversos públicos. Numa tentativa

de intercâmbio com pessoas que participaram ou assistiram alguma edição do FEFOSOL, obteve até o momento o retorno de apenas duas pessoas, a ex-dançarina do Grupo Pôr do Sol, Viviane Santos e a dançarina e coreógrafa do Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, Nazaré Azevedo, a qual também foi entrevistada para este trabalho durante o festival realizado em agosto de 2022. Para divulgação do perfil do projeto durante o FEFOSOL realizado em 2022, foi disponibilizado um folder (Imagem 39) com um *QR Code* do perfil no Instagram e outro código de acesso a um formulário online para que pudessem responder perguntas sobre o festival. Foram distribuídos 40 folders, que foram colocados aleatoriamente nos assentos da plateia, e assim o folder poderia ser compartilhado pelas pessoas ao redor.

Imagem 38: Perfil do Projeto “Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol” no Instagram



Fonte: Instagram

Imagem 39: Modelo do folder distribuído no Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

O perfil no Instagram funcionou como um laboratório para testar como a criação de uma página, um site oficial do Memorial Virtual, pode atender às demandas dos diversos públicos – grupo, município, prefeitura, audiências. Assim, não foi disponibilizada uma página-laboratório criada para essa finalidade, o suporte online para testagem foi todo realizado dentro da rede social para uma eventual criação do memorial virtual futuramente. À frente neste trabalho, apresento um protótipo de site para o memorial, com a sugestão de formato, abas, canais de comunicação e divulgação, que foi criado em ambiente digital, mas não divulgado para o público, pois não foram criados conteúdos para serem veiculados no mesmo.

Os museus virtuais e laboratórios de internet nas instituições de ensino, por si sós, não geram um pensamento crítico de valorização do patrimônio, nem desenvolve a noção de “economia da cultura” que possibilite a sustentabilidade para as comunidades ou promova a acessibilidade aos bens culturais para os portadores de deficiência. Essa análise da historiadora Janaína Mello (2013) reforça o entendimento sobre o esforço educacional que se faz necessário para que as pessoas possam compreender e conceber ações de divulgação de projetos de cunho histórico e cultural. Em suas palavras, “são necessárias ações de apropriação do conhecimento tecnológico de forma participativa, adequação às áreas do conhecimento em suas especificidades e demandas, além de planejamento prevendo o uso interativo e treinamento dos agentes culturais que irão atuar como multiplicadores educacionais e patrimoniais tecnológicos” (MELLO, 2013, p. 8). Assim, é possível compreender como a adesão à página do Instagram, bem como as respostas ao questionário online foram baixas após a divulgação do panfleto com o acesso em *QR Code*. Até o dia 06 de

maio de 2023, o perfil no Instagram apresentava 108 seguidores. Outra estratégia de divulgação foi compartilhar em meu perfil pessoal no Facebook o link para o perfil do projeto no Instagram. Em dezessete postagens no Instagram, o engajamento de curtidas chegou ao total de 262 curtidas até o dia 06 de maio de 2023, apresentando uma média 15,4 curtidas por postagem.

Percebe-se que, apesar dos tímidos números apresentados, o número de seguidores do projeto é significativo. Mas, para buscar novos resultados comecei a migrar esse conteúdo para o Facebook, ainda não fiz a divulgação do perfil e acredito que poderia ter feito essa ligação de usar as duas redes sociais que pertencem ao mesmo grupo desde o início. Por ser um teste, era passível de falhas, erros e desencontros, os quais pretendo corrigir e aperfeiçoar na página mesmo após o término desta pesquisa no mestrado. Tanto que, visando a manutenção do material e até mesmo pensando nos usos que podem ser feitos tanto pelo objeto-alvo da pesquisa, o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol, quanto pelo ente público municipal, a Prefeitura de Quinta do Sol, encaminhei ofício para ambos os gestores (Anexos 7 e 8) informando que os materiais da pesquisa, fotos, vídeos, entrevistas e a dissertação em si, estarão disponíveis para que possam ter acesso e até mesmo servirem de base para o desenvolvimento de outras ações de memória que os gestores possam realizar em relação à história da cidade e do folclore na cidade.

Sobre os resultados do perfil-teste ficou evidente que é necessário fazer ajustes nos moldes da divulgação, a fim de gerar mais acessos e engajamentos. Neste ponto, deve-se considerar o que diz Huyssen, sobre a possibilidade de usar o ciberespaço para a construção de um futuro global, utilizando uma noção de memória que também é virtualizada: “A memória vivida é ativa, viva, incorporada no social – isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Estão são as memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados num mundo global” (HUYSSSEN, 2004, p. 36).

Por isso, envolver os indivíduos que fizeram parte destas histórias, ter esse sentimento de pertencimento, de atores que escreveram essas histórias como protagonistas, é uma atividade que pode ser incorporada no trabalho do historiador público no desenvolvimento do seu projeto. Como bem lembra Fagundes (2019, p. 38), ao citar Jordanova, os “públicos fazem do passado sua memória histórica e envolvimentos pessoais emocionais são indispensáveis”.

Em 4 de maio de 2022, comecei a formular um questionário online que posteriormente foi divulgado para os públicos presentes na 15ª edição do FEFOSOL realizada entre 02 e 05 de agosto do mesmo ano. O formulário foi divulgado no mesmo folder de divulgação da

página do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol, cada um com seu *QR Code* para acesso do público através da câmera do celular. Entretanto, também visando ter mais alcance, o divulguei o link de acesso ao formulário na minha conta pessoal do Facebook.

O formulário foi gerado dentro do ambiente do Google Docs e composto de duas questões fechadas e duas questões abertas. As questões fechadas tinham o objetivo de conhecer informações sobre o público do festival: 1) É a primeira vez que assiste ao FEFOSOL, tanto presencialmente, quanto virtualmente? Com opções de resposta apenas “Sim” ou “Não”, para saber se esse público de 2022 já havia acompanhado o festival antes ou era a primeira vez que tinha contato; 2) De onde você é? Para conhecer a origem deste público, tendo como opções, a cidade de Quinta do Sol, a região no entorno de Quinta do Sol, o restante do estado do Paraná ou de outro estado/país. Nas questões abertas, às quais o público poderia responder escrevendo aquilo que quisesse: 3) Qual sua opinião sobre o FEFOSOL?; 4) Dicas, sugestões, reclamações, elogios ao FEFOSOL.

A pesquisa online teve, ao todo, 34 pessoas respondendo o questionário. Tendo apresentado os seguintes resultados: 35,3% estavam acompanhando o FEFOSOL pela primeira vez, enquanto 64,7% disseram que não era a primeira vez que assistiam ao festival. Para a segunda pergunta, referente à origem da pessoa, 76,5% responderam que eram de outro estado/país, enquanto 17,6% eram da cidade de Quinta do Sol, e um empate entre as opções “da região de Quinta do Sol” e do “outro lugar do Paraná” com 2,9%.

Neste panorama, percebe-se que, o público atingido pelo formulário online não era exatamente o mesmo que esteve presente na plateia do 15º FEFOSOL, reiterando aquilo que foi apontado pelo número de pessoas que seguiram a página-teste do projeto no Instagram a partir da divulgação física do folder com *QR Code*. Pelas respostas das questões abertas, percebe-se que boa parte destes, de fora do Paraná, eram dançarinos, músicos e demais artistas que estiveram em alguma edição nos palcos do festival.

Para a questão 3: Qual sua opinião sobre o FEFOSOL? De um modo geral, as respostas foram positivas, relatando especialmente, a organização, a acolhida, o sentimento de amizade, algo que foi corriqueiro nas entrevistas que realizei presencialmente com representantes de grupos que estavam no 15º FEFOSOL, como o gaúcho Marcos Tiago da Silva Amaral, músico que esteve presente em diversas oportunidades no festival acompanhado os variados grupos do Rio Grande do Sul que já vieram se apresentar em Quinta do Sol.

E a minha visão daqui, eu saio daqui, a cada ano que eu venho, eu saio daqui muito rico de cultura. México, Chile, pessoal do Ceará, pessoal do centro do

país. É assim, a gente sai daqui outra pessoa. Eu sou suspeito de falar, porque eu tenho muita amizade, inclusive de quem tá me entrevistando hoje. Mas o pessoal, desde a primeira vez... a primeira vez... a segunda vez, a gente vem mais acanhado, a gente vem com um pouquinho mais de vergonha, porque daí é tudo muito novo. Como eu te falei, principalmente, eu, a parte musical, assim no festival, a gente começou aqui. Então a gente tem a ideia daqui, conforme foi passando os anos, a gente transformou muitos conhecidos em amizades de verdade, louco pra ver sempre, todo ano. Então, a recepção do público também é maravilhosa. Eu acho que é um ótimo trabalho (AMARAL, 2022).

Dentre as respostas no formulário, muitos foram sucintos e se reservaram a dizer que o FEFOSOL tem uma “gran organizaci3n”, “melhor festival que já vi na vida”, “festival bem organizado, cidade muito agradável” e que é “muito importante para Quinta do Sol”. Outros fizeram respostas mais elaboradas, enfatizando características ou qualidades que reconheceram no festival.

Algumas respostas apontam referências à importância do Festival de Folclore de Quinta do Sol na rota de festivais que acontecem pelo país, preservando e valorizando a cultura popular: “Um festival que resgata o nosso interesse pela cultura popular como um todo”; “Ótimo festival, faz parte do roteiro nacional de festivais de folclore, um evento que já ganhou proporções internacionais e que tende a crescer cada vez mais”; “É um festival maravilhoso que já tem uma longa história e deveria ter um reconhecimento ainda maior. Mas é um Festival afetivo e que percebemos sua realização é orgânica tem alma e amor”; “Excepcional! Um festival rico de diversidade cultural, impecável em sua organização”.

A hospitalidade e a organização que foram pontos elencados nas entrevistas orais que fiz com participantes de três grupos, de três estados distintos, também foram qualidades ressaltadas no questionário online: “Festival acolhedor, muito bem organizado, e com grupos cada vez melhores”; “Um evento organizado, pessoas hospitaleiras, uma oportunidade de alavancar e valorizar a cultura local e de outros lugares também”; “Super organizado, tudo foi pensando realmente por quem entende, fomos tratados realmente como artistas folclóricos”; “Evento muito bom. Organizado e aconchegante, permitindo a interação com os demais”.

Nestas respostas, fica perceptível o apreço que os artistas têm pelo festival. Além de apresentarem respostas com sugestões sobre situações que podem ser melhoradas nos próximos festivais: “Eu já tive a oportunidade de ir ao FEFOSOL 6 anos e de lá pra cá só teve melhorias a cada ano. Mas, eu acho que vocês têm que ter mais variedades de barracas de alimentação e de bebidas e, mesmo de artesanatos. E ter uns grupos a mais por dia se apresentando. Mas como eu mesmo disse, a evolução de cada ano vocês vem sempre

melhorando, vocês estão de parabéns”; “Acho um festival incrível, intenso. Penso que poderia ser mais aproveitado os grupos que vem de fora, poderia ter oficina para ensinar as danças de casa região, para sabermos o porquê do figurino, dança e etc.”.

A questão 4, foi aberta para que pudessem escrever o que quisessem, a fim de se assinalar dicas, sugestões, reclamações, elogios à realização e organização do FEFOSOL. Muitos elogiaram, apontaram a relevância e importância do festival, como na seguinte resposta: “Meu desejo é que a cada se torne um evento maior. Quinta do Sol é um paraíso, e movimentações culturais são imprescindíveis para todos os moradores de lá”.

Além disso, surgiram sugestões à organização, com elementos que podem ser levados em consideração para as próximas edições, no intuito de buscar sempre a excelência para a promoção do Festival de Folclore de Quinta do Sol: “O som sempre está muito alto, dificultando a participação de pessoas sensíveis a essa questão. Meu filho é autista, adora o FEFOSOL, mas o som impossibilita ele de assistir presencialmente”; “O lazer dos grupos participantes de fora ficou a desejar”; “Local e palco das apresentações deveriam ser melhor estruturados para shows e apresentação artística”; “Uma experiência incrível. Oportunidade inigualável participar de um evento tão bonito numa cidade mais bonita ainda, muito organizado tanto na parte de interação com todos, quanto nas comidas e horários, acredito que só de sugestão delimitar algumas regras a mais e deixar elas claras a todos por exemplo horários e questão de barulho e tudo mais”; “Continuem com essa organização. Peço apenas que nas próximas edições os guias possam nos apresentar mais sobre os pontos turísticos da cidade”; “Apenas melhorar a estrutura de banheiros”; “Os alojamentos foi uma coisa que me incomodou, mas nada que não seja impossível de ficar no alojamento que estive”; “Deve ser atrelado ao currículo pedagógico das instituições de ensino do município”.

Outro ponto destacado em algumas respostas foi a duração do festival e a quantidade de grupos. Geralmente, o FEFOSOL ocorre de terça à sexta-feira, uma das dicas era prolongar até o final de semana, para atrair mais público de fora e quem trabalha durante a semana à noite. Além de ter mais dias de apresentação para que mais grupos pudessem participar, incluindo também a preocupação de ter mais patrocínios para que possam bancar mais grupos e mais dias de festival. Essa atenção ficou nítida na resposta: “Que o festival tivesse mais patrocínio para poder levar mais grupos de outros estados que gostariam de poder participar e sabemos que verba é um problema tanto para os festivais quanto para os grupos folclóricos”.

Interessante notar que a infraestrutura do festival é a que mais recebeu sugestão, apesar de ter recebido muitos elogios, as reclamações são pontuais em relação aos alojamentos, banheiros e regras de convivência. A questão de se aumentar a quantidade de dias ou até mesmo realizar as apresentações nos finais de semana a fim de atrair mais público foi um tema recorrente, tendo em vista que, atualmente o FEFOSOL ocorre durante quatro dias e, geralmente, de terça à sexta-feira, enquanto outros festivais conhecidos como Olímpia (SP) e Nova Petrópolis (RS) possuem uma programação mais extensa.

A preocupação com nichos do público, como o de autistas, é um tema que pode ser explorado, assim como outras questões como acessibilidade para portadores de deficiência, idosos, gestantes. Por fim, uma resposta comentou sobre a inclusão do tema de cultura popular, da cultura local e do festival no currículo pedagógico das instituições de ensino do município, afinal é um meio de educar e transmitir esse conhecimento desde cedo à população local.

Sendo assim, apesar da baixa adesão ao formulário online, as respostas foram satisfatórias e contribuíram para conhecer a opinião, sobretudo, de artistas de fora que participaram do festival ao longo dos anos. Essa interatividade será também disponibilizada aos organizadores do FEFOSOL para que tenham ciência das dicas, sugestões e elogios dados à organização do festival.

4.4 Protótipo de site do Memorial Virtual

A construção de um protótipo de site para um espaço digital de memória é apresentada neste subcapítulo, ressaltando que apesar da construção em ambiente virtual, este não foi disponibilizado para acesso, nem publicados conteúdos no mesmo. A seguir descrevo as possibilidades de abas, páginas ou elementos que podem compor o espaço do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol, tendo por base, detalhes e sugestões que foram levantadas durante essa pesquisa. Compreende-se que há os sites tanto do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, quanto do Festival de Folclore de Quinta do Sol, entretanto, a ideia de ter um espaço de memória de ambos num local só, busca valorizar o sentido histórico e patrimonial que possuem para Quinta do Sol. Os sites atuais funcionam como um cartão de visitas, um portfólio para divulgação e contato. O memorial virtual pode ofertar um espaço de conhecimento histórico-cultural construído em conjunto, possibilitando aos públicos – internos, externos, visitantes esporádicos, estudantes – que possam dar sua contribuição com imagens, vídeos, depoimentos sobre o grupo e/ou o festival.

O protótipo foi construído dentro da plataforma Google Sites, por ser uma ferramenta gratuita, que possui um vasto repertório de modelos de páginas para a internet que podem ser manipulados, configurados e executados conforme às necessidades de quem for realizar o seu desenvolvimento. As abas de páginas secundárias foram planejadas a partir da análise das páginas existentes do grupo e do festival, ofertando também canais de interatividade com o público. A seguir apresento cada ambiente da página do protótipo de site do Memorial Virtual do Folclore, bem como suas características e possíveis ferramentas e acessibilidade, além de representar graficamente em imagens como poderão ser cada um destes elementos do site.

A página inicial (Imagem 40) apresenta em destaque central um carrossel de imagens tipo *banner*, que abrigará um *hiperlink* para levar às sessões (abas secundárias) da página, assim com um clique em qualquer imagem poderá ser acessado tal conteúdo, no canto superior esquerdo há um botão chamado “Início” que dá acesso a um menu com as abas secundárias. Nas imagens do carrossel está apresentado um protótipo do logotipo do Memorial Virtual, para sua concepção utilizei as cores da bandeira de Quinta do Sol e do logotipo do FEFOSOL, composto por três elementos com os seguintes significados: câmera azul – representando a memória visual por meio da fotografia e vídeo; sol amarelo – alusivo à cidade de Quinta do Sol, ao FEFOSOL e ao Grupo Parafolclórico Pôr do Sol; linha curva com um *mouse* verde – recordando o meio virtual, o digital e o site Click Paraná que deu origem ao Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, cujo logo era formado por um mapa do estado do Paraná e um mouse.

Imagem 40: Visualização da home do protótipo de site do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

A aba “Capital Paranaense do Folclore” (Imagem 41) tem como objetivo divulgar a cidade de Quinta do Sol, sua história, suas singularidades, pontos turísticos, prato típico, outras festividades, rotas/como chegar; calendário de eventos. É um cartão de visitas sobre o município, apresentando os serviços e atrações disponíveis no local. O conteúdo poderá ser concebido junto à Prefeitura de Quinta do Sol e também entidades e pessoas da comunidade que possuam um acervo sobre a história da cidade. Assim como as demais abas secundárias, será composta por imagem estática, subtítulo e texto, sem carrossel de imagem/*banner* em movimento. Os subtítulos poderão abrigar *hyperlinks* para levar a novos conteúdos ou abranger mais informações sobre o tema.

Imagem 41: Visualização da aba “Capital Paranaense do Folclore” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

A aba “O FEFOSOL” (Imagem 42) tem o intuito de divulgar a história do Festival de Folclore de Quinta do Sol, seus objetivos, sua missão, os obstáculos, as conquistas, quem faz, quem são/foram apoiadores através das edições, locais que serviram de palco, os cartazes. Esses dados podem colaborar para a manutenção da memória pública, recontando como foi cada edição em minúcias, apresentando informações, fotos, vídeos e, quando existir, links das transmissões realizadas em plataformas como o YouTube.

Os organizadores do FEFOSOL, a Prefeitura de Quinta do Sol, apoiadores e patrocinadores e os grupos participantes terão nesse ambiente, um local de compartilhamento de memórias, rememorando as edições e suas participações. Pode servir também na construção de portfólios para esses agentes culturais, ressaltando a importância e relevância histórica e cultural do festival.

Imagem 42: Visualização da aba “O FEFOSOL” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

A aba “As culturas representadas” (Imagem 43) tem como intuito apresentar os grupos que já participaram do festival, destacando suas origens, o que representam, quantidade de participações, um breve histórico de cada grupo, sua representatividade para cidade/estado de origem. Essa aba difere da parte existente na página do FEFOSOL atualmente, onde se encontra apenas informações da última edição em destaque (Imagem 44), não há um histórico com informações das edições anteriores. Aos grupos participantes esse conteúdo se torna interessante, pois pode servir de portfólio de presença em edições distintas do festival.

Imagem 43: Visualização da aba “As Culturas Representadas” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

Imagem 44: Visualização da aba “Grupos Participantes - 2022” na página do Festival de Folclore de Quinta do Sol



Fonte: Site do Festival de Folclore de Quinta do Sol

Na aba “O Grupo Pôr do Sol e suas viagens” (Imagem 45), o objetivo é divulgar a trajetória do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol desde sua origem, o projeto inicial, as primeiras apresentações em Quinta do Sol e região, as viagens para festivais no Brasil e fora do país, um arquivo com os figurinos e explicando quais regiões, culturas e danças eles representam. Ampliando assim, as possibilidades dos materiais já existentes, por exemplo, na página do Grupo a aba “Repertório” (Imagem 46), que poderiam ser expandidos e visualizados no Memorial Virtual com imagens dos figurinos, vídeos das danças, para que o público pudesse conhecer imageticamente as danças que são citadas e, ter outras informações como local de referência da apresentação, histórico, nomenclaturas, tipos de passos, letras das músicas, curiosidades sobre o repertório.

Imagem 45: Visualização da aba “O Grupo Pôr do Sol e suas viagens” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

Imagem 46: Visualização da aba “Repertório” na página do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol



Fonte: Site do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol

A aba “Convivência da Terceira Idade” (Imagem 47) para apresentar os eventos específicos com o público da Terceira Idade, que são uma contrapartida da organização do FEFOSOL para a comunidade quintassolense, destacando a população idosa. Assim, esse espaço será para apresentar a atividade do baile com a terceira idade através da parceria com o Conviver, grupo de convivência de idosos da Secretaria de Assistência Social de Quinta do Sol e a realização das apresentações e almoço no Lar dos Velhinhos São Judas Tadeu, que geralmente, é servido um churrasco realizado pelos membros de grupos participantes do festival.

Imagem 47: Visualização da aba “Convivência da Terceira Idade” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

Na aba “Tarde Escolar” será evidenciado o momento com os colégios da região, horário alternativo de apresentações dos grupos aberto para acolher os alunos do Colégio Estadual São Judas Tadeu que estudam no período vespertino e são, em sua maioria, alunos da zona rural e com esse horário disponibilizado à tarde, acompanhados dos professores, podem assistir às apresentações com mais comodidade e facilidade. Esta página tem a finalidade de demonstrar o impacto e a recepção do público durante a ‘Tarde Escolar’, a quantidade de público atraído para este momento, como alunos e professores da região aproveitam esse momento de contato com as culturas de outras localidades.

Imagem 48: Visualização da aba “Tarde Escolar” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

A fim de criar e manter um canal de comunicação direto com artistas, público, curiosos e estudiosos sobre cultura popular e folclore, a última aba projetada neste protótipo é o “Fale Conosco” (Imagem 49), um espaço convidando para que possam dar sugestões, fazer comentários, tirar dúvidas, encaminhar relatos e imagens. Um canal de diálogo entre os organizadores da página, do festival, da prefeitura e o público, para realizar comentários, sugestões, dúvidas e o envio de fotos, vídeos, depoimentos e outros materiais do público que esteve presente no festival.

Imagem 49: Visualização da aba “Fale Conosco” do protótipo de site do Memorial Virtual



Fonte: Fernando Fonseca de Melo

Diante do que foi estudado e analisado nesta pesquisa, esta formatação, possíveis conteúdos e dinâmica de interatividade são itens básicos para a criação deste protótipo de site do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol, a fim de atender demandas que foram diagnosticadas durante o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história é uma ciência que demonstra como as ações humanas podem reverberar através do tempo e colaborar para a construção de pensamentos, atitudes e interações sociais. Para as comunidades tradicionais, para os agentes da cultura popular e do folclore, a construção de uma História Pública para eles, com eles e por eles é fundamental para fortalecer o ativismo social, o sentimento de pertencimento e memória e, a concretização de um patrimônio cultural para todos os públicos. Esse é o sentimento que fica ao final de todo o trabalho desenvolvido para este projeto, o da busca pela salvaguarda e reconhecimento das histórias e discursos de uma comunidade local que alcança públicos em outros níveis, como nacional e até internacional.

Falar sobre a história de um fenômeno que está tão próximo é uma satisfação e um desafio, assim como manter o distanciamento necessário para não cair nas armadilhas do saudosismo, nem reproduzir discursos que estão enraizados no cotidiano da comunidade sem uma análise crítica para entender o que é oculto a fim de favorecer certas narrativas, como o discurso sobre as “benfeitorias” realizadas pelos pioneiros. Conhecer a história de Quinta do Sol por meio desses discursos foi importante para compreender como os mais velhos foram repassando essas narrativas sobre a construção da cidade.

Reiterando o apotamento do professor Bruno Fagundes (2019, p. 38), os “públicos fazem do passado sua memória histórica e envolvimentos pessoais emocionais são indispensáveis”. Assim, buscar a matéria sobre a nomenclatura das ruas de Quinta do Sol que deram origem à alcunha de “Cidade dos Astros” foi um jeito de encontrar um material que já havia sido veículo nas mídias, mas que para mim era uma história corriqueira, sentado à mesa na hora do almoço. Meu pai, Raimundo Targino de Melo, era o vereador que foi o autor da lei que mudou os nomes das ruas e avenidas da cidade e promoveu essa situação inusitada para moradores e visitantes.

A própria narrativa sobre o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol era um fato que esteve presente durante muitos anos na minha vida, não somente como espectador das apresentações, mas também viajando com o grupo, colaborando nos bastidores do festival e até mesmo, na minha vivência como funcionário público da Prefeitura de Quinta do Sol, onde trabalhei no acompanhamento de diversos convênios firmados entre o ente público e o grupo folclórico.

Pensando na atuação enquanto historiador público, de acordo com a perspectiva de Thomas Cauvin e análise de critérios sobre a ampliação da profissão de história a partir da década de 1960 (2019, p. 9), “a História Pública se baseia em três ênfases particulares: a

comunicação da história a audiências não acadêmicas, a participação pública e a aplicação da metodologia histórica a situações do presente”. Ao mesmo tempo que se tem o advento da internet e o aumento do acesso popular a novos conteúdos de conhecimento, nascem novas questões sobre o historiador e o seu papel na sociedade.

Entretanto, não se pode prender a História Pública dentro de um conjunto estável de técnicas a serem apreendidas e simplesmente repetidamente padronizadas. A História Pública é uma prática reflexiva, uma dinâmica de ponderação com consequências na *práxis*, a partir de um processo contínuo de aprendizado, reconstruindo as práticas de trabalho a partir das experiências concretas do historiador público (SANTHIAGO, 2018). Realmente, este trabalho passou por reconstruções, mudanças de rota, frutos da reflexão da pesquisa, na prática contínua do conhecer, analisar, buscar informações que pudessem colaborar com o seu desenvolvimento. Ter me mudado de Quinta do Sol durante o processo talvez tenha atrapalhado um pouco, em relação ao contato que antes, poderia ser praticamente diário, as fontes estavam bem próximas. Mas, ainda assim, consegui ouvir os públicos, conhecer suas histórias, anseios, obstáculos, perspectivas.

Afinal, foi possível perceber pela própria história de criação do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol que seu crescimento e reconhecimento a nível nacional e internacional são frutos de um trabalho realizado sem pressa, com passos definidos e organizados, buscando sempre uma execução de excelência. Essa mesma excelência que é buscada na organização do FEFOSOL, um festival que é tão querido e bem visto pelos visitantes e, sobretudo, dos participantes de outros grupos que estiveram nos palcos de Quinta do Sol.

Percebemos que essa história começou há cerca de vinte anos, com o estudo e divulgação pelos colégios estaduais de um patrimônio cultural do estado do Paraná, oriundo do litoral, que é o fandango caiçara. Com o tempo foi ganhando corpo, fortalecendo uma estrutura de preservação cultural, artística e histórica que possibilitou uma cidade de pouco mais de 5 mil habitantes a receber grupos de todas as regiões do Brasil e do mundo. A estrutura e identidade cultural dos municípios de Quinta do Sol foi impactada com essa construção cultural. O governo municipal passou a compreender que era preciso investir recursos para manter essas atividades e que, poderia fazer usos do título de “Capital Paranaense do Folclore” e da visibilidade do grupo e do festival para atrair turistas, recursos e novas formas de dar reconhecimento à cidade.

Na entrevista com o professor Lucinei Carneiro, coordenador do grupo e organizador do festival, ele destacou a percepção que ele tem, enquanto gestor cultural, sobre as mudanças

de mentalidade e comportamento do público de Quinta do Sol durante esses anos de história do folclore no município:

Eu acredito que sim. Acredito não, tenho certeza que sim [que a população mudou o pensamento e abraçou a ideia do festival]. Porque nas primeiras edições quando nós começamos. Primeira não, depois que a gente começou a receber grupos de outras regiões do Brasil, você tá em contato com culturas diferentes e isso envolve costumes, envolve inclusive religião, o modo de se vestir, o modo de falar, e tudo vai pro palco com esses grupos. E a gente tinha essa preocupação de como que o público vai receber uma cultura diferente, uma dança que vai remeter a uma questão religiosa, mas o público foi se acostumando. Acho que conseguimos construir essa... ou fazer o que eles chamam de formação de plateia. Acho que funcionou bem, o nosso público é bem receptivo a tudo que é, que vem pro festival (CARNEIRO, 2022).

Sendo assim, apesar de não ter conseguido resultados de engajamento tão profícuos no material propositivo do Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol, acredito que os elementos, materiais e as entrevistas realizadas para esta pesquisa podem constituir um acervo histórico que poderá ser compartilhado com o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol, o Festival de Folclore de Quinta do Sol e a Prefeitura de Quinta do Sol. Assim, atender às expectativas da História Pública sob a ótica de Thomas Cauvin e reiterada por Ricardo Santhiago, de ser uma história feita pelo público, para o público e com o público. Os usos da História Pública Digital ganham força dentro de uma sociedade cada vez mais midiaticizada e oferece recursos que colaboram com sua manutenção e difusão.

Destaco o fato deste trabalho ter possibilitado o diálogo entre História Pública e Folclore, algo que ainda está “engatinhando” no campo da História, conforme percebi ao constatar a dificuldade de encontrar trabalhos que relacionassem os dois temas. Assim, este projeto difere-se daquelas que encontrei nas outras pesquisas, sobretudo, daquelas ancoradas nos meios digitais, conforme pontuei na introdução, pois além de tentar traçar este paralelo da relação entre História Pública e Folclore, procurei abordar possibilidades de atividades, ou como eles podem se convergir colaborando para o desenvolvimento de estudos dos dois campos. Isso pode ser percebido com o próprio produto do site aqui apresentando. O protótipo do site do Memorial Virtual do Folclore é uma resposta propositiva de uma ação de promoção do conhecimento histórico-cultural, que pode ser realizada entre os diversos públicos do festival, um elemento prático e concreto ainda pouco explorado nas pesquisas já feitas sobre os temas. Esse diferencial e o contato com o ente privado (Grupo Pôr do Sol) e o ente público (Prefeitura de Quinta do Sol) podem, futuramente, resultar em parcerias e ações que possam colocar em prática esta ideia de criar um espaço virtual de memória acerca da Capital Paranaense do Folclore.

Com isso, concluo que as histórias acerca do Grupo Parafolcórico Pôr do Sol e do Festival de Folclore de Quinta do Sol são elementos que estão em transformação e contínua evolução nestas décadas iniciais do século XXI, modificando a realidade histórica, cultural e social de Quinta do Sol. E, se as perspectivas de trabalho dos organizadores e daqueles fazem esses processos de preservação cultural no município se concretizarem, deverão continuar dando frutos por um longo tempo e podem ser fatores de modificações na realidade histórica, social, cultural e econômica para toda a cidade.

FONTES

Fontes orais

AMARAL, Marcos Tiago da Silva. **Marcos Tiago da Silva Amaral**: depoimento [03 ago 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 05min03s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

ANANIAS, Kellen Sales da Silva. **Kellen Sales da Silva Ananias**: depoimento [26 jun 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 12min43s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

AZEVEDO, Nazaré. **Nazaré Azevedo**: depoimento [05 ago 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 12min05s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

CARNEIRO, Lucinei. **Lucinei Carneiro**: depoimento [25 jul 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 31min29s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

MENDONÇA, Leonel Benatti. **Leonel Benatti Mendonça**: depoimento [12 jul 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 5min51s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

NEVES, Paulla Braz. **Paulla Braz Neves**: depoimento [14 jul 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 29min45s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

RODRIGUES, Thiago Shimada. **Thiago Shimada Rodrigues**: depoimento [01 nov 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 05min28s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

SANTINO, Ana Paula Marques; STURION, Pablo Henrique França. **Ana Paula Marques Santino & Pablo Henrique França Sturion**: depoimento [26 jun 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 27min37s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

SANTOS, Dionathan Nayte. **Dionathan Nayte dos Santos**: depoimento [26 jun 2022]. Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia

digital com 9min54s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

SANTOS, Francisco Luís Teixeira. **Francisco Luís Teixeira dos Santos: depoimento** [23 dez 2022] Entrevistador: Fernando F. de Melo. Quinta do Sol, PR: Unespar, 2022. Gravação em mídia digital com 8min29s de duração. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado do PPGHP da Unespar, Campus de Campo Mourão.

Fontes virtuais de redes sociais, blogs e jornais

AGROLINK. **Estatísticas: Quinta do Sol – PR.** Disponível em: <<https://www.agrolink.com.br/regional/pr/quinta-do-sol/estatistica>> Acesso em: 14 set 2022.

ENFOQUE REGIONAL. **5º FEFOSOL termina com público recorde e com festa da cultura.** Disponível em: <<http://jornal enfoque.blogspot.com/2010/08/5-FEFOSOL-termina-com-publico-recorde-e.html>> Acesso em: 25 fev 2023.

GARBIM JÚNIOR, Adalmir. Grupo Pôr do Sol faz turnê com espetáculo “Fandangando pelo Paraná”. **Jornal Enfoque Regional**, edição semanal, 09 a 22 de novembro de 2017, p. A-6.

GRUPO PÔR DO SOL. **Grupo Parafolclórico Pôr do Sol: O Grupo; Eventos; Repertório.** Disponível em: <<http://www.gppordosol.org.br/>> Acesso em: 14 ago 2022.

PARANAGUÁ. **Festa Nacional do Fandango Caiçara.** Disponível em: <<https://minha.paranagua.pr.gov.br/evento/festa-nacional-do-fandango-caicara/8214>> Acesso em: 17 set 2022.

PEREIRA, Walter. Cidade da região vira a Capital Estadual do Folclore. **Jornal Tribuna do Interior.** Disponível em: <<https://www.tribunadointerior.com.br/noticia/cidade-da-regiao-vira-a-capital-estadual-do-folclore>> Acesso em: 16 set 2022. Campo Mourão, PR: 28 set 2018.

QUINTA DO SOL, Prefeitura Municipal de. **Quinta do Sol encanta região com a cultura brasileira no VIII FEFOSOL.** Publicado em: 02 ago 2013. Disponível em: <<http://www.quintadosol.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1206655>> Acesso em: 25 fev 2023.

_____. **FEFOSOL comemora 10 anos em grande estilo.** Publicado em: 07 ago 2015. Disponível em: <[quintadosol.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1311358](http://www.quintadosol.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1311358)> Acesso em: 25 fev 2023.

_____. **XI FEFOSOL celebrou a cultura popular com grande público.** Publicado em: 05 ago 2016. Disponível em: <<http://www.quintadosol.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1329698>> Acesso em: 26 fev 2023.

_____. **Após sucesso do FEFOSOL, Grupo Pôr do Sol embarca para turnê na Europa.** Publicado em: 10 ago 2018. Disponível em:

<<http://www.quintadosol.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1382816>>
Acesso em: 26 fev 2023.

_____. **FEFOSOL 2019 confirma grupo do Chile e grupos inéditos do Rio Grande do Sul e Pará.** Publicado em: 26 jul 2019. Disponível em: <<http://www.quintadosol.pr.gov.br//index.php?sessao=b054603368vfb0&id=1395465>>
Acesso em: 26 fev 2023.

RPC. **Conheça a curiosa Quinta do Sol:** Estúdio C fez um passeio pela cidade dos astros. Estúdio C, 03 de março de 2018, duração 2min58seg. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/RPC/Estudio-C/videos/t/edicoes/v/conheca-a-curiosa-quinta-do-sol/6549082/>> Acesso em: 18 set 2022.

_____. **Festival Folclórico é realizado em Quinta do Sol.** Meio-Dia Paraná, 03 de agosto de 2012, duração 2min52s. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2072276/>>
Acesso em: 18 set 2022.

_____. **Evento coloca Quinta do Sol na rota dos festivais nacionais de folclore.** Meio-Dia Paraná, 04 de agosto de 2014, duração 2min16s. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3550832/>> Acesso em: 18 set 2022.

UNESCO. **Mata Atlântica Reservas do Sudeste.** Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/893>> Acesso em: 18 set 2022.

WIKIPEDIA. **Quinta do Sol.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinta_do_Sol>
Acesso em: 12 out 2022.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, C.B. (org.), **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto; 2010. p.155-202.

_____. **Manual de História Oral**. Editora FGV, 2018.

ALEP. Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. **Projeto de Lei nº 387/2017**. Deputada Maria Victoria. Ementa: Concessão de Título de Capital Paranaense do Folclore ao Município de Quinta do Sol. Disponível em: <http://portal.assembleia.pr.leg.br/modules/mod_legislativo_arquivo/mod_legislativo_arquivo.php?leiCod=71856&tipo=I> Acesso em: 12 set 2022.

ANDERSON, Steve F. **Technologies of history: visual media and the eccentricity of the past**. Hanover: Dartmouth College Press, 2011. p.01

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. Coleção Primeiros Passos, v. 36, 14º reimp. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ASHTON, Paul; KEAN, Hilda. Introduction. People and their Pasts and Public History Today [Introdução. Pessoas e seus passados e História Pública hoje]. In: _____ (Edits). **People and their Pasts and Public History Today**. Ney Work: Palgrave McMillan, 2009. p. 1-20.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BELINI, Luiz Antônio. **História da Paróquia São Judas Tadeu de Quinta do Sol**. Londrina, PR: Midiograf, 2010.

BRANDÃO, Antônio Helonis Borges. A História Pública e a construção do “Popular” no acervo de cordéis da Fundação Casa de Rui Barbosa (1961-2012). **Revista Observatório**, Palmas, TO: UFT, v. 3, n. 2, p. 197-218, abr/jun 2017.

BRASIL. **Decreto Federal Não Numerado**: Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural denominado "Fazenda Marajó", situado nos Municípios de Quinta do Sol e Peabiru, Estado do Paraná, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/anterior%20a%202000/1999/dnn8621.htm> Acesso em: 16 set 2022.

_____. **Decreto Federal Não Numerado**: Declara de interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural conhecido como "Fazenda Roncador", situado no Município de Quinta do Sol, Estado do Paraná, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/anterior%20a%202000/1999/Dnn8684.htm> Acesso em: 16 set 2022.

_____. **Decreto N° 3551, de 04 de agosto de 2000.** Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Legislação sobre Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 17 set 2022. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000.

BUENO, Luiz Carlos. A hortelã e a importância do seu ciclo econômico no Paraná (décadas de 60 a 70). **In: O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense:** Produção Didático-Pedagógica. Vol. II. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação/Universidade Federal do Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_ufpr_hist_pdp_luiz_carlos_bueno.pdf> Acesso em: 25 ago 2022.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense – 1990/1970.** Curitiba: Grafipar, 1981.

CARNEIRO, Josué. Geografia e Memória: Um resgate da história do Colégio Estadual São Judas Tadeu E.F.M de Quinta do Sol – PR. **In: Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE:** Produções Didático-Pedagógicas. Vol. II. Campo Mourão, PR: Unespar Campo Mourão, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-campomourao_geo_pdp_josue_carneiro.pdf> Acesso em: 25 ago 2022.

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO - 1995. In: Congresso Brasileiro de Folclore, 8, 1995, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: UNESCO, 1999. p.197-204.

CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. Traduzido por: Enrique Nuesch. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 11, n. 23, p. 8-28, maio/ago 2019.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** São Paulo: Papirus, 1995, p.55-86. p.59.

_____. Caminhadas pela Cidade. Cap. VII In: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano** – Artes de Fazer. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998, p. 169-192.

CMNP. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná.** 3 ed. 2013. Disponível em: <<http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf>> Acesso em: 16 jul 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CORRÊA, Joana Ramalho Ortigão. **Vamos fazer um fandango. Arranjos familiares e sentidos de pertencimento em um dinâmico mundo social.** Dissertação defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 27 de junho de 2013.

DIEGUES, Antonio Carlos.; COELHO, Daniele Maia Teixeira. O Fandango Caiçara como forma de expressão do Patrimônio Cultural do Brasil. **Rev Iluminuras**, Porto Alegre, v. 14. n. 34, p. 85-103, ago/dez 2013.

DIEGUES, Antonio Carlos. (organizador). **Enciclopédia Caiçara**, vol. I, O Olhar do Pesquisador. São Paulo: Editora HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2004.

_____. (organizador). **Enciclopédia Caiçara**, vol. IV, História e Memória Caiçara. São Paulo: Editora HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2005.

_____. (organizador). **Enciclopédia Caiçara**, vol. V, Festas, Lendas e Mitos Caiçaras. São Paulo: Editora HUCITEC-NUPAUB-CEC/USP, 2006.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. História Pública Brasileira e Internacional: seu desenvolvimento no tempo, possíveis consensos e dissensos. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 11, n. 23, p. 29-47, maio/ago. 2019.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.

GLASSBERG, David. Public History and The study of Memory. **The Public Historian**, v.18, n.2, spring 1996, p.7-23.

_____. A sense of History. **The Public Historian**, v. 19, n. 2, p. 69-72, Spring 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

IBGE. **Cidades: Quinta do Sol**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/quinta-do-sol/panorama>> Acesso em: 05 set 2022.

_____. **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd_1991_v6_n20_pr.pdf> Acesso em: 16 set 2022.

IPARDES. **Caderno Estatístico – Município de Quinta do Sol**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_municipios/quintadosol.pdf> Acesso em: 16 set 2022.

IPHAN. **Parecer nº 17/2012/CR/CGIR/DPI/IPHAN**, de 29 de maio de 2012. Parecer do Departamento de Patrimônio Imaterial: Registro do Fandango Caiçara. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_DPI_fandango_caicara\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_DPI_fandango_caicara(1).pdf)> Acesso em: 17 set 2022. Brasília: IPHAN, 2012.

_____. **Fandango Caiçara**. Patrimônio Cultural, Patrimônio Imaterial, Bens Registrados. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/83>> Acesso em: 17 set 2022.

_____. **Texto Descritivo Completo – Fandango Caiçara: Expressões de um Sistema Cultural**, elaborado pela Associação Cultural Caburé, dezembro de 2011. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA%20Fandango%20Caicara.pdf>> Acesso em: 18 set 2022.

KELLEY, Robert. História Pública, suas origens, natureza e perspectivas. **The Public Historian**, v.1, n.1, 1978, p.16-28 DOI102307/3377666.

LEITE, Edson. **Turismo Cultural e Patrimônio Imaterial no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, 2011.

LEITE JUNIOR, Hor-Meyll Teixeira; ESCOBEDO, Marcel Luiz. **Moyses Lupion: Civilizador do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

LEMOS, Amália Inês. **Turismo, Impactos Socioambientais**. São Paulo: 3 ed. Hucitec, 2001.

LIMA, Rossini Tavares. **Abecê do Folclore**. São Paulo: Ricordi, 1972.

LOPES, Rubem; LOPES, Marlene dos Santos. **Quinta do Sol: Marcas de um sonho**. Campo Mourão, PR: Kromoset, 2014.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. 2011. **História Oral: como fazer, como pensar**. Editora Contexto: São Paulo. 2 ed. 175 p.

MELLO, Janaína Cardoso. Museus e ciberespaço: novas linguagens da comunicação na era digital. In: **Cultura histórica e Patrimônio**. Alfenas, MG: Unifal, volume 1, número 2, p. 6-29, 2013.

MELLO, Janaína Cardoso de; ALEXANDRE, Lilian Maria de Mesquita. Marcas e propriedade intelectual das Catadoras de Mangaba (SE): turismo de base comunitária, economia criativa e INPI. **PIDCC**, Aracaju, Ano VI, Volume 11 nº 03, p.043 a 067 Out/2017.

MELLO, Janaína Cardoso de; SILVA, Estefanni Patrícia Santos; FAXINA, Fabiana. A cultura no palco da economia: história, conceitos e aplicações no setor turístico da Ilha Mem de Sá (SE). In: **Turismo – Visão e Ação**. Itajaí, SC: UNIVALI, volume 20, número 2, maio-agosto/2018, p. 278-295.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 48 p.48

MORO, Dalton Aureo. A Modernização da Agricultura Paranaense. In: VILLALOBOS, Jorge Guerra (Org.). **Geografia social e agricultura no Paraná**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá; Programa de Pós-graduação em Geografia, 2001. p. 27-60.

MOTA, Lucio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: Eduem, 1994.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, 2015, p. 28-51.

_____. Internationalizing Public History. Die Internationalisierung der Public History | **L'internationalisation de l'Histoire Publique**. [A internacionalização da História Pública] october 09, 2014 IN: <https://public-history-weekly.degruyter.com/2-2014-34/internationalizing-public-history/>.

OLIVEIRA, João Maria de; ARAÚJO, Bruno Cesar de; SILVA, Leandro Valério. **Panorama da Economia Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec, 1981.

PARANÁ. **Lei Estadual nº 19.662**, de 20 de setembro de 2018. Disponível em: <http://portal.alep.pr.gov.br/modules/mod_legislativo_arquivo/mod_legislativo_arquivo.php?leiCod=51590&tipo=L&tplei=0> Acesso em: 14 ago. 2022.

_____. **Decreto Estadual nº 736**, de 15 de maio de 1995. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibir&codAto=29095&indice=3&totalRegistros=137&anoSpan=2003&anoSelecionado=1995&mesSelecionado=5&isPaginado=true>> Acesso em: 23 jan 2023.

_____. **Decreto Estadual nº 5.586**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/exibirAto.do?action=localizarAto&codTipoAto=11&nroAto=5586&dataAto=24/04/2002&dataPublicacao=25/04/2002&tipoVisualizacao=original>> Acesso em: 23 jan 2023.

PEREIRA, Jacqueline da Silva Nunes. **Cultura popular brasileira: dança folclórica, o processo de ensino-aprendizagem por meio da tecnologia multimídia**. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009.

PIAU, Kennedy; MURIEL, Bruna. **No caminho dos encantantes: contaminações estéticas com a arte popular**. Londrina, PR: Eduel, 2012.

PIMENTEL, Alexandre; PEREIRA Edmundo; CORRÊA, Joana. **Museu Vivo do Fandango: aproximações entre cultura, patrimônio e território**. 35º Encontro Anual da ANPOCS, GT19 - Memória social, museus e patrimônios, 2011.

PINTO, Inami Custódio; BONAMIGO, Zélia Maria; QUEIROZ E SILVA, Jorge Antonio. **Folclore no Paraná**. Curitiba: SEED, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POTTS, Jason; CUNNINGHAM, Stuart. Four models of the creative industries. **International Journal of Cultural Policy**, v. 14, n. 3, p. 233-247, ago. 2008.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ROSENZWEIG, Roy: Afterthoughts. Everyone a Historian. In: **The Presence of the past. Popular Uses of History in American Society**. 1998. In: <http://chnm.gmu.edu/survey/afterroy.html>.

ROUSSO, Henry. L'histoire appliquée ou les historiens thaumaturges. [A história aplicada ou os historiadores taumaturgos] **Vingtième Siècle**, revue d'histoire, n.1, janvier 1984. Histoires de l'avenir. 1984 au rendez-vous d'Orwell. P.105-122. Doi: 13.3406/xxs.1984.1771.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

_____. Servir bem para servir sempre? Técnica, mercado e o ensino de História Pública. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 135-157, 2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Ane Luise Silva Mecnas; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Suyan Dionizio Alves Teles. Uma experiência de História Pública: folclore e cidadania no ensino de história. **Caderno De Graduação: Ciências Humanas e Sociais UNIT**. Aracaju: março 2015, v. 2, n. 3, p. 51–63. Disponível em:

<<https://periodicos.grupotiradentes.com/cadernohumanas/article/view/1740>> Acesso em: 28 jun 2023.

SBORQUIA, Silvia Pavesi; NEIRA, Marcos Garcia. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Revista Motrivivência**, ano XX, n. 31, p. 79-98, 2008.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, em **Performance studies: an introduction**, second edition. Tradução: ALMEIDA, R. L. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SERRA, Neuza; FERNANDEZ, Rafael Saad. Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 11, n.4, p.355-372, out./dez. 2014.

SILVEIRA, Diego Omar da; NAKANOME, Ericky da Silva. O Boi-Bumbá de Parintins como Arte e História Pública: do Folgado de Terreiro ao Espetáculo de Arena e além. **Arteriais-Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**. Belém: UFPA, n. 12, p. 134-146, 2022.

SOUZA, Marco Aurelio da Cruz. Processos de criação x identidade cultural: grupos de danças brasileiros que em cena brincam com as danças folclóricas. **Revista “O Teatro Transcende” do Departamento de Artes – CCE da FURB**, Blumenau, v. 16, n. 01, p. 60-77, 2011.

TAYLOR, Diana. Traduzindo performances [prefácio]. **In:** DAWSEY, John C.; MÜLLER, Regina P.; MONTEIRO, Marianna F. M.; HIKIJI, Rose Satiko G. (orgs.). **Antropologia e performance: ensaios na pedra**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p. 9-16.

TRINTIN, Jaime Graciano. **A nova economia Paranaense 1970-2000**. Maringá: Eduem, 2006.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 10 ed. 1 reimp. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, 2016.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

O projeto de pesquisa referente a este trabalho previa a realização de até quinze entrevistas com diversos públicos que se relacionam, direta ou indiretamente, com o Festival de Folclore de Quinta do Sol e o Grupo Parafolclórico Pôr do Sol. Foram realizadas onze entrevistas e aqui, traço um perfil dos entrevistados:

- Lucinei Carneiro: 58 anos, professor da Rede Estadual de Ensino e diretor e coordenador do Grupo Pôr do Sol e coordenador do Festival de Folclore de Quinta do Sol;

- Dionathan Nayte dos Santos: 33 anos, professor de educação física, artes cênicas e pedagogo. Dançarino e coreógrafo do Grupo Pôr do Sol e diretor artístico do FEFOSOL;

- Kellen Sales da Silva Ananias: 30 anos, professora de Arte, Programação, Projeto de Vida. Foi dançarina do grupo por 12 anos;

- Paulla Braz Neves: 30 anos e hoje é empreendedora, sócia numa gráfica e fotocopiadora em Cianorte, que também é uma biblioteca voluntária e ponto de cultura, além de se apresentar em bares e festas com uma banda musical e um grupo de teatro. Tem formação em História e Licenciatura em Música, Especialização em Filosofia, Sociologia, Ensino Religioso e Educação Musical. Atuou como professora em Quinta do Sol, Engenheiro Beltrão, Campo Mourão e Cianorte, nesta última também foi Diretora da Divisão de Cultura da Prefeitura Municipal. Foi cantora, musicista e diretora musical do grupo durante 12 anos;

- Pablo Henrique França Sturion: 29 anos, dançarino há sete anos, funcionário público e empreendedor. Conheceu o grupo através de sua irmã mais velha, Pâmela, que foi dançarina da primeira geração do grupo em sua fundação;

- Ana Paula Marques Santino: nas palavras dela, tem muitos anos de vida, foi dançarina por toda a vida, conheceu Quinta do Sol em 2017, quando veio com o Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra, da cidade de Campina Grande (PB). Em 2018 se tornou moradora de Quinta do Sol para viver um grande amor de festival com Pablo Henrique, casaram-se recentemente. É sócia com Pablo de uma empresa de brindes e estamperia, também é funcionária pública;

- Leonel Benatti Mendonça: 58 anos, funcionário público desde 2013, atuou como Secretário de Administração e foi fiscal de convênios da Prefeitura de Quinta do Sol, sendo

responsável pelo convênio da Prefeitura que repassa recursos para o Grupo Pôr do Sol e o FEFOSOL;

- Nazaré Azevedo: 48 anos, formada em Dança, atua como coreógrafa e diretora do Grupo Parafolclórico Frutos do Pará, de Belém (PA), que é um dos grupos de fora do Paraná que mais participou do FEFOSOL;

- Marcos Tiago da Silva Amaral: 36 anos, cantor e violeiro que já participou do FEFOSOL em diversas oportunidades desde 2013, com vários grupos do Rio Grande do Sul;

- Thiago Shimada Rodrigues: 41 anos, vendedor, trabalha na lanchonete que recebe corriqueiramente integrantes dos grupos que participam do FEFOSOL, onde chegam a se apresentar ao final das apresentações no palco do festival;

- Francisco Luís Teixeira dos Santos: 37 anos, produtor cultural, Associação Cultural Maria Bonita, dançarino, está no grupo há 22 anos, desde a fundação e participou do FEFOSOL nos anos de 2013, 2015 e 2016.

ANEXOS

ANEXO 1

Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PARANÁ - UNESPAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Capital Paranaense do Folclore: Memórias e Cultura Popular no cotidiano da cidade de Quinta do Sol/PR no século XXI

Pesquisador: JORGE PAGLIARINI JUNIOR

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 56000222.7.0000.9247

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.410.364

Apresentação do Projeto:

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO Nº 10886607, de 09/02/2022): Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado "Capital Paranaense do Folclore: Memórias e Cultura Popular no cotidiano da cidade de Quinta do Sol/PR no século XXI" sob orientação do Prof. Dr. Jorge Pagliarini Junior. apresenta como HIPÓTESE a História Pública pode contribuir com uma política de memórias e produção de conhecimento histórico a partir do estudo das diferentes audiências do festival de parafolclórico de Quinta do Sol-PR. A base metodológica do projeto divide-se entre a história oral e o estudo de material jornalístico. A pesquisa de campo a partir da história oral com entrevista com membros atuais e antigos do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e de moradores de Quinta do Sol-PR, com a intenção de conhecer e analisar as percepções e o impacto do Festival de Folclore e do grupo no cotidiano das pessoas da cidade. Não apresenta critério de exclusão e inclusão.

Objetivo da Pesquisa:

Os pesquisadores apresentam que o objetivo geral deste projeto é, a partir da preocupação com as audiências e a História Pública, compreender historicamente o impacto do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol e quais fatores levaram a cidade do interior a

Endereço: Av. Gabriel Espendão s/n sala 20
Bairro: Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000
UF: PR **Município:** PARANAVAI
Telefone: (44)99973-4064 **Fax:** (44)3424-0100 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PARANÁ - UNESPAR



Continuação do Parecer: 5.410.364

receber o título de “Capital Paranaense do Folclore”. Objetivos Específicos: - Analisar as audiências entre: o grupo, usos dos órgãos públicos municipais e o significado do festival e do grupo para os moradores da cidade; - Apresentar um material propositivo focado na possível construção de um museu virtual do festival o qual poderá ser disponibilizado para os sites do Festival e da Prefeitura Municipal de Quinta do Sol, contribuindo para o estudo e divulgação histórica da Capital Paranaense do Folclore; - Compreender o papel do Festival de Folclore de Quinta do Sol na construção de uma nova realidade cultural da cidade no século XXI e os impactos deste evento no cotidiano do município e para a história local/regional; - Estabelecer relações entre o título de “Capital Paranaense do Folclore” e a manutenção do patrimônio cultural imaterial do Paraná sob o viés da História Pública, acerca das percepções dos munícipes

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores apresentam como riscos: “poderão ocorrer os riscos/desconfortos a seguir: possíveis memórias de traumas e sentimentos delicados de sua vivência ao abordar determinados aspectos de sua vida; exposição de sua opinião pública perante moradores do município e região. Para contornar possíveis danos, trataremos de sua entrevista com total respeito e cuidado, mantendo um grau de comunicação amigável para que, na medida que assuntos delicados surjam, o entrevistado possa manifestar seu desconforto e até mesmo interromper a entrevista. Além disso, os principais materiais derivados da entrevista serão previamente apresentados aos entrevistados para que possam verificar a forma como o conteúdo do seu testemunho e sua imagem estarão sendo tratados e se algo estiver em desacordo com o entrevistado estaremos abertos para modificações e negociações para assegurar que ambos (entrevistado e pesquisador) sejam contemplados. Lembramos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Benefícios: Como benefícios esperamos que a sua entrevista, somada ao conjunto de entrevistas dos demais entrevistados, possibilitem o estudo dos fenômenos do Festival de Folclore de Quinta do Sol pode contribuir para o bem-estar e convívio com a comunidade local, bem como com o aperfeiçoamento do festival. É preciso observar, todavia, que enquanto pesquisadores, não nos cabe a resolução dos problemas que afligem o seu universo de vida e de trabalho, mas podemos contribuir para que as questões por você apontadas possam ser sistematizadas e que se tornem fonte para a comunidade acadêmica e externa,

Endereço: Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20
Bairro: Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000
UF: PR **Município:** PARANAVAI
Telefone: (44)99973-4064 **Fax:** (44)3424-0100 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PARANÁ - UNESPAR



Continuação do Parecer: 5.410.364

vindo potencialmente a contribuir para o conhecimento dos problemas que envolvem não somente a você, mas também àqueles que partilham deste universo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide Campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide Campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Recomenda-se socializar os resultados da pesquisa junto aos participantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de parecer de pendência emitido pelo CEP dia 08 de abril de 2022 sob n. 5.339.509. Os pesquisadores anexaram carta resposta à pendência em relação a:

1) Rever cronograma de pesquisa, pois o início da pesquisa não pode acontecer antes da aprovação do projeto de pesquisa junto ao CEP, conforme Resolução N.510/2016 Capítulo VI Art. 28 I. Os pesquisadores devem atentar para a data da reunião a ser analisado o parecer ético do CEP.

Resposta: O item foi corrigido com data de início no mês de junho de 2022.

Relatora: Pendência atendida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS nº 466/12, item XI.2.d e Resolução CNS nº 510/16, art. 28, item V.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1886607.pdf	13/04/2022 17:30:55		Aceito
Outros	TCUDtermodecompromissodeutilizacao dedados.pdf	13/04/2022 17:28:50	JORGE PAGLIARINI JUNIOR	Aceito
Outros	cartarespostaCEPUnespar.pdf	13/04/2022 17:02:52	JORGE PAGLIARINI JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado	brochuracompletofernando.pdf	13/04/2022	JORGE PAGLIARINI	Aceito

Endereço: Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20

Bairro: Jardim Morumbi

CEP: 87.703-000

UF: PR

Município: PARANAVAI

Telefone: (44)99973-4064

Fax: (44)3424-0100

E-mail: cep@unespar.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PARANÁ - UNESPAR



Continuação do Parecer: 5.410.364

/ Brochura Investigador	brochuracompletofernando.pdf	16:54:04	JUNIOR	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	13/04/2022 16:52:19	JORGE PAGLIARINI JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivreeesclarecido.pdf	25/02/2022 11:52:16	JORGE PAGLIARINI JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	19/01/2022 12:39:44	JORGE PAGLIARINI JUNIOR	Aceito
Outros	imagemesom.pdf	19/01/2022 02:04:53	JORGE PAGLIARINI JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PARANAVAI, 16 de Maio de 2022

Assinado por:
Dandara Novakowski Spigolon
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Gabriel Esperidião s/n sala 20
Bairro: Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000
UF: PR **Município:** PARANAVAI
Telefone: (44)99973-4064 **Fax:** (44)3424-0100 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

ANEXO 2

Instrumento e Medida a ser aplicado aos coordenadores/fundadores do Grupo

Parafolclórico Pôr do Sol

(Feita por meio de entrevistas)

1. Qual a motivação para a realização do projeto Vale Saber? Por que o trabalho com folclore? Por que o fandango caíçara?
2. Qual a sua relação anterior ao desenvolvimento do projeto com cultura popular e folclore?
3. Em quais aspectos a fundação e organização do grupo e do festival teve impacto na sua vida?
4. Como você vê o impacto do grupo e do festival na cidade de Quinta do Sol? Quais os êxitos, dificuldades e metas?

ANEXO 3
Instrumento e Medida a ser aplicado aos integrantes do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol
(Feita por meio de entrevistas)

1. Em qual ano e por quê decidiu fazer parte do grupo?
2. Qual seu contato anterior e como conheceu o trabalho do grupo?
3. Em quais aspectos a participação no grupo teve impacto na sua vida?
4. O que o folclore representa na sua vida antes e depois da participação no grupo?

ANEXO 4
Instrumento e Medida a ser aplicado a membros da comunidade de Quinta do Sol

(Feita por meio de entrevistas)

4. Você conhece o grupo Pôr do Sol e o FEFOSOL? Já assistiu alguma apresentação?

2. Qual impacto da existência do grupo e do festival para você? É uma memória afetiva ou afastada?

3. Você percebe alguma mudança na cidade após a criação do grupo e do festival?

4. Quais aspectos (positivos ou negativos) do grupo e do festival para você e para a Quinta do Sol?

ANEXO 5
Instrumento e Medida a ser aplicado aos membros de outros grupos que participaram
do Festival de Folclore de Quinta do Sol

(Feita por meio de entrevistas)

1. Em qual(is) ano(s) participou do FEFOSOL?

2. Já conhecia o FEFOSOL antes de participar do mesmo? Se sim, como conheceu?

3. Em quais aspectos a participação no FEFOSOL foi importante para sua visão sobre a resistência e difusão da cultura popular?

4. Quais suas percepções sobre a recepção do público e da cidade em si, em relação aos grupos de fora durante o FEFOSOL?

ANEXO 6

Questionário - Projeto

Este formulário faz parte de uma pesquisa referente ao projeto de mestrado do acadêmico Fernando Fonseca de Melo, do Programa de Pós-Graduação em História Pública da UNESPAR - Campus de Campo Mourão, que tem como orientador o Professor Dr. Jorge Pagliarini Junior.

A pesquisa tem como título "Capital Paranaense do Folclore: Memórias e Cultura Popular no cotidiano da cidade de Quinta do Sol/PR no século XXI".

Disponibilizado pelo link:

https://docs.google.com/forms/d/1W11LHntbDhmWs_huHbDiDFU0sZF8JkWi28xpLWeD1Ug/

É a primeira vez que assiste ao FEFOSOL, tanto presencialmente, quanto virtualmente?

*

Sim
Não

De onde você é?

*

Quinta do Sol
Região de Qui
Outro lugar dc
Outro Estado

Qual sua opinião sobre o FEFOSOL?

*

Texto de resposta longa

Dicas, sugestões, reclamações, elogios ao FEFOSOL:

*

Texto de resposta longa

ANEXO 7

OFÍCIO AO PREFEITO

À Prefeitura Municipal de Quinta do Sol
A/C Sr. Prefeito Leonardo Lazzaretti Romero

Prezado Senhor,

Eu, Fernando Fonseca de Melo, jornalista e historiador, mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, orientado pelo Professor Doutor Jorge Pagliarini Junior, tenho desenvolvido uma pesquisa referente à cidade de Quinta do Sol, especificamente sobre a história do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e do Festival de Folclore de Quinta do Sol (FEFOSOL). O título da minha dissertação em andamento é “CAPITAL PARANAENSE DO FOLCLORE: MEMÓRIAS E CULTURA POPULAR NO COTIDIANO DA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR NO SÉCULO XXI”. Para a execução da pesquisa foram realizadas entrevistas com membros do Grupo Pôr do Sol, munícipes, representantes de grupos participantes do FEFOSOL oriundos de outros estados.

Como material propositivo do trabalho, está em desenvolvimento um acervo digital na rede social Instagram e, que também será migrada ao Facebook, com a página chamada ‘Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol’. Entre os materiais disponibilizados estão fotos, recortes de matérias jornalísticas, que contam fatos do grupo e do festival.

Além disso, um recorte deste trabalho intitulado “A FUNÇÃO DA HISTÓRIA ORAL NAS MEMÓRIAS SOBRE FOLCLORE E CULTURA POPULAR NA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR” foi aprovado para ser apresentado no “I Congreso Internacional de Historia Pública y Divulgación: problemas, actores y escenarios de la historia divulgada”, a ser realizado entre 22 e 24 de maio de 2023, na Universidad Nacional de Quilmes, na província de Buenos Aires (Argentina).

Desse modo, venho por meio deste, comunicar que o material propositivo, acervo de fotos, vídeos, entrevistas e, também escrito (dissertação e artigo) que foram coletados para a execução da pesquisa, poderão ser disponibilizados para que a Prefeitura de Quinta do Sol faça uso para divulgação, pesquisa, construção de material técnico-educacional. Bem como, estarei à disposição para qualquer contato para parcerias de atividades acadêmicas (palestras, *workshops*), tendo em vista que a função do historiador público é também colaborar com a divulgação histórica em parceria com os públicos.

Desde já fico à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Cordialmente,

Fernando Fonseca de Melo
Mestrando do PPGHP-Unespar

ANEXO 8

OFÍCIO AO GRUPO PÔR DO SOL

Ao Grupo Parafolclórico Pôr do Sol

A/C Sr. Lucinei Carneiro

Prezado Senhor,

Eu, Fernando Fonseca de Melo, jornalista e historiador, mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão, orientado pelo Professor Doutor Jorge Pagliarini Junior, tenho desenvolvido uma pesquisa referente à cidade de Quinta do Sol, especificamente sobre a história do Grupo Parafolclórico Pôr do Sol e do Festival de Folclore de Quinta do Sol (FEFOSOL). O título da minha dissertação em andamento é “CAPITAL PARANAENSE DO FOLCLORE: MEMÓRIAS E CULTURA POPULAR NO COTIDIANO DA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR NO SÉCULO XXI”. Para a execução da pesquisa foram realizadas entrevistas com membros do Grupo Pôr do Sol, munícipes, representantes de grupos participantes do FEFOSOL oriundos de outros estados.

Como material propositivo do trabalho, está em desenvolvimento um acervo digital na rede social Instagram e, que também será migrada ao Facebook, com a página chamada ‘Memorial Virtual do Folclore de Quinta do Sol’. Entre os materiais disponibilizados estão fotos, recortes de matérias jornalísticas, que contam fatos do grupo e do festival.

Além disso, um recorte deste trabalho intitulado “A FUNÇÃO DA HISTÓRIA ORAL NAS MEMÓRIAS SOBRE FOLCLORE E CULTURA POPULAR NA CIDADE DE QUINTA DO SOL/PR” foi aprovado para ser apresentado no “I Congreso Internacional de Historia Pública y Divulgación: problemas, actores y escenarios de la historia divulgada”, a ser realizado entre 22 e 24 de maio de 2023, na Universidad Nacional de Quilmes, na província de Buenos Aires (Argentina).

Desse modo, venho por meio deste, comunicar que o material propositivo, acervo de fotos, vídeos, entrevistas e, também escrito (dissertação e artigo) que foram coletados para a execução da pesquisa, poderão ser disponibilizados para que o Grupo Pôr do Sol e o Festival de Folclore de Quinta do Sol façam uso para divulgação, pesquisa, construção de material técnico-educacional. Bem como, estarei à disposição para qualquer contato para parcerias de atividades acadêmicas (palestras, *workshops*), tendo em vista que a função do historiador público é também colaborar com a divulgação histórica em parceria com os públicos.

Desde já fico à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Cordialmente,

Fernando Fonseca de Melo
Mestrando do PPGHP-Unespar